



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Laura Salette Loureiro Tavares

**Uma análise da estrutura retórica de um gênero em português:
a comunicação em VHF a bordo de navios**

Rio de Janeiro

2016

Laura Salette Loureiro Tavares

**Uma análise da estrutura retórica de um gênero em português:
a comunicação em VHF a bordo de navios**



Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEH/B

T231 Tavares, Laura Salette Loureiro.
Uma análise da estrutura retórica de um gênero em português: a
comunicação em VHF a bordo de navios / Laura Salette Loureiro
Tavares. – 2016.
162 f.: il.

Orientador: André Crim Valente.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Jargão - Teses. 2. Jargão (Terminologia) –
Teses. 3. Marinha mercante – Terminologia – Teses. 4. Análise do
discurso – Teses. I. Valente, André Crim. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.866:359

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Laura Salette Loureiro Tavares

**Uma análise da estrutura retórica de um gênero em português: a comunicação em VHF
a bordo de navios.**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 28 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa

Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr^a. Lucia Helena Lopes de Matos

Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia; à minha mãe, Lourdes; ao meu pai, Constantino; ao meu filho amado, Pedro e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela fé que mantém viva e fiel à vida honesta de trabalho e estudo.

À minha família querida, que soube compreender minha ausência nos momentos desde o ingresso no doutorado, até a conclusão desta tese.

Ao meu filho amado, que é o melhor presente de Deus em minha vida e fonte de inspiração para meus planos.

Aos meus pais, por suas sábias lições de esperança e apoio incondicional.

Ao meu namorado Joaquim, pela paciência e incentivo durante toda a pesquisa.

À minha irmã Renata Lúcia, por acreditar e encorajar meu estudo.

Aos meus irmãos Eduardo e Júlio, pelo carinho dispensado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Crim Valente, pela confiança no meu trabalho, pela generosidade ao apontar caminhos e pela sua contagiante energia criadora.

À ilustre comissão julgadora pela atenção dispensada e sugestões compartilhadas.

Aos outros professores deste Programa de Pós-Graduação, pelo saber compartilhado.

Aos funcionários deste Programa, pela gentileza e simpatia.

À amiga Tânia por toda atenção e boa vontade dispensadas.

Aos funcionários do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha pelo auxílio prestado.

A todos os meus amigos.

Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão, nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.

Leonardo da Vinci

RESUMO

TAVARES, Laura Salette Loureiro. *Uma análise da estrutura retórica de um gênero em português: a comunicação em VHF a bordo de navios*. 2016. 162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente estudo tem por objetivos identificar e analisar os movimentos retóricos de comunicações em VHF entre navios, com base no modelo CARS (*Create a Research Space*) de John Swales (1990), originalmente criado para introduções de artigos de pesquisas; o jargão náutico usado na construção das transmissões e seus propósitos comunicativos subjacentes; além dos elementos lexicais mais recorrentes, neste gênero oral, baseados nos conceitos de Halliday e Hasan (1976, 1989) e Marcuschi (1992, 2002), mais especificamente as repetições encontradas nos textos. As transmissões em VHF descrevem cinco tipos de procedimentos básicos: “Troca” (*Exchange*), “Aviso” (*Broadcast*), “Perigo” (*Distress*), “Urgência” (*Urgency*) e “Segurança” (*Safety*). Este estudo foi conduzido com base na análise de trinta e sete textos simulados de comunicações em VHF, que foram traduzidos para língua portuguesa, utilizando como base o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima em português. Os textos foram retirados de livros técnicos de inglês marítimo e manuais, utilizados por oficiais de Náutica da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Além disso, foram realizadas quatro entrevistas com profissionais de Ciências Náuticas, para confirmar hipóteses sobre a relevância da comunicação a bordo e o uso do jargão náutico. A análise dos textos revela elementos obrigatórios e opcionais nas transmissões e sugere que as mudanças em suas estruturas são principalmente lexicais. Os resultados mostram, também, que cada movimento possui um conjunto de funções próprias, realizadas pelas escolhas léxico-gramaticais específicas.

Palavras-chave: Comunicação em VHF. Gênero Discursivo. Comunidade Discursiva. Jargão Náutico.

ABSTRACT

TAVARES, Laura Salette Loureiro. *An analysis of the rhetorical structure of a genre in Portuguese: the VHF communication on board ships*. 2016. 162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This study identifies and analyzes the rhetorical structure of VHF communications among ships, based on John Swales' model CARS (*Create a Research Space*)(1990), originally made for the analysis of introductions in research articles ; the sea jargon used in the construction of the transmissions and the communicative purposes underlying them and the most recurrent lexical elements in this oral genre, based on the concepts of Halliday and Hasan (1976, 1989) and Marcuschi (1992, 2002), especially the repetitions found in the texts. The VHF communications describe five types of basic procedures: Exchange, Broadcast, Distress, Urgency and Safety. This study was conducted based on the analysis of thirty seven simulated texts of VHF communications which were translated into Portuguese, using a standardized vocabulary in that language. The texts were taken from course books and manuals used by Deck Officers at the Merchant Marine Academy. Moreover, four interviews were conducted with four professionals specialized in Nautical Sciences in order to confirm some hypothesis on the importance of communication on board ships and the use of the sea jargon. The analysis of the messages shows mandatory and optional elements in the transmissions and suggests that the variations in the structures are primarily lexical. The results also show that each movement possesses its own set of functions that are carried out by lexical and grammatical choices.

Keywords: VHF Communication. Discourse Genre. Discourse Community. Sea Jargon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Resumo dos procedimentos de comunicação	60
Figura 2 -	Representação das transmissões “Troca” e “Aviso”	81
Figura 3 -	Representação da transmissão “Segurança”	91
Figura 4 –	Vocabulário Náutico: amarras e cabos de atracação	154
Tabela 1 –	Escala de Ventos Beaufort	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa	40
Quadro 2-	Movimentos Retóricos: Transmissão “Troca”	72
Quadro 3-	Movimentos Retóricos: Transmissão “Aviso”	72
Quadro 4-	Movimentos Retóricos: Transmissões “Perigo” e “Urgência”	72
Quadro 5-	Movimentos Retóricos: Transmissão “Segurança”	72
Quadro 6-	Exemplo de Transmissão “Troca”	73
Quadro 7-	Exemplo de Transmissão “Aviso”	74
Quadro 8-	Exemplo de variações na mudança de canal	78
Quadro 9-	Representação da estrutura retórica da transmissão “Troca”	81
Quadro 10-	Representação da estrutura retórica da transmissão “Aviso”	82
Quadro 11-	Exemplo de Transmissão “Perigo”	83
Quadro 12-	Exemplo de Transmissão “Urgência”	84
Quadro 13-	Representação da estrutura retórica da transmissão “Perigo”	89
Quadro 14-	Representação da estrutura retórica da transmissão “Urgência”	89
Quadro 15-	Exemplo de Transmissão “Segurança”	91
Quadro 16-	Representação da estrutura retórica da transmissão “Segurança”	93
Quadro 17-	Frequência dos itens lexicais no <i>corpus</i>	95
Quadro 18-	Exemplo do uso do item “câmbio” na transmissão	97
Quadro 19-	Exemplo do vocábulo “câmbio”: ordenação dos turnos	98
Quadro 20-	Propósito comunicativo dos nomes de navios	101
Quadro 21-	Exemplos de vocábulos indicadores de mensagens	103
Quadro 22-	Vocábulos “Instrução”, “Aviso” e “Informação”	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATNO	Atualização de Náutica para Oficiais
CARS	Create a Research Space
CIAGA	Centro de Instrução Almirante Graça Aranha
CIABA	Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar
CoPeCod	Comissão Permanente do Corpo Docente
COSMM	Centro de Operação do Serviço Móvel Marítimo
CT	Configuração Textual
EFOMM	Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante
EROG	Especial Rádio Operador Geral
FM	Frequency Modulation
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
IMO	International Maritime Organization
ITU	International Telecommunication Union
MHz	Megahertz
NE	Nordeste
OCQN	Oficial Chefe de Quarto de Navegação
OMI	Organização Marítima Internacional
PREPOM	Programa de Ensino Profissional Marítimo
PREST	Programa de Estágio
RENEC	Rede Nacional de Estações Costeiras
SMCP	Standard Marine Communication Phrases
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
VHF	Very High Frequency
VTS	Vessel Traffic Service

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	REVISÃO DA LITERATURA	19
1.1	Estudo de gêneros discursivos	19
1.1.1	<u>Gênero textual: a concepção teórica de John Swales</u>	21
1.1.2	<u>Marcuschi e o conceito de gênero</u>	25
1.1.3	<u>O gênero na abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional</u>	29
1.1.3.1	A Coesão lexical.....	32
1.2	A definição de comunidade discursiva por Swales	33
1.2.1	<u>O novo conceito de comunidade discursiva</u>	35
1.3	O conceito de propósito comunicativo por Swales	37
1.4	O modelo CARS de John Swales	39
1.5	Ingedore Koch: linguagem e 'inter-ação'	41
1.6	O jargão	48
1.7	O linguajar Náutico	53
1.8	A comunicação em VHF	57
1.8.1	<u>“Troca” (‘Exchange’)</u>	58
1.8.2	<u>“Aviso” (‘Broadcast’)</u>	58
1.8.3	<u>Comunicações de risco: “Perigo” (‘Distress’), “Urgência” (‘Urgency’) e “Segurança” (‘Safety’)</u>	59
1.9	O ambiente multicultural a bordo de navios	60
2	METODOLOGIA	63
2.1	O contexto institucional e os profissionais de náutica	65

2.2	A entrada em campo	67
2.3	O <i>corpus</i> e a coleta de dados	67
2.4	O tratamento dos dados	68
3	ANÁLISE DOS DADOS	71
3.1	Transmissões “Troca” e “Aviso”	73
3.2	Transmissões “Perigo” e “Urgência”	83
3.3	Transmissão “Segurança”	90
3.4	Itens lexicais recorrentes no gênero	93
3.4.1	<u>O vocábulo “câmbio”</u>	97
3.4.2	<u>Os nomes de navios</u>	99
3.4.3	<u>Os vocábulos indicadores dos tipos de mensagens</u>	102
3.5	As entrevistas	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXO A	125
	ANEXO B	126
	ANEXO C	156

INTRODUÇÃO

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em *signos*, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística.

(Dino Preti, 2003)

De acordo com Ortiz (1983, p.2), a língua foi feita para comunicar, portanto para ser compreendida, decifrada. O universo social, por sua vez, é, para o autor, um sistema de “trocas simbólicas”, e a ação social, um ato de comunicação. Porém, algumas formas de linguagem limitam-se a certos grupos, sendo de exclusiva compreensão daquele grupo, como é o caso do jargão náutico, linguagem usada pela comunidade mercante em seu contexto profissional da qual trataremos neste estudo.

Segundo o dicionário Houaiss (2001, p.1675), jargão é o código linguístico próprio de um grupo profissional ou sociocultural com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados. Ferreira (2009, p.803) apresenta três definições para o vocábulo jargão, a saber: linguagem corrompida, língua estrangeira que não se compreende e gíria profissional. Caldas Aulete (1987) também define jargão como uma linguagem viciada, além de afirmar ser uma linguagem própria de um grupo profissional ou sociocultural, com vocabulário específico, difícil de ser entendida para quem não se iniciou nessa prática; uma linguagem usada por um grupo mais ou menos fechado, com convenções próprias justamente para não ser entendido por quem não pertence a esse grupo. Burke e Porter (1997, p.56) afirmam que “O jargão tem seus usos legitimados atuando como uma estenografia profissional, mas também gera uma verbosidade mistificadora que é obscura para o público.”.

O linguajar náutico, além de vasto e original, é, sem dúvida, singular. Um relato de uma ocorrência a bordo de uma embarcação ou uma conversa entre membros da comunidade mercante torna-se estranho e até mesmo ininteligível para quem não conhece o jargão do mar.

Com o crescimento do comércio marítimo internacional e o desafio das tripulações mistas, multiculturais e multilinguais a bordo de navios, fez-se necessária a criação de uma fraseologia básica que pudesse ser usada pela comunidade mercante, para auxiliá-la na

condução de embarcações, evitar mal entendidos em comunicações entre tripulantes de navios e operadores de estações¹, prevenir acidentes, salvar vidas e proteger o meio ambiente. Foi criado, então, pela OMI², o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima. Esse jargão específico é usado no mar, no interior e na aproximação de portos e nas vias navegáveis ao redor do Brasil e do mundo.

O jargão marítimo é composto de palavras, frases, siglas e termos técnicos referentes à navegação. É usado nas interações da comunidade marítima em contextos profissionais distintos, tais como: manobras de navios, instrução sobre manuseio de carga, salvamento e resgate, informações sobre condições do tempo e da navegação, entre outros. Neste estudo analisaremos o jargão náutico usado nas comunicações entre tripulações de navios. Esse vocabulário padrão é uma tradução da versão em inglês, *Standard Marine Communication Phrases*–SMCP (Vocabulário Padrão de Navegação Marítima³), e é empregada na construção da estrutura retórica de um gênero oral muito importante a bordo de embarcações, a comunicação em VHF⁴. Ao usar esse vocabulário para construir as comunicações em VHF, a comunidade mercante é capaz de fazer solicitações, transmitir informações, dar instruções e dar avisos, fazer recomendações, expressar intenções, descrever as condições do tempo e da navegação.

¹ A RENE (Rede Nacional de Estações Costeiras) presta serviço de radiocomunicação comercial pública terra-bordo-terra e, em colaboração com a Marinha do Brasil, dá apoio à segurança da navegação e à salvaguarda da vida humana no mar, através do Centro de Operações do Serviço Móvel Marítimo (COSMM), situado em Guaratiba, Rio de Janeiro. (<https://www.mar.mil.br/dhn/09-Cap08-Apoio-Costeiro-NE.pdf>)

² A Organização Marítima Internacional (*International Maritime Organization* – IMO) é a agência especializada das Nações Unidas, tendo como objetivo instituir um sistema de colaboração entre governos no que se refere às questões técnicas que interessam à navegação comercial internacional, bem como encorajar a adoção geral de normas relativas à segurança marítima e à eficácia da navegação. Compete à OMI, igualmente, estimular o abandono de medidas discriminatórias aliadas à navegação internacional, examinar questões relativas às práticas desleais de empresas de navegação, tratar de assuntos relativos à navegação marítima apresentados por outros órgãos das Nações Unidas e promover o intercâmbio, entre os governos, de informações sobre questões estudadas pela Organização. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_Mar%C3%ADtima_Internacional).

³ O Vocabulário Padrão de Navegação Marítima foi criado para auxiliar na maior segurança da navegação e na condução dos navios. Além disso, visa a padronizar a linguagem usada na comunicação no mar, na aproximação de portos, nas vias navegáveis e no interior dos portos. Pretende-se que ele se torne uma linguagem aceitável para a troca de informações entre indivíduos de todas as nações marítimas, nas muitas e variadas ocasiões; em que significados precisos ou traduções duvidosas são cada vez mais frequentes nas condições atuais. A utilização do conteúdo do vocabulário deve ser feita tão frequentemente quanto possível, com prioridade sobre outras palavras ou frases de significado equivalente. - Ministério da Marinha- Diretoria de Portos e Costas- Ensino Profissional Marítimo, 1977./ (www.imo.org/.../Standard_Marine_Communication_Phrases).

⁴ VHF é a sigla para o termo inglês Very High Frequency (Frequência Muito Alta), que designa a faixa de radiofrequência de 30MHz a 300MHz, sendo usada em comunicação a curta distância como, por exemplo, a televisão. (SILVA, 2011).

Essas comunicações têm uma estrutura simples e repetitiva⁵, com formato estrutural distinto das comunicações usuais, não apresentando, por exemplo, situações de sobreposição de vozes entre participantes durante a interação (KOCH, 1995), ou seja, nessas transmissões em VHF, enquanto o falante transmite a mensagem, o ouvinte não tem a chance de interrompê-lo, a menos que autorizado pelo primeiro através de um comando representado por um léxico específico. Esse método de comunicação é conhecido a bordo como “simplex⁶”.

Há vários anos trabalhando em uma instituição superior ligada à atividade mercante, CIAGA⁷, e analisando o jargão náutico usado por oficiais de náutica na construção das comunicações em VHF, observamos que muitos profissionais, por serem membros iniciantes sem experiência a bordo, desconhecem a estrutura retórica desse gênero oral e os possíveis contextos comunicativos em que pode ser usado. Essas transmissões envolvem situações imprevisíveis, podendo sofrer adaptações, tais como, acréscimos ou omissões de termos, de modo a atender aos interesses e às necessidades desse grupo, como confirmado em entrevistas feitas com profissionais de Náutica⁸ da Marinha Mercante, com vasta experiência a bordo de navios. É importante salientar que o desconhecimento das características do gênero, pelos membros iniciantes, e sua falta de prática a bordo, comprometem a segurança da navegação, pois, no caso de um navio estar à deriva, por exemplo, indo em direção ao porto, ou, por outro lado, no caso de um navio à deriva em rumo contrário ao porto, haveria duas comunicações distintas. Caso o oficial transmita a mesma mensagem em ambas as situações, colocará em risco a tripulação, os passageiros e o porto. As situações correspondem a dois eventos comunicativos distintos.

⁵ Segundo Halliday e Hassan (1976) a repetição é um elemento coesivo. Os autores postulam a existência de cinco tipos de relações coesivas responsáveis pela continuidade semântica do texto. Essas relações são asseguradas por elementos que interligam as sentenças, os quais os autores denominam de elos coesivos. A partir de elos gramaticais e semânticos, classificaram essas relações em cinco categorias, a saber: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical.

⁶ De acordo com Silva (2011), no sistema *Simplex*, duas estações transmitem e recebem em uma só frequência, o que obriga a alternância de conversação com o uso da expressão “câmbio”, enquanto no sistema *Duplex*, as estações transmitem e recebem em frequências diferentes (a frequência de transmissão de uma estação é a frequência de recepção da outra e vice versa). Dessa forma, a conversação desenrola-se como quando usamos o telefone comum, em que podemos falar e simultaneamente ouvir. Normalmente, as comunicações marítimas, entre navios, são feitas pelo sistema *Simplex*.

⁷ O Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, (CIAGA) é o complexo de instalações que mantém a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM). Foi criado na década de 70 devido ao grande aumento da demanda de profissionais do setor mercante. O Rio de Janeiro foi escolhido como uma das sedes desse centro de instrução devido à proximidade com importantes departamentos da Marinha Brasileira, (www.mar.mil.br/ciaga-inicio.htm)

⁸ Um oficial Náutico é um profissional pertencente ao escalão de oficiais da carreira de pessoal de convés da Marinha Mercante. Conforme a sua categoria, a bordo de um navio, um oficial Náutico pode exercer as funções de Comandante, de Imediato ou de Oficial Chefe de quarto de navegação (OCQN) (https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficial_Náutico).

Com base nisso, percebemos a necessidade de analisar e compreender em que situação comunicativa essa fraseologia específica poderá ser usada e quais são suas características, pois os livros e manuais que tratam do Vocabulário Padrão, não enfatizam a importância do contexto e ainda apresentam, em alguns casos, uma mesma frase em situações diferentes, sem explicações mais detalhadas de seu uso.

Dentre os fatores que justificaram este estudo estão: a) a dificuldade que os profissionais iniciantes têm em usar as frases-padrão na construção de mensagens em VHF, por desconhecerem suas características e as diferentes situações em que podem ser aplicadas; b) o entendimento da estrutura retórica dessas mensagens em VHF e suas especificidades, para que os profissionais de Náutica não as memorizem simplesmente e conscientizem-se da importância de seus propósitos e seus contextos comunicativos; c) a contribuição para o aprimoramento dos Oficiais Náuticos em suas funções a bordo de navios, para evitar “erros humanos” e mal entendidos durante as comunicações orais, assegurando, assim, a vida de pessoas e a preservação do meio ambiente.

Para fins deste estudo, foram formuladas algumas perguntas de pesquisa, a saber:

- 1) Qual o macro-propósito desse gênero oral (a comunicação em VHF)?
- 2) Quais são seus possíveis movimentos retóricos e seus passos obrigatórios e opcionais?
- 3) Quais os elementos lexicais mais recorrentes nesse tipo de transmissão e quais são os seus intentos comunicativos?

Esta pesquisa visa a proporcionar meios para que o Oficial Náutico, ao familiarizar-se com a estrutura das comunicações em VHF e os possíveis contextos comunicativos em que se realiza, consiga minimizar dificuldades e facilitar a inteligibilidade, quando interagir com tripulações mistas a bordo de navios, nas mais diferentes circunstâncias. Ainda, os objetivos específicos são: a) identificar padrões organizacionais retóricos responsáveis pela realização prática do gênero; b) discriminar os lexemas recorrentes e seus propósitos comunicativos e; c) mostrar a relevância do jargão náutico na construção de transmissões em VHF.

Este estudo tem natureza qualitativa e características de etnografia. Para Lüdke e Meda (1986, p. 14), “um dos fatores fundamentais desse tipo de pesquisa é o contato direto e constante com o cotidiano dos sujeitos investigados”, isso porque eles sofrem influências do contexto, o que pode acarretar mudanças durante o processo de coleta de dados. Outrossim, este trabalho implica uma observação direta das atividades de profissionais de

Náutica, da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante, a realização de entrevistas com especialistas para captar suas experiências a bordo de navios, interagindo com tripulantes de outras embarcações e operadores de estações costeiras, utilizando o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima. Como afirma Mattos (2001, p.2):

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária, estuda ainda os fatos e/ou eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos.

Em relação à coleta de dados, usamos trinta e sete transcrições simuladas de comunicações em VHF, traduzidas de livros e manual que tratam estes tipos de comunicações a bordo. Cabe ressaltar que as mensagens descrevem fatos acontecidos ao redor do mundo, envolvendo embarcações mercantes, em situações de risco ou não. As traduções foram feitas com base no Vocabulário Padrão de Navegação Marítima em português (DPC, 1982).

Com a análise das mensagens, pudemos identificar os movimentos e passos (SWALES, 1990) mais comuns desse gênero oral e estabelecer generalizações a respeito de sua organização retórica. Através de uma contagem manual, identificamos, também, os itens lexicais mais recorrentes, os elementos textuais obrigatórios e opcionais, além de seus propósitos comunicativos.

As comunicações são estudadas com base em duas perspectivas: a da análise do gênero, em que procuramos discriminar seus movimentos e passos (SWALES, 1990), chegando à organização retórica que representa as diferentes realizações e tipologias das transmissões, a saber: “Troca” (*Exchange*), “Aviso” (*Broadcast*), “Segurança” (*Safety*), “Urgência” (*Urgency*) e “Socorro” (*Distress*); e do estudo do léxico mais recorrente, dos elementos coesivos e suas funções nas comunicações.

Esta pesquisa utiliza a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1976, 1989) para o estudo das repetições e, em interface, serão adotados os conceitos de Swales (1990,1998) e Marcuschi (2002) para a análise do gênero. Para mais, usaremos conceitos de Koch (1995, 2013) sobre a análise e organização do discurso e de coerência textual, além da concepção de Burke e Porter (1997), sobre jargão. Outros autores serão citados, também, para complementar este estudo.

Esperamos que, com a descrição e o entendimento das peculiaridades de um gênero oral particular, usado exclusivamente pela comunidade mercante, em seu contexto profissional, este estudo possa ser mais uma contribuição para a otimização da comunicação entre tripulantes de navios e uma forma de conscientizá-los da importância do uso do jargão

náutico na construção de transmissões em VHF. Igualmente, esperamos que esta pesquisa venha a possibilitar futuras investigações sobre a análise de gêneros em outros contextos profissionais.

No capítulo seguinte trataremos da fundamentação teórica que norteia o presente estudo.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Considerando que os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Gêneros textuais não são frutos de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

(Luíz Antônio Marcuschi, 2003, p.35).

1.1 Estudo de gêneros discursivos

Existe hoje em dia uma extensa literatura na área de gêneros textuais, porém o assunto não está exaurido. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais, tornou-se comum falar do uso de diferentes gêneros nas instituições de ensino. Contudo, ao revisarmos a literatura, verificamos que relevantes questões teóricas ligadas à ideia de gênero ainda necessitam de um estudo mais minucioso, pois o conceito ainda não está claro. As muitas abordagens também já parecem concordar com a visão de gênero como entidade sócio comunicativa e não apenas uma entidade formal.

Segundo Bakhtin (1929, 2003), os gêneros do discurso resultam em formas padrão “relativamente estáveis” de enunciados, determinadas sócio-historicamente⁹. O autor afirma que só nos comunicamos, falamos e escrevemos através de gêneros do discurso. No entanto, ainda não é fácil chegar a um acordo quando se consideram os critérios definidores do gênero.

A análise de gênero pode servir como um meio para identificar como estes diferem entre si, de uma cultura para outra e também verificar que gêneros já estabelecidos estão sujeitos a mudanças, como estas possibilitam o aparecimento de novos gêneros. Segundo Bakhtin (2003, p.106): “O gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Esta passagem, de certo modo, explica o “relativamente estável”, pois tanto a sociedade como os gêneros modificam-se para atender às necessidades da sociedade. É

⁹ Bakhtin (2003, p.279) define gênero como “tipos de enunciados relativamente estáveis” quanto ao conteúdo, à construção composicional e ao estilo. Para ele, o conceito de estilo está ligado ao gênero do discurso. Isto é, o estilo é um dos elementos constitutivos da genericidade, o que o leva a afirmar que “onde há estilo há gênero.”

importante ressaltar que os gêneros sofrem mudanças em consequência do momento histórico em que se apresentam. Cada situação social dá origem a um gênero com suas características próprias. Como existem inúmeros eventos comunicativos que são possíveis por causa da utilização da língua, pode-se depreender que vários também serão os gêneros.

Alguns autores de linhas teóricas chegaram a um acordo em certos aspectos. É consensual, por exemplo, que, de acordo com Silva (1997, p.89), “os gêneros são produtos culturais, sociais e históricos, que passam a existir a partir de determinadas práticas sociais.” (SILVA, 1997, p.89). Para Bonini (2001, p.8), “O fato de que a língua, do ponto de vista de sua práxis, reflete, através do gênero principalmente, os padrões culturais e interacionais da comunidade em que está inserida”. Skulstad (1999, p.285) afirma que, “É importante considerar a relação entre língua e cultura em geral, entre padrões de uso e normas da língua e identidades de comunidades discursivas nos quais esses gêneros e padrões retóricos são usados”.

A dificuldade de apreender a noção de gênero está na multiplicidade das questões envolvidas, sejam elas terminológicas ou conceituais (SILVA, 2005). A literatura registra várias definições distintas. Para Brandão (2002), existe um excessivo uso de termos como gêneros, tipos, modos, modalidades de organização textual e espécies de textos e de discursos. Miller (2012, p.61) sustenta que a análise de gênero tornou-se importante para a compreensão do discurso das disciplinas e do local de trabalho e há muitos anos o conceito de gênero tem feito parte da pesquisa acadêmico-científica.

Com este estudo, objetivamos mostrar a complexidade dessa questão, baseados em Swales (1990), cuja pesquisa é ainda uma das mais importantes referências no estudo desse tema. Sua obra é especialmente voltada para a aplicação em análise de gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais.

Seus trabalhos tratam dos conceitos-chave na análise de gêneros textuais e as práticas sociais que subjazem ao gênero. Suas pesquisas aplicadas visam a desenvolver entre aprendizes o conhecimento de gêneros textuais e a capacidade de produzir textos que realizam de modo eficaz as peculiaridades do gênero.

Para Swales (1990), o gênero é “uma classe de eventos comunicativos”, cujos membros compartilham os mesmos intentos comunicativos, que estariam condicionados por comunidades mais concretas, com mecanismos de comunicação, membros associados e regras de aceitação.

Assim, é importante dizer que um gênero sempre se produz dentro de uma comunidade, que irá determinar escolhas e estilos, e que irá, no evento da comunicação, pressupor

conhecimentos e buscar cumplicidade dos participantes. Bonini (2001, p.12) afirma que:

As comunidades discursivas, por sua vez, são redes sociorretóricas que se formam mediante certos objetivos comuns, dando origem, mediante tais objetivos, a gêneros que passam a funcionar como elementos que as caracterizam. Uma das condições para participar de uma comunidade discursiva, então, é dominar razoavelmente os gêneros que ela detém.

Ainda, “os gêneros não são eventos fixos, isolados que se excluem mutuamente”, sendo que podemos agrupá-los a partir do estabelecimento de diferentes critérios, mesmo que alguns de seus elementos, considerados inerentes à sua constituição formal, não estejam presentes (POSSAMAI; LEIPNITZ, 2007, p.21).

1.1.1 Gênero textual: a concepção teórica de John Swales

Passamos aqui a descrever a abordagem idealizada por John Swales (1990) para o estudo e a análise de gêneros textuais. Para o autor, o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser internamente compreendido e interpretado apenas por meio de uma análise de elementos linguísticos. Ademais, Swales (1990) argumenta que o conhecimento que envolve o texto em si é insuficiente para quem necessita redigir no contexto acadêmico. A partir dessa visão, ele começa a se voltar para o conceito de gênero, pois acredita que conhecer o gênero é fundamental para quem trabalha com textos em situações profissionais.

A ideia de gênero sugerida pelo estudioso é uma mistura de tradições de diversos campos de investigação. Uma das influências vem de pesquisas sobre as variedades funcionais do inglês. Sintaxe, discurso e retórica, por exemplo, fazem parte do enfoque linguístico que, para Swales (1990), deve ser integrado na abordagem de gêneros. Outra vem de estudos das quatro habilidades na aprendizagem, mais especificamente das estratégias usadas para a leitura, com objetivos variados. O que importa para o autor é o fato de que as práticas de leitura dependem da situação de leitura, por exemplo, as estratégias processuais de leitores que conhecem bem a área na qual costumam ler.

Uma terceira influência é a pesquisa na área de aprendizagem e em particular as abordagens de noções e funções, que contam na sua visão de gênero, especialmente por causa dos fatores do propósito comunicativo da linguagem e as necessidades do aprendiz. Para o autor é errôneo pensar que cada enunciado realiza uma função e tem apenas uma função. Pelo contrário, uma função pode ser realizada por mais de um enunciado e um

enunciado pode ter mais de uma função, dependendo dos propósitos do falante.

A análise do discurso constitui mais uma influência no pensamento de Swales (1990), que explora, por exemplo, os aspectos da estrutura temática, a coesão, a coerência e os macro-padrões de discurso. O autor acredita que fazer uma análise direta de cada texto, explorando a estrutura temática e outros elementos textuais, é positivo para a aprendizagem.

Swales (1990) tem a preocupação de esclarecer que falta clareza ao conceito de gênero. Um dos problemas em relação ao conceito é que o gênero é visto como sendo resumido em uma fórmula textual e isso faz com que seu uso não seja produtivo e seja criticado. O autor utiliza quatro perspectivas teóricas sobre gênero textual para delimitar a sua visão de gênero, partindo de diferentes campos de estudo. Inicia com estudos de folclore. Para o autor, a importância desse campo de investigação é que nele se faz uma classificação de gêneros e, dessa forma, tem-se uma ferramenta de pesquisa no sentido de poder arquivar textos. Swales (1990) verifica, também, que a classificação feita pelos estudiosos de folclore considera os tipos ideais e não textos reais, os quais podem se desviar do ideal.

Além disso, Swales (1990) destaca o valor sociocultural do folclore. Os gêneros teriam um valor sociocultural, à medida que atendem às necessidades sociais e espirituais dos grupos sociais; é imprescindível para o pesquisador perceber como a comunidade entende os gêneros. Os ensinamentos que o estudioso tira dos folcloristas são: a) classificar os gêneros pode ser útil em termos de oferecer uma tipologia; b) uma comunidade percebe e entende os gêneros textuais como meios para alguma finalidade; c) a impressão que a comunidade tem sobre como interpretar um texto é muito valiosa para quem analisa o gênero.

Outro campo de estudos que possibilitou definições claras a respeito de gêneros textuais é o de estudos literários. Enquanto os folcloristas dão importância à permanência da forma, os críticos e teóricos da literatura enfatizam a sua ausência de estabilidade. Há uma preocupação em mostrar como as convenções são quebradas por autores que determinam significado próprio e originalidade em sua obra. Ao se desviar das convenções, desrespeitar as normas, indica que existem preceitos que estão sendo transgredidos. Igualmente, o que mantém as normas claras e em vigor é a própria ação da violação. No que concerne aos estudos literários, Swales (1990) enfatiza diversos pontos, tais como: a evolução dos gêneros; as variações nos exemplares de gêneros; o papel do autor e da sociedade, que determina mudanças, seguindo ideologias.

Um terceiro campo de estudos que tem grande influência nos estudos de gêneros textuais é a Linguística. O pesquisador menciona que muitos linguistas relutam quanto ao uso do termo “gênero” por associarem-no aos estudos da literatura. Outra razão da pouca atenção

dada ao gênero nessa área é que há uma tendência a se fazer uma análise linguística ao nível da frase e não ao nível do texto, ao contrário dos estudos de gênero. Porém, os linguistas que seguem uma linha sistêmica agregam conhecimentos aos estudos de gêneros textuais.

Outra discussão sobre gênero vem da linguística sistêmico-funcional de Halliday (1994). Um conceito importante na teoria sistêmico-funcional é o registro, que, apesar de se fundir com o gênero, já é visto como tendo suas próprias atribuições. Registro é entendido como variação na linguagem, em que grupos de traços linguísticos são correlacionados com traços recorrentes em algumas situações. Os termos campo, relação e modo são usados para definir as variáveis de registro. Segundo Martin (1985, p.250), “Os gêneros são a forma pela qual se fazem as coisas quando a linguagem é usada para realizá-las”. Para Swales (1990), os gêneros limitam as combinações de campo, relação e modo. Para exemplificar, uma receita culinária e um atendimento ao cliente têm três determinadas características em função da sociedade e da cultura dos usuários do gênero e apresentam certas combinações das três variáveis de registro com determinados traços linguísticos. Nessa perspectiva, “a linguagem realiza o registro e o registro realiza o gênero” (SWALES, 1990, p.40). Além disso, Swales (1990) reforça a ideia defendida por Martin (1985) de que gêneros realizam propósitos sociais e observa, ainda, que a realização de um gênero se faz através do discurso e por isso a análise de estruturas discursivas se integra na abordagem de estudos de gêneros.

O quarto campo que oferece contribuições para a análise de gêneros é o dos estudos da Retórica. A primeira contribuição vem do interesse da retórica pela classificação dos vários tipos de discursos, ilustrados pelas categorias de expressivo, persuasivo, literário e referencial, propostas por Kinneavy (1971). Swales (1990) se alinha com os estudiosos que consideram o contexto do discurso. Ademais, o autor prefere uma abordagem analítica, que estuda os exemplares de gêneros para chegar a fatores retóricos que de outra forma poderiam passar despercebidos. Ele menciona Miller (1984), que sugere a necessidade de perceber no gênero a ação social realizada por ele e não a forma discursiva. Para a autora, conhecer o gênero faz com que os membros de uma comunidade aprendam quais as finalidades que eles desejam alcançar.

Com base nesses quatro campos de estudo, Swales (1990) formula sua própria definição de gênero. Para o autor, o primeiro elemento que caracteriza os gêneros é a ideia de classe. O gênero compreende “uma classe de eventos comunicativos” (SWALES, 1990, p.58), sendo o evento uma situação onde a linguagem verbal tem um papel extremamente importante. O evento comunicativo é constituído do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido.

A segunda característica do gênero, e a mais relevante de todas, é a de que, em uma

classe de eventos comunicativos, os eventos compartilham um propósito comunicativo. Isso se dá em função da ideia fundamental de que o propósito pode não estar manifestado e, portanto pode ser de difícil identificação; no entanto, para Swales (1990), esse fato torna a investigação cuidadosa ainda mais importante para que se evite uma classificação superficial. Em sua obra *Genre Analysis*, Swales (1990) defende que o propósito comunicativo é o critério mais relevante, por motivar uma ação e estar vinculado ao poder.

A terceira característica do gênero é a prototipicidade, pois um texto será classificado como sendo do gênero se tiver os traços especificados em sua definição. De acordo com Gonçalves (2012, p.5), “Para se classificar um exemplar como pertencente a determinado gênero, ou recorre-se a critérios que o classificam como tal, ou a classificação é feita por semelhança.”. Por outro lado, pode-se usar o critério da semelhança familiar para classificação no gênero, ou seja, a inclusão no gênero pode ser determinada pela semelhança com outros textos na grande família do gênero. Na perspectiva da semelhança familiar, os exemplares que mais inteiramente se integram no gênero são aqueles que parecem os mais típicos entre todos os exemplares de um grupo. Os mais característicos da classe são os protótipos.

A quarta peculiaridade do gênero está relacionada à razão ou lógica subjacente ao gênero. O gênero possui uma lógica própria porque assim serve a uma finalidade que a comunidade reconhece. Em função daquele propósito, existem algumas convenções esperadas e manifestadas no gênero. Isso significa que, segundo o seu entendimento de propósito, os membros da comunidade usam as convenções que realizam o gênero com o intento adequado. A razão, ligada às convenções do discurso, determina limitações em termos de conteúdo, posicionamento e forma. Para exemplificar, Swales (1990, p.53) usa a carta administrativa de “boas notícias” e a de “más notícias”. A primeira refere-se a uma notícia que é bem-vinda ao receptor, em relação a emprego ou bolsa, por exemplo. Os membros da comunidade tomam como certo que a notícia levada pela carta é bem aceita. Quem escreve a carta, destarte, apresenta as boas notícias logo no início, pois é a colocação mais adequada para essas notícias. Contrariamente, a carta de más notícias, no caso do emprego, é iniciada com alegações sobre as circunstâncias da empresa e a enorme quantidade de bons candidatos.

A quinta característica do gênero é a terminologia elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso. Os termos conferidos aos gêneros são indicadores de como os membros mais experientes e ativos da comunidade, que nomeiam os gêneros, compreendem a ação retórica das classes de eventos comunicativos. Swales (1990) exemplifica fazendo uma rápida análise linguística de termos usados para o gênero no ambiente acadêmico. Alguns incluem um elemento nominativo que esclarece o propósito do gênero (e.g.: “revisão” em

“sessão de revisão”); outros, ao contrário de mencionar o propósito, identificam o momento em que ocorre o evento (e.g.: “final” em “exame final”). O autor, entretanto, admite que a terminologia possa confundir o gênero. Em uma situação repetitiva, por exemplo, no ambiente da universidade, o mesmo evento comunicativo pode ser identificado com mais de um nome. Outrossim, posteriormente, enquanto os nomes dos gêneros se mantêm, as atividades relacionadas aos gêneros variam como é o caso da palestra, que às vezes deixa de ser um monólogo e passa a ser um evento interativo (SWALES, 1990).

Por isso, de acordo com Swales (1990), a análise de gênero deve considerar o comportamento comunicativo dos membros para conseguir acompanhar a evolução do gênero e para ponderar suas funções. Swales (1990, p.58) chega então à seguinte definição de gênero: “Gênero é constituído de uma classe de eventos comunicativos, que compartilham um conjunto de propósitos comunicativos [...]. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero”. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso, influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo.

O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente numa determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva e importado por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém tipicamente precisam de validação adicional.

1.1.2 Marcuschi e o conceito de gênero

A visão de gêneros como elementos de ação social caracteriza a conceituação de Marcuschi (2002, p.19). Ele afirma que os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia: São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Para o autor,

Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas [...].

De acordo com o estudioso, os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e textuais. Outrossim, são de difícil definição formal, devendo ser completados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos, caracterizados como práticas sociodiscursivas. São também formas de ação sociais relativamente estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.

As novas tecnologias ligadas à área de comunicação enfatiza Marcuschi (2002), proporcionam o aparecimento de novos gêneros textuais. A intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias são o principal motivo disso. Como afirma o autor, os suportes tecnológicos da comunicação, tais como o rádio, a TV, o jornal, a revista, a internet, por serem bastante comuns nas atividades comunicativas da esfera social, facilitam a criação de gêneros novos muito característicos. Um exemplo disso é o surgimento de novas formas discursivas tais como: editoriais, telefonemas, telegramas, telemensagens, videoconferências, bate-papos, whatsApp, facebook, redes sociais, dentre outros. Para o autor, esses gêneros novos não são inovações absolutas, pois se ancoram em outros gêneros já existentes, como o caso do correio eletrônico (e-mail) que tem nas cartas pessoais, bilhetes, os seus antecessores. O e-mail, para Marcuschi (2002), nada mais é do que o gênero emergente na mídia virtual que possui identidade própria. Tais gêneros criam formas comunicativas híbridas e desafiam as relações entre oralidade e escrita.

O linguista afirma que esses gêneros emergentes também possibilitam verificar a integração entre diferentes tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se mais plástica. Para Marcuschi (2002), alguns gêneros já possuem certo uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional evidencia os novos objetivos, sem desprezar a forma, pois muitas vezes são as formas que determinam o gênero. Porém, haverá situações em que o próprio ambiente em que os textos aparecem determinará o gênero existente.

Para o autor, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva e privilegia a natureza funcional e interativa. Além disso, afirma o caráter de indeterminação e, ao mesmo tempo, de atividade constitutiva da língua, ou seja, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade.

Marcuschi (2002) faz, também, uma distinção entre “tipo textual” e “gênero textual”.

Segundo o linguista, o tipo textual designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição e geralmente abarca um número reduzido de categorias, a saber: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. No caso do gênero textual, faz referência aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Alguns dos vários exemplos citados pelo autor são o telefonema, o sermão, a carta pessoal, o romance, o bilhete, a aula expositiva, a resenha, a piada, as aulas virtuais, dentre outros.

Marcuschi (2002) faz referência, também, à expressão “domínio discursivo” para designar uma esfera de produção discursiva ou de atividade humana. Tais domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o aparecimento de discursos bastante específicos. De acordo com o autor, constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que lhes são próprios como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. Marcuschi (2002, p.24) cita a jaculatória, que é “um gênero textual que se caracteriza por um conteúdo de um grande fervor religioso, estilo laudatório e invocatório, composição curta com poucos enunciados, voltada para a obtenção de graças ou perdão, a depender da circunstância”.

O estudioso enfatiza, também, que texto e discurso são coisas distintas. Ele define texto como uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual, ao passo que discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Segundo Beaugrande & Dressler (1997), os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Assim, para a noção de tipo textual predomina a identificação de sequências linguísticas típicas como norteadoras; já para a noção de gênero textual, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade, sendo que os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam.

Marcuschi (2002, p.29) enfatiza que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos em situações sociais particulares”. Pois, como afirma Dolz, Joaquim *et. al.* (1993, p.103), “A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que possibilita dizer que os gêneros textuais operam, em determinadas situações, como modo de legitimação discursiva, já que se

situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão apoio além da justificativa individual. Marcuschi (2002) lembra que a expressão “gênero” esteve principalmente ligada aos gêneros literários, mas que hoje é diferente e cita Swales (1990, p.33), que afirma: “Hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. Para Marcuschi (2002, p.30), “os gêneros são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano e não é possível defini-los através de certas propriedades que lhe devam ser importantes e suficientes”. Dentre os exemplos que o autor cita, está a carta pessoal que continua sendo uma carta, mesmo que a autora tenha se esquecido de assinar o nome no final e só tenha dito no início; “querida mamãe” (p. 30).

O linguista faz menção também à intertextualidade ‘inter-gêneros’ (p.31) que se evidencia como uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero e deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar várias sequências de tipos textuais, como o caso da carta citada. É esta maleabilidade, de acordo com Marcuschi, que dá aos gêneros capacidade de adaptação e ausência de rigidez.

Uma definição retoricamente correta de gênero é de que não deve centrar-se na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que ele aparece para realizar-se. Esta perspectiva é importante para a designação de vários gêneros que são definidos basicamente por seus propósitos, funções, intenções, interesses e não apenas por suas formas, apesar destas serem, também, importantes. Igualmente, muitas vezes os gêneros servem para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para uma determinada reação. Operam prospectivamente, abrindo o caminho da compreensão. Para Biber (1988), por exemplo, os gêneros são determinados com base nos propósitos dos falantes e na natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma.

Portanto, segundo Marcuschi (2002), é possível dizer que os gêneros textuais fundem-se em critérios externos (sociocomunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundem-se em critérios internos (linguísticos e formais). Para o estudioso, os gêneros são o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. Assim, inicialmente, a variação cultural pode trazer consequências importantes para a diversidade de gêneros.

1.1.3 O gênero na abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional

Algumas noções básicas da Linguística Funcional são importantes para a análise a ser desenvolvida neste estudo. Adotarei aqui uma abordagem funcional, pois estão sendo examinadas não apenas a estrutura retórica das comunicações em VHF, isto é, seus movimentos e passos constituintes, mas também a função que certos elementos possuem dentro do texto, ou seja, como são usados nestes contextos para criar significados.

O contexto teórico em que esse estudo está inserido é a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) proposta por Halliday & Hasan (1989). Outros teóricos também foram pesquisados e serão introduzidos conforme a relevância para o presente estudo.

A principal preocupação da LSF diz respeito às relações entre a linguagem e as suas funções nos contextos sociais, estabelecendo, assim, a união entre forma, função e contexto social. Para Halliday & Hasan (1989), o sistema linguístico está intimamente ligado ao uso e ao sistema social¹⁰. As análises linguísticas da Escola de Sydney utilizam as noções de campo, relação e modo, propostas por Halliday (1978) para explicar as funções da linguagem.

Na visão australiana, calcada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1978), o enfoque encontra-se tanto na estrutura global do texto como aspectos em nível de frase. Ademais, parte do princípio de que certos gêneros são privilegiados na sociedade e, dessa forma, aquele que for ensinado a fazer uso destes, poderá ascender socialmente (HYON, 1996).

A Linguística Sistêmico-Funcional vê a língua como fruto do contexto sociocultural e tem como foco o estudo da linguagem em uso. Fundamenta-se nos princípios do funcionalismo, que não separa o sistema linguístico das funções que seus elementos preenchem.

Além disso, considera o uso das expressões linguísticas na interação verbal e inclui na análise da estrutura gramatical toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, os participantes e o contexto discursivo (FIORIN, 2002). Modesto (2006, p.2) afirma que, “O funcionalismo analisa a estrutura gramatical, tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo.” De acordo com o estudioso, a teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação e postula que esta não pode ser considerada como um objeto

¹⁰ (...) *everything that is said or written unfolds in some context of use (...). Language has evolved to satisfy human needs* (HALLIDAY & HASAN, 1989).

autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística.

Atualmente o funcionalismo apresenta vários desdobramentos e estes mostram que a língua é, antes de tudo, instrumento de interação social, usada para estabelecer relações comunicativas entre os usuários. Neste contexto teórico, as habilidades e estratégias comunicativas são abordadas e analisadas tendo como base o contexto cultural em que ocorrem. Para tanto, estuda-se e descreve-se a língua a partir de produções textuais autênticas, sejam elas orais ou escritas.

Para Halliday (1994), a língua é o que é porque desempenha funções para os falantes. O autor questiona de que outro modo pode considerar-se a linguagem senão em um contexto social. Essa questão é essencial em qualquer estudo que tenha a intenção de relacionar linguagem e sociedade, visto que, no desenvolvimento de qualquer indivíduo, a língua desempenha papel fundamental, na medida em que é, por meio dela, que os indivíduos interagem em vários grupos sociais, adotando a cultura, os modos de pensar e atuar, as crenças e os valores deste grupo. Com base em tais aspectos, Halliday (1978) acrescenta que são os usos do dia a dia que servem para transmitir ao indivíduo as qualidades essenciais da sociedade e a natureza do ser social. Para o autor, “usos de linguagem” é a seleção de opções do sistema linguístico em contextos de situações reais. Não é possível ignorar a relação entre língua e sociedade, visto que uma não existe sem a outra. Não há homem social sem linguagem e não há língua sem homem social. Ao estudar a linguagem sob o ponto de vista sistêmico-funcional, percebem-se dois aspectos na análise e interpretação de textos, a saber: 1) a base teórica apoia-se em uma cadeia de sistemas de possibilidades de realizações distintas e; 2) as diversas possibilidades gramaticais de realizações estão relacionadas às funções a serem desempenhadas pelo falante.

Os construtos teóricos de Halliday & Hasan (1989) enfatizam que a língua, como sistema, oferece aos seus falantes uma gama de padrões de fala potenciais dentro de um contexto social, que molda e determina essas mesmas escolhas de acordo com a motivação, ou ainda, a função desempenhada. Para se concretizarem, esses padrões dependem do contexto social, da função desempenhada, do tipo de relação entre os indivíduos e características individuais.

O papel das escolhas léxico-gramaticais destaca-se na teoria elaborada por Halliday & Hassan (1989). De acordo com Eggins (1994), um dos fatores básicos da abordagem funcional é que o uso da língua é motivado pelas relações sociais, e as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos falantes estão condicionadas pelo contexto:

Cada escolha linguística adquire relevância quando comparada às outras opções potenciais que poderiam ter ocorrido. O conjunto desses elementos sociais e linguísticos fornecem ao falante tanto as condições necessárias para prever um enunciado, quanto para interpretá-lo, (EGGINS, 1994, p.3).

Halliday & Hasan (1989, p.5) sustentam que “o contexto é um fator determinante na produção de um texto”, do mesmo modo que a situação o é em relação ao discurso nele empregado. Para os systemicistas, segundo Martin & Eggins (1997, p.232), “o contexto parece “entrar” no texto de modo a influenciar escolhas de palavras e estruturas”.

Hasan (1989) aponta como prioridade as relações entre a organização do contexto e a da linguagem e introduz a noção de ‘estrutura genérica potencial’. A pesquisadora propõe como ponto inicial para o tipo de análise, a delimitação das variáveis contextuais campo (*‘field’* – conteúdo e natureza da atividade social), relação (*‘tenor’*- relações entre os participantes) e modo (*‘mode’* – meio e canal da comunicação); uma vez estabelecidas as características contextuais, pode-se então generalizar acerca da estrutura de um texto, pois seus elementos textuais (obrigatórios e opcionais) correspondem às exigências do contexto.

Hasan (1989) introduz o conceito de Configuração Contextual (doravante CC), cuja função é descrever o contexto onde se dá uma interação. De acordo com a autora, se um gênero pode ser encarado como uma arte da linguagem exercendo uma função em um dado contexto, dessa forma, a CC é uma descrição dos atributos significativos desse evento. Os elementos que formam a CC definem os estágios em termos de sua obrigatoriedade: 1) elementos obrigatórios de presença indispensáveis; 2) elementos opcionais, que podem ou não aparecer; 3) elementos recursivos, com a possibilidade de ocorrência em mais de um momento, bem como em termos de sua ordem, que pode ser obrigatória ou provável (HALLIDAY ; HASAN, 1989, p.56). Já o contexto da situação ou registro corresponde à relação estreita da língua com o propósito socialmente criado para usá-la (HALLIDAY ; HASAN, 1989) e está relacionado à situação imediata de realização do texto.

Nesse ambiente teórico, a relação entre texto e contexto é fundamental, porque ‘um só pode ser interpretado com referência ao outro’. O primeiro é definido por Halliday (1978, p.122) como “a realização, em termos linguísticos, das escolhas léxico-gramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro de um sistema de potenciais de significado (*‘meaning potential’*)”.

Um texto nunca ocorre isoladamente, pois se insere em um contexto situacional determinado pelo tipo de situação ou contexto social. Dessa forma, ele é produto do ambiente e funciona nesse dado ambiente. Conforme Halliday (1978, p. 245), “o sistema linguístico se organiza de tal modo que o contexto social tem a função de antecipar o texto”.

O autor ilustra dizendo que, ao chegarmos a uma reunião, somos capazes de nos situar imediatamente porque captamos o campo, as relações que se estabelecem e o modo da situação, de tal forma que somos capazes de ter uma ideia do que está sendo falado e sabemos de que registro precisamos para participar daquela situação.

1.1.3.1 A coesão lexical

Halliday & Hasan (1976) afirmam que existem cinco tipos de relações coesivas responsáveis pela continuidade semântica do texto. Essas relações são estabelecidas por elementos que ligam as sentenças entre si, as quais os estudiosos definem como elos coesivos. A partir de critérios gramaticais e semânticos, classificam essas relações em cinco categorias, a saber: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Dentre elas, trataremos apenas da coesão lexical, pois se relaciona com nosso objeto de estudo

Segundo Halliday & Hasan (1976), a coesão lexical ocorre de duas maneiras: pela reiteração ou pela colocação. A primeira refere-se ao processo textual de remissão de um segmento a outro, anterior ou posteriormente introduzido, por meio de itens lexicais iguais ou correlacionados, por exemplo, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos. A segunda refere-se ao mecanismo de associação de itens lexicais pertencentes a um mesmo campo significativo.

A reiteração é, pois, um mecanismo de coesão lexical que envolve a repetição de um mesmo lexema ou de outro a ele relacionado. No entanto, para os autores, a repetição refere-se à recorrência de um mesmo item lexical dentro do texto.

Segundo Marcuschi (1992), este é um caso de repetição lexical literal. Para o autor, a “repetição é a produção de segmentos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (1992, p.33). Marcuschi (1992) enfatiza que repetir os mesmos vocábulos em uma mesma situação, não equivale a dizer a mesma coisa. O segmento reiterado poderá apresentar determinada intenção ou expressar algo novo para que possa ser considerado como uma repetição, em termos de textualização. Isto quer dizer que se espera que a repetição aconteça para atender a uma necessidade de manutenção, sequenciação e continuidade da informação desenvolvida na superfície do texto. De acordo com o estudioso, a repetição não é um vício de linguagem, como muitos autores apontam; mas, sim, uma estratégia de monitoração e um recurso de coesão que auxilia as atitudes de compreensão e produção de informações.

Halliday & Hasan (1976) postulam que a repetição é um mecanismo capaz de retomar elementos no texto, favorecendo o seu desenvolvimento temático. De acordo com Beaugrande & Dressler (1997, p.98), “a repetição é a reiteração de um mesmo elemento em lugares distintos do texto”. Para eles, a repetição permite a estabilidade de um texto quando os termos repetidos possuem a mesma identidade referencial.

Halliday & Hasan (1976) afirmam que a repetição é um fenômeno que pode aparecer em vários níveis linguísticos, porém ressaltam que a repetição lexical, ou seja, a repetição de vocábulos ou expressões idênticas em um mesmo texto, é o meio mais claro de coesão lexical.

Além disso, os estudiosos postulam que a repetição não deve ser assimilada de forma indevida, sem explicação para se dizer a mesma coisa mais de uma vez, pois isto pode prejudicar o grau de informatividade do texto.

Halliday & Hasan (1976) sustentam, ainda, que a repetição lexical é um fenômeno bastante regular na fala espontânea. É usada em contextos onde é necessário reiterar opiniões, transmitir surpresa, negar alguma coisa que foi declarada ou quando precisamos repetir o que dizemos, quando somos interpolados por nossos interlocutores.

1.2 A definição de comunidade discursiva por Swales

O modelo de análise de gêneros discursivos apresentado por Swales (1990) é composto de três conceitos-chave: gênero, comunidade discursiva e tarefa. Por serem relevantes para o entendimento deste estudo, discutiremos, nesta seção, os dois primeiros conceitos apenas, tomando como ponto de partida a descrição mostrada por Swales (1990) e revista em trabalhos subsequentes.

A ideia de comunidade discursiva é usada em relação à produção de texto como uma atividade social, realizada por comunidades que possuem convenções específicas e para as quais o discurso faz parte de seu comportamento social. Dentro dessa perspectiva, defendida por Swales (1990), o discurso mostra o conhecimento do grupo. As convenções discursivas favorecem o ingresso de novos membros na comunidade, quer dizer, os principiantes são encorajados a utilizar adequadamente as convenções discursivas legitimadas pela comunidade.

Apesar disso, o autor cita algumas dúvidas em relação à definição de comunidade discursiva, a saber: a dificuldade em identificar tais comunidades, e os critérios utilizados para a defini-las. O autor diz ser difícil saber se ela será reconhecida pelo objetivo dos estudos da

comunidade, pela metodologia de pesquisa, pela continuidade de comunicação ou, inclusive, pelas convenções discursivas compartilhadas. De acordo com Swales (1990), o conceito de comunidade discursiva deverá ser explícito, com base em fundamentos claros o bastante para que sejam aprovados ou não por outros pesquisadores. O autor enumera seis características que podem definir comunidade discursiva e esclarece seu conceito. A primeira delas é o conjunto de objetivos públicos em comum. O fato de os objetivos serem normalmente compartilhados é o critério mais importante para identificar uma comunidade discursiva. A segunda característica está relacionada aos mecanismos de comunicação entre os participantes da comunidade. Os membros do grupo devem interagir entre si e ter recursos próprios para que se comuniquem.

A terceira apresenta a função da troca de informações. Os mecanismos de comunicação servem para transmitir informação e estimular o retorno da comunicação. Quer dizer, aquele que é membro da comunidade se envolve nas comunicações que recebe e, desse modo, participa das atividades da comunidade.

Outra peculiaridade da comunidade discursiva é a sua capacidade para desenvolver seu próprio elenco de gêneros. O uso do gênero inclui a decisão sobre quais assuntos são relevantes para o grupo, por exemplo, e quais os elementos formais do discurso devem ser ressaltados para expressar certas funções. Assim, o gênero cria expectativas sobre o discurso adequado que será usado pela comunidade. Bhatia (1993, p.134-136) afirma que:

É possível haver uma flexibilidade de estilo e composição dentro de um determinado gênero, porém os membros que o usam devem seguir certas convenções. Uma dada manifestação textual, seja ela escrita ou oral, para ser um gênero, deve considerar as características socioculturais e linguísticas que regulam a forma, o conteúdo e as escolhas léxico-gramaticais de uma comunidade específica.

Por fim, a quinta característica tem a ver com o léxico de cada comunidade discursiva, com termos que possuem um sentido específico. Entre alguns exemplos citados pelo autor, estão abreviações, por exemplo, reconhecidas dentro de comunidades específicas. Segundo Monteiro (2000, p.40): “[...] um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua.”. Fora dessas comunidades, alguns termos, siglas, vocabulário têm pouco ou nenhum sentido. Burke & Porter (1997, p.23), afirmam que: “O uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão.”. Para Calvet (2002, p.103), “Os membros de uma comunidade linguística podem falar de um modo tão semelhante que cada qual pode compreender o outro, podem se diferenciar a ponto das pessoas de regiões vizinhas chegarem a não se entender umas às outras.” O mais importante é que o léxico é compartilhado pelos membros da comunidade e exprime ideias importantes aos objetivos almejados pela

comunidade. Além disso, o autor entende que uma comunidade tem membros que guardam um conhecimento muito desenvolvido do discurso e do conteúdo que usam. Existem, inclusive, membros iniciantes que são encorajados a assimilar as convenções discursivas, para que possam participar nas atividades da comunidade.

1.2.1 O novo conceito de comunidade discursiva

O conceito de comunidade discursiva adotado por Swales (1990) provocou debates entre acadêmicos e, ao rever o conceito, o autor faz várias ponderações. Nesta seção, sintetizaremos alguns pontos no questionamento feito pelo autor em trabalhos posteriores (1992, 1993, 1998).

Um dos problemas do primeiro conceito está no fato de que a comunidade discursiva era vista como um grupo único e estável, marcado pelo acordo em suas posições. Porém, teoricamente, Swales (1993) questiona se uma comunidade discursiva é de fato um construto social ou uma ilusão que serve para generalizações para o mundo. Ademais, o conceito inicial não explicava o avanço e a novidade que evidenciam as comunidades. As comunidades procuram e aceitam novos gêneros, tópicos e questões novas, produtos novos e a criação de novos espaços de pesquisa.

Posteriormente, no livro “*Other floors, Other voices: A Textography of a Small University Building*” (1998), o autor continua a rever a ideia de comunidade discursiva. Sustenta a sua limitação sobre o conceito criado inicialmente, pois não compreende a existência de conflitos dentro de comunidades. As comunidades discursivas descritas em seu primeiro trabalho de 1990 pareciam intangíveis, sem tensões. Na realidade, porém, as tensões fazem parte de qualquer comunidade. Outrossim, faltavam mecanismos para diferenciar ou medir a abrangência do termo “comunidade discursiva”. Se considerássemos uma universidade, por exemplo, qual seria a comunidade discursiva: toda a Universidade, o Centro (de Teologia e Ciências Humanas, por exemplo), o Departamento ou a Cadeira? (HEMAIS ; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Outra restrição acerca da definição inicial é que se aplica somente às comunidades já criadas, que são os resultados observáveis ou as consequências evidentes estimuladas pela vontade de formar uma comunidade. Além disso, comunidades que estão se formando ou em fase de transição não têm gêneros que as identifiquem porque os traços linguísticos são

instáveis. Por fim, Swales (1998) diz que o conceito apresentado em 1990 teve a função de legitimar grupos já existentes, mas não proporcionou meios de verificar o processo de formação de grupos. Assim, o autor decide fazer uma revisão do que é uma comunidade discursiva, o que faz no contexto da Universidade de Michigan.

Em seu livro *“Other floors, Other voices”*, o linguista elabora uma análise minuciosa de três unidades distintas na universidade, para repensar o conceito de comunidade discursiva, que passa a chamar de “teoria de comunidade discursiva” (SWALES, 1998, p.197). Para fins deste trabalho, apresentaremos apenas alguns resultados principais dessa teoria.

A comunidade discursiva possui normas e práticas que têm uma base linguística, retórica, metodológica e ética (PORTER, 1992). Essa perspectiva permite um exame das mudanças nas comunidades, as quais são mal definidas e instáveis. Para Swales (1998) é um argumento importante, pois sugere a ideia de instabilidade discursiva e possibilita perceber que o enfoque do grupo concentra a força que une a comunidade.

Por outro lado, o estudioso julga válida a visão de Killingsworth e Gilbertson (1992), que consideram a diferença entre a comunidade discursiva local e a global. Na primeira, os membros trabalham juntos, ao passo que, na segunda, eles têm obrigação com vários tipos de ação e discursos, independentemente com quem e onde trabalham. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Com base nessa discussão, Swales (1998) sugere o conceito de comunidade discursiva de local, como um grupo de pessoas que regularmente trabalham unidas e que possuem uma noção estável dos objetivos propostos pelo grupo, apesar de estarem evoluindo. Essa comunidade desenvolve uma série de gêneros para orientar e verificar os objetivos e as sugestões do grupo. Para os membros mais antigos, esses gêneros possuem características discursivas e retóricas claras. Para esses membros, os gêneros constituem um sistema interativo com a função de validar as atividades da comunidade fora de seu campo de atividade.

Na comunidade existe um acordo em relação a ritmos de trabalho, graus de produtividade, expectativas, e os objetivos e as relações entre teoria e prática. Ademais, a comunidade desenvolve um léxico específico, por exemplo, abreviações, e possui uma ideia geral de seus valores de trabalho. A comunidade discursiva de lugar “tem noção de sua própria história e procura transmiti-la aos novos membros que ingressam na comunidade e bem como orientá-los sobre as práticas discursivas mais apropriadas” (SWALES, 1998, p.204). Cabe ressaltar, também, que existe a possibilidade de ocorrerem divergências e, inclusive, preconceito entre os membros das comunidades.

1.3 O conceito de propósito comunicativo por Swales

Swales (2004) redefine o papel de propósito comunicativo comum. Partindo de um estudo realizado com cartas de recomendação, o estudioso verifica que não é simples discernir o intento comunicativo de um gênero, devido ao fato de que podem ocorrer “múltiplos propósitos comunicativos que, em certas situações de uso do gênero, não são evidentes à primeira vista.” (BIASI-RODRIGUES, 2007, p.732).

Após a publicação de seu livro “*Genre Analysis*”, Swales (1990) começa a alterar a base de sua teoria, pois percebe as limitações. Em sua primeira definição, o propósito comunicativo é um critério privilegiado na definição de gênero, pois o fundamenta e determina, além de sua estrutura esquemática, as escolhas em torno do conteúdo e estilo. Mais tarde, porém, o autor passa a priorizar o contexto, ou seja, os participantes e os elementos da situação que geram os textos pertencentes a um gênero, do mesmo modo que a análise linguística, e busca apoio da gramática sistêmico-funcional de Halliday & Hassan (1989).

Devido ao propósito comunicativo, o gênero se mantém destacado em uma ação retórica específica. E, pela dificuldade em identificar claramente o propósito de um exemplar de gênero, o autor reavalia o problema e entende que o propósito comunicativo é menos visível do que a forma, e, portanto, dificilmente servirá como um critério básico para a conceituação de um gênero (ASKEHAVE; SWALES, 2001). Considera, ainda, que, apesar de os membros da comunidade discursiva possuírem grande conhecimento dos gêneros, eles podem discordar sobre o propósito de um determinado gênero específico, como já mencionado anteriormente. Askehave & Swales (2001) usam o exemplo de um jornalista que explora a reportagem para inserir sua visão política sobre o assunto. Portanto, os autores optam por tratar o conceito de propósito comunicativo como uma questão de “propósitos em camadas de forma complexa”, em vez de uma lista de propósitos. Concluem que o propósito comunicativo deve ser mantido, mas como um critério privilegiado, em função do resultado da investigação sobre o gênero.

Askehave & Swales (2001) sugerem dois procedimentos possíveis para a identificação de gêneros: um procedimento textual/linguístico e outro contextual. No primeiro, o propósito comunicativo é examinado juntamente com a estrutura do gênero, o estilo e o conceito. De acordo com Brandão (2005), o vínculo entre estilo e gênero é indissolúvel, orgânico. E isso se percebe claramente quando se analisa a questão sob a ótica da funcionalidade do gênero em que cada esfera da atividade e da comunicação humana tem

seu estilo peculiar. Em uma etapa posterior, o propósito é um fator na redefinição do gênero. Já no processo contextual, o propósito comunicativo mantém a sua importância na revisão do gênero, mas as outras etapas no processo constituem-se da identificação da comunidade, seus valores, suas expectativas, seu repertório de gêneros e suas peculiaridades, que fazem parte do conjunto de conhecimentos da comunidade.

Askehave e Swales (2001) argumentam que, ao invés de fazer um estudo textual, o pesquisador precisa investigar bastante o texto em seu contexto, com uma metodologia de múltiplas modalidades. Nesse sentido, segundo Bezerra (2009), o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. Para o autor (p.466), no conjunto dos propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá um propósito específico ou “intenções particulares” de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação, como no caso dos gêneros da mídia, por exemplo, ao lado dos propósitos socialmente reconhecidos.

Em seu livro “*Other floors, Other voices*”, Swales (1998) destaca os traços pouco comuns de alguns gêneros e, com isso, objetiva, primeiro, mostrar as particularidades dos discursos e, segundo, estabelecer relação entre os traços discursivos de gêneros até então pouco explorados e as características sociorretóricas mais gerais, para poder atingir um conhecimento maior do discurso escrito nas várias áreas disciplinares. O autor analisa o trabalho de Bill, um dos botânicos do Herbário da Universidade de Michigan. Na análise de seu trabalho, Swales (1998) relaciona textos e contextos e descobre que a comunidade discursiva dos botânicos tem a prática de usar o gênero “gabarito¹¹”, escrito em letras com um tamanho reduzido, como um auxílio para a leitura na hora de comparar trechos distintos em outros textos do repertório de gêneros botânicos. Assim, por meio de um traço textual foi possível identificar uma convenção discursiva, a qual leva a compreender uma prática sociorretórica e a razão subjacente a essa prática.

Com base nisso, Swales (2004) afirma que um gênero regula, determina a atividade social e que, se as comunidades discursivas mudam os gêneros também mudam e em consequência disso, “os propósitos sociais evoluem, podendo se expandir ou se retrair, ou seja, os quadros de atividade social e os padrões podem mudar” (p.73).

¹¹ Gabarito (‘key’) é o gênero utilizado para a identificação de uma espécie de planta e constitui uma das partes de outro gênero botânico; o tratado (‘treatment’), que tem um lugar de destaque no repertório de gêneros botânicos (BIASI-RODRIGUES, 2007).

1.4 O modelo CARS de John Swales

Por meio de um estudo detalhado e do levantamento dos blocos retóricos funcionais de introdução de artigos científicos, Swales (1984) chegou a um resultado quanto à organização textual ou estrutura genérica obrigatória e opcional dessas introduções, denominado modelo CARS (*Create a Research Space*). Aplicaremos esse modelo para a análise dos dados desta pesquisa.

O modelo CARS compreende uma estrutura retórica em dois níveis hierárquicos de unidade de informação (NWOGU, 1990, p.98), os “movimentos” (*moves*) e os “passos” (*steps*). Os primeiros com maior abrangência e os segundos com abrangência menor. De acordo com Motta-Roth (1995, p.47), “cada uma dessas unidades esquemáticas é considerada retórica, uma vez que realiza ou adiciona uma parte da informação dentro da totalidade do texto.”. Desse modo, um movimento pode ser definido como um bloco de texto que pode se ampliar por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica (p. ex., um artigo científico estabelecer o território epistemológico da área), e que, juntamente com outros movimentos, constitui a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que este possa ser reconhecido como um exemplar de um dado gênero do discurso.

Esse modelo foi desenvolvido com base em um *corpus* de 48 introduções de artigos de pesquisa. Em um segundo momento, Swales & Najjar (1987) analisaram mais de 110 introduções de três áreas distintas, a saber: educação, psicologia e física. As conclusões desses dois estudos indicaram a regularidade dos quatro movimentos mencionados.

Essa primeira interpretação do modelo, limitada a quatro movimentos, reflete a estrutura de introduções de artigos de pesquisa. Nela, Swales (1984) apresenta a área em que sua pesquisa é inserida (movimento 1); faz alusão às pesquisas já desenvolvidas, que possibilitam uma continuidade ou mesmo oposições (movimento 2); faz uma descrição sucinta da presente pesquisa, apontando objetivos, hipóteses e métodos (movimento 3), e mostra aspectos de sua importância dentro do âmbito que se desenvolveu (movimento 4).

Como outros pesquisadores apresentaram problemas em separar o movimento 1 do movimento 2, entre outros, Swales (1990, p.141) reviu e corrigiu seu primeiro modelo, reduzindo os quatro movimentos a três, contudo adicionando diferentes passos em cada um dos movimentos, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 - Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa

<p>Movimento 1 – Estabelecer o território Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou; Passo 2 – Fazer generalização (ões) tópica (s) e/ou; Passo 3 – Revisar itens de pesquisas prévias.</p>	<p>Diminuindo o esforço retórico</p>
<p>Movimento 2 – Estabelecer um nicho Passo 1 A – Contra-argumentar e/ ou; Passo 1 B – Indicar lacunas no conhecimento e/ou; Passo 1 C – Levantar questões e/ ou; Passo 1 D – Continuar a tradição.</p>	<p>Enfraquecendo os possíveis questionamentos</p>
<p>Movimento 3 – Ocupar o nicho Passo 1A – Delinear os objetivos e/ou; Passo 1B – Apresentar a presente pesquisa e/ou ; Passo 2 – Anunciar as descobertas principais e /ou; Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo de pesquisa.</p>	<p>Explicitando o trabalho</p>

Fonte: SWALES, 1990.

O modelo de análise proposto por Swales (1990) objetiva identificar a organização retórica do gênero a partir da distribuição de informações recorrentes (COSTA, 2012). Com o estudo de uma amostra considerável de exemplares, é possível observar uma organização das unidades retóricas do gênero mais ou menos convencional e o comportamento retórico mais comum dentro de certa comunidade discursiva.

A segunda versão do modelo CARS apresenta possibilidades de desdobramento em cada um dos três movimentos básicos que o constituem. Usando uma “analogia ecológica”, o autor subdivide os movimentos em passos opcionais e obrigatórios, que mostram como as informações são distribuídas em introduções de artigos de pesquisa. A maior importância é dada à ocupação do nicho, movimento 3, definido ecologicamente como “[...] um microambiente particular em que certo organismo pode se desenvolver; um contexto onde um determinado tipo de pesquisa faz sentido” (SWALES ; FEAKE, 1994, p.175).

Swales descreve detalhadamente os passos que constituem os movimentos e as peculiaridades de cada um são exemplificadas com trechos prototípicos de introduções de artigos de pesquisas. Os vários passos do primeiro movimento correspondem às alternativas de determinação de território. Passo 1- Swales chama a atenção da comunidade discursiva para

uma área de pesquisa importante e bem estabelecida; e/ou Passo 2- assume uma postura neutra e faz afirmações generalizadas sobre conhecimento ou prática corrente; e/ou Passo 3- faz menção aos estudiosos que atuaram na área previamente e descreve suas descobertas. O segundo movimento, no modelo de Swales (1990), possui somente um passo obrigatório – Passo 1B, entre as quatro opções levantadas por ele, e é o mais prototípico, de acordo com o autor. Nesse passo, Swales (1990) indica uma lacuna a ser preenchida na área de conhecimento escolhida e enfatiza certas restrições percebidas em trabalhos prévios.

O movimento 3 tem a função de ocupar o nicho determinado no segundo movimento, de preencher um espaço de pesquisa específico, e tem um passo que é obrigatório, no qual o estudioso apresenta o mais relevante objetivo de sua pesquisa (Passo 1A) e expõe suas principais características (Passo 1B). Os outros dois passos são opcionais. O início desse movimento é tipicamente marcado pela falta de referência às pesquisas anteriores e pela utilização de referências dêiticas ao próprio texto, tais como: “este artigo”, “o objetivo do presente artigo”, “este estudo”, “o presente trabalho”. Ainda nesse movimento, o autor informa as mais importantes descobertas e pode, além disso, indicar a estrutura do artigo de pesquisa.

Conforme Swales (1990, p.161): “[...] uma opção final na introdução é indicar em vários graus de detalhes a estrutura do artigo de pesquisa – e ocasionalmente o conteúdo dessa estrutura”. Dentre os diversos autores que testaram a aplicabilidade do modelo CARS em suas pesquisas estão: Dudley-Evans (1986), em seções de introdução e discussão de dissertações de mestrado; Motta-Roth (1995) em resenhas de livros, Bezerra (2001) em resenhas acadêmicas, dentre outros.

1.5 **Ingedore Koch – linguagem e “inter-ação”**

Para Ingedore Koch (1995), a linguagem humana tem sido concebida de maneiras diversas. A autora as sintetiza em três principais, a saber: 1) como representação do mundo e do pensamento, (em que o homem representa para si o mundo através da linguagem, de modo que a língua tem a função de representar, refletir seu pensamento e conhecimento do mundo; 2) como instrumento de comunicação, ou seja, em que a principal função da língua é a de transmissão de informação; 3) como forma de ação ou interação, em que a linguagem é encarada como atividade, como forma de ação interindividual orientada, como um lugar de interação que permite aos membros de uma sociedade praticar os mais diferentes tipos de atos que, por sua

vez, exigirão reações ou comportamentos similares, estabelecendo vários vínculos.

Para Koch (1995), a visão de linguagem como interação, ação interindividual, é, portanto, social. Por meio dela realizam-se, no interior de situações sociais, ações linguísticas que modificam tais situações através de enunciados com sentido e organizadas de acordo com a gramática de uma língua. Para Bange (1985), um ato de linguagem é um ato social pelo qual os membros de uma comunidade “inter-agem”.

A teoria dos atos de fala teve como pioneiro Austin (1965 apud KOCH, 1995), seguido por Searle (1969 apud KOCH, 1995) e outros, entendendo a linguagem como forma de ação, de modo que se poderia dizer que “todo dizer é um fazer” (KOCH, 1995, p.19). Passam a refletir sobre os vários tipos de ações humanas que são realizadas através da linguagem (atos de fala, atos de discurso, atos de linguagem). Austin (1965 apud KOCH, 1995) estabelece a distinção entre três tipos de atos, a saber: 1) locucionários (ato de referência e de predicação); 2) ilocucionário (que atribui à proposição ou conteúdo proposicional uma determinada “força”, de pergunta, de asserção, de ordem, por exemplo,); e 3) perlocucionário (que realiza a ação que nomeia, tem o objetivo de exercer certos efeitos sobre o interlocutor, quer dizer, convencê-lo, assustá-lo, agradar-lhe, que, por sua vez, podem ou não se realizar).

Koch (1995) enfatiza que todo ato de fala, para ser um ato de fala, precisa ser ao mesmo tempo locucionário, ilocucionário e perlocucionário. De acordo com a estudiosa, sempre que há interação através da língua, proferimos enunciados¹² linguísticos que possuem certa força que produzirá no interlocutor certo efeito ou não. Porém, não é sempre que a força ilocucionária pode ser determinada por um performativo (KOCH, 1995), pois a força ilocucionária pode ser ambígua e muitas vezes apenas elementos paralinguísticos, tais como gestos, expressões fisionômicas e as condições gerais em que o enunciado é produzido poderão identificar a real força do ato produzido. Nem sempre existe na língua um performático adequado à explicitação da força ilocucionária.

Outra distinção existente no interior da Teoria dos Atos de Fala é entre atos de fala diretos (quando realizados por formas linguísticas especializadas para tal finalidade, certos

¹² A Teoria da Enunciação tem por postulado básico que não basta ao linguista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta, simultaneamente, a enunciação; ou seja, o evento único e jamais repetido de produção de um enunciado. Isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito. A Teoria da Enunciação, que teve Bakhtin (1981) como precursor, ganhou impulso na França com a obra do linguista Émile Benveniste (1989), que propõe o estudo da subjetividade na língua, o “aparelho formal da enunciação”. Para tanto, tomou como principais pontos de partida os sistemas pronominal e verbal do francês. (KOCH, 1995, p.13-14).

tipos de entonação, por exemplo) e indiretos (aqueles realizados através do recurso às formas típicas de outro tipo de ato). Neste caso, refere-se ao nosso conhecimento de mundo ou traquejo social que vão nos permitir a verdadeira força ilocucionária. De acordo com Koch (1995), é necessário que o interlocutor seja capaz de perceber a intenção do locutor para que um ato de fala atinja os objetivos esperados por ele.

Em seu livro, a autora (1995, p.23) menciona, também, as críticas à teoria dos atos de fala, pois “leva em conta basicamente enunciados isolados, examinados fora de um contexto real de uso”; por ser uma teoria unilateral e enfatizar o locutor. Van Dijk (1999 apud KOCH, 1995 p. 23) propõe a noção de macro ato (ato global que se pretende realizar), ou seja, em um texto, apesar de se realizarem vários tipos de atos, há sempre um objetivo principal a ser atingido, para o qual concorrem todos os demais.

Koch (1995) enfatiza que a teoria da atividade verbal parte do princípio de que a linguagem é uma atitude social realizada com vistas à realização de certos fins. A atividade linguística, segundo a autora, seria composta por um enunciado produzido com um propósito, sob certas condições necessárias para alcançar o objetivo esperado e as consequências decorrentes do objetivo.

A autora explica que é responsabilidade do locutor assegurar ao seu interlocutor condições para que ele realize atividades linguísticas cognitivas para garantir a compreensão (completar, exemplificar, por exemplo), como também para facilitar ou causar a aceitação. De acordo com Koch (1995, p. 25), o entendimento do texto pelo interlocutor, em termos de compreensão e interpretação, também constitui uma atividade: o ouvinte/leitor não é apenas um “receptor” passivo, pois precisa atuar sobre o material linguístico de que dispõe, para poder construir um sentido, criar uma leitura. Não basta apenas decodificar os sinais emitidos pelo locutor, é preciso que o ouvinte/leitor estabeleça relações diferentes para ser capaz de compreender os elementos do texto e todo o contexto, interpretando-os de modo adequado a cada situação.

Para a estudiosa, nenhum texto apresenta de modo explícito toda informação necessária a sua compreensão. A produção de interferências desempenha papel importante. Há sempre elementos implícitos que precisam ser recuperados pelo ouvinte/leitor, para que seja possível produzir sentido. Para tanto, ele produz inferências a partir de certos elementos no texto, preenchendo as lacunas que são apresentadas, recorrendo ao seu conhecimento de mundo, àqueles “partilhados” (1995, p.26) entre ele e seu interlocutor. Segundo o filósofo americano Paul Grice (1975 apud KOCH, 1995, p.27), “O princípio básico que rege a comunicação humana é o *Princípio da Cooperação* (“ seja cooperativo”).

Isto quer dizer que ao interagir verbalmente, uma ou mais pessoas cooperarão para que a interlocução transcorra de modo eficaz (KOCH, 1995). Segundo Fiorin (2002, p.77), “faça sua contribuição conforme necessário, no estágio em que ocorrer, pelo objetivo aceito, ou direção da conversa em que está engajado”. O princípio da cooperação subsume quatro máximas, a saber: da quantidade (diga o necessário); da qualidade (diga o que sabe); da relação (relevância) e de modo (seja conciso, objetivo e claro). Como afirma Costa (2008, p.5).

"Se fornecemos mais ou menos informações do que é necessário, se dizemos algo que sabemos ou acreditamos estar errado, se dizemos algo que é irrelevante ao assunto da conversação, se falamos de modo obscuro, ambíguo ou confuso, isso se constitui num comportamento não cooperativo”.

Uma dessas regras é assumidamente violada quando o interlocutor tem uma razão específica para tal violação e porque sabe que quem o escuta é capaz de identificar algo como a causa de sua violação. Grice (1975) define este tipo de inferência como “implicações conversacionais”, num discurso regido pelo princípio da cooperação.

Koch (1995) enfatiza que, quando interagimos pela linguagem, temos objetivos a serem atingidos; desejamos estabelecer relações, causar efeitos, desencadear comportamentos; atuar sobre o outro de certa maneira e obter deles determinadas reações (verbais ou não). Além disso, procuramos dotar nossos enunciados de certas forças argumentativas, através de mecanismos que toda língua possui em sua gramática. Tais mecanismos (modalizadores) permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados. Koch (1995, p.30) afirma que esses elementos da gramática de uma língua, que têm função de mostrar a força argumentativa dos enunciados, o sentido para o qual apontam, são chamados de “operadores argumentativos”. Ducrot (1972 apud KOCH, 1995, p.30) usa duas noções básicas para explicar o seu funcionamento: a de “escala argumentativa” (quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão) e a de “classe argumentativa” (constituída de um conjunto de enunciados que podem servir de argumento para uma mesma conclusão).

De acordo com Koch (1995), a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto, e não apenas naqueles classificados como argumentativos. Não existe texto neutro, objetivo e imparcial. Os índices de subjetividade são inseridos no discurso, possibilitando que se perceba a sua orientação argumentativa. Para Bange (1985 apud KOCH, 1995, p.66), “um ato de linguagem não é apenas um ato de “dizer” e de “querer dizer”, mas, sobretudo, um ato social pelo qual os membros de uma comunidade “inter-agem”.” O autor afirma:

“se é exato que ‘falamos através de textos’, isto é, se os discursos constituem, de fato, o objeto da linguística; se, de outro lado, admitimos que a língua é um meio de resolver os problemas que se apresentam constantemente na vida social, então a conversação pode ser considerada a forma de base de organização da atividade da linguagem, já que ela é a forma de vida cotidiana, uma forma interativa, inseparável da situação” (BANGE, 1985, p. 3).

Com base nisso, Koch (1995) entende o termo “conversação” em sentido amplo, abrangendo os eventos de comunicação cotidiana e também os que fazem parte do exercício de uma profissão (exame médico, palestras, negócios, etc.) ou ocorrem no interior de instituições (escola, hospital, tribunal, etc.). Para a estudiosa, tais tipos de interação vêm constituindo o objeto de estudo da Análise da Conversação.

Segundo Koch (1995), a Análise da Conversação tem como conceito principal o de “inter-ação” e, além disso, para ela a realidade social é comumente produzida pelos atores sociais em suas interações. A autora aponta as características mais frequentes entre modalidade escrita e falada. Outrossim, enfatiza que as distinções entre estas modalidades nem sempre as diferenciam, pois existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa. Desse modo, é possível dizer que a escrita formal e a fala informal constituem os polos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os vários tipos de interação verbal (KOCH, 1995).

Koch (1995) destaca algumas características próprias da interação face a face, a saber: é relativamente não planejada previamente; o texto falado apresenta-se “em se fazendo” (p.69); o fluxo discursivo apresenta muita descontinuidade por causa de fatores de ordem cognitivo-interativa; o texto falado apresenta uma sintaxe característica, mas não deixando de considerar a sintaxe geral da língua. Assim, o texto falado emerge no próprio momento da interação, ou seja, o produtor não tem tanto tempo para planejar e, em situações face a face, o locutor não é o único responsável pela produção de seu discurso.

Segundo Marcuschi (1997 apud KOCH, 1995, p.69), trata-se de uma atividade de “coprodução” discursiva, uma vez que os interlocutores “conegociam”, “coargumentam”, sendo incongruente analisar separadamente as produções individuais. Igualmente, conforme Koch (1995), o locutor vê-se obrigado a desprezar a sintaxe em prol das necessidades da interação, que se faz presente no texto falado, pelo uso de estratégias conversacionais, tais como, os falsos começos, anacolutos, orações truncadas, etc, bem como a recorrer a inserções de vários tipos, a repetições e a paráfrases, objetivando garantir a compreensão de seus enunciados pelo seu ouvinte.

Em relação à organização geral da conversação, Koch (1995, p.70-71) defende que se

organiza em “turnos”, que consistem em cada intervenção de um dos participantes ao longo da interação. A autora fala das interações simétricas, como as conversas do dia a dia em que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas em que, mesmo assim, não é possível tomar a palavra a qualquer momento (“fale um de cada vez”); e assimétricas, como entrevistas, consultas, palestras em que um dos parceiros detém o poder da palavra e distribui de acordo com a sua vontade.

Koch (1995, p.71) cita, também, os chamados “espaços de transição”, que se caracterizam por silêncio ou pausas mais longas de quem detém o turno, entonação característica, gestos, olhar, sinais de entrega de turno, tais como, “e então?”, “que acha?”. A escritora postula que o atual detentor do turno pode eleger o falante seguinte, do contrário qualquer participante poderá assumir a palavra ou quem já detinha o turno poderá continuar a falar, até o próximo espaço de transição e assim sucessivamente. Quando um participante tenta tomar o turno em um momento não oportuno, fala-se em “assalto de turno”, que pode ser eficaz ou não. Nesse momento ocorre o fenômeno da “sobreposição de vozes”, ou seja, por alguns instantes, dois (ou mais) participantes falam ao mesmo tempo, até que um deles desista e o outro fique definitivamente na posse do turno.

Koch (1995, p.71) menciona, também, os “pares adjacentes”, quer dizer, conjuntos de dois turnos em que a produção do primeiro membro condiciona a do segundo. Como, por exemplo, os pares perguntam/resposta, saudação/saudação, despedida/despedita, cumprimento/agradecimento, convite/aceitação ou recusa, solicitação/concordância ou recusa, dentre outros. Nestes casos, a produção do segundo membro do par é relevante (relevância condicional), embora sua não realização seja possível, fato que poderia causar estranheza, sanções sociais mais ou menos graves. Ademais, quando se fala, fala-se de algo, isto é, durante uma interação, os parceiros têm sua atenção centrada em um ou vários assuntos (tópicos), portanto aquilo sobre o que se fala.

A autora explica que a descontinuidade no sequenciamento tópico pode ser dividida em dois grandes grupos, a saber: processo de “inserção” (p.94-96), ou seja, segmentos discursivos que provocam uma espécie de suspensão temporária do tópico em curso, desempenhando funções interativas importantes como: explicar, ilustrar, fazer ressalvas, etc.; e de “reconstrução” (p.97), que consiste em uma reelaboração da sequência discursiva, que provoca também uma diminuição de ritmo no fluxo informacional. Sua função é, geralmente, a de reformular um segmento maior ou menor do texto já produzido, às vezes sanar problemas observados pelo locutor ou pelo parceiro. Para tanto, o locutor procede a correções ou reparos, repetições, paráfrases e adjunções (acréscimos) (KOCH, 1995, p.98-101).

Koch (1995) cita os marcadores conversacionais também amplamente estudados em Marcuschi (1986), que são elementos discursivos muito comuns nos textos falados, que fornecem pistas importantes para os interlocutores, “pontuam” o texto. Alguns, segundo Koch (1995, p.106) funcionam como “sinais do falante”; outros como “sinais do ouvinte”. Ainda, existem marcadores típicos de progressão narrativa que podem sinalizar hesitação, sequência da narrativa, início e fim de uma digressão, entre outros.

Para Koch (1995), a conversação é um ato social, no interior de situações sociais que são alteradas ou mesmo constituídas através desses atos. Do mesmo modo, numa interação existem os processos de figuração (GOFFMAN, 1967, 1979), ou seja, processos por meio dos quais os interlocutores se representam uns diante dos outros de certa maneira. A mulher, como exemplifica Koch (1995), que pode representar-se por mãe, esposa, amiga, profissional, esportista, etc, e age de modo distinto especialmente em termos de linguagem. Segundo a pesquisadora, cada indivíduo possui uma face externa (positiva) e uma face interna (negativa). A primeira diz respeito ao modo como desejamos ser vistos pelos outros, aquela que preservamos e a segunda representa nosso território íntimo, que não gostaríamos de ver invadido.

“Em uma interação, afirma Koch (1995, p.108), os interlocutores estão constantemente preocupados em “resguardar” a sua face e em “não arranhar” a face do outro: é o “princípio da preservação das faces” (GOFFMAN, 1967). Isto fica claro no caso das “preferências” e “despreferências” socialmente estabelecidas por determinados atos (KOCH, 1995, p.108). Citamos anteriormente os exemplos de “pares adjacentes”, em que existem duas respostas possíveis. Neste caso, uma delas é preferida social ou culturalmente, enquanto a outra é despreferida.

De acordo com Koch (1995), a cada mudança de “cena” ou de posição, exigem-se mudanças correspondentes na linguagem. Gumperz (1998) chama as marcas que indicam tais mudanças de “pistas de contextualização”, que “contextualizam” o que está sendo dito de maneira diferente daquela da discussão principal (mudança de ritmo, de tom de voz, gestos, expressões fisionômicas, etc.). Como afirma Koch (1995, p.109), “A linguagem é o lugar onde os indivíduos se representam e constituem o mundo e suas situações ao se constituírem e representarem de determinada forma”.

Para a estudiosa, não é suficiente estudar a língua como um conjunto de signos por meio do qual um emissor transmite mensagens a um receptor, nem como um sistema formal, abstrato. É importante pensar a linguagem humana como “lugar” de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis e de negociação de sentidos. Ou

seja, é importante observar a linguagem como forma de “inter-ção” social (KOCH, 1995, p.110).

1.6 O jargão

A tentação de criar jargão é quase irresistível, principalmente quando há pouca probabilidade de alguém denunciar o engodo. "Içar a traquineta!" "Reverter a vela bimbão para pegar o Vitúrbio de solapa!" "Vasculhem a rosca do cabo alçus ou aboldaremos o grande vizeu!" "Atenção para a sirigaita cruzada!" "Dobrar o trubigo! Dobrar o trubigo!" Como ninguém a bordo parece estar ouvindo o que grita, mesmo, tanto faz as traduções estarem certas ou não.

(Luís Fernando Veríssimo, 2004).

De acordo com Burke & Porter (1997), o jargão é um termo medieval, encontrado em provençal e em francês nos séculos XII e XIII e, posteriormente, em inglês. A palavra era usada para fazer referência à fala ininteligível, um tipo de gargarejo, “tagarelice”. Pelo fato de ter se espalhado de uma língua para outra, o termo jargão mudou de sentido e passou a se referir à linguagem do submundo, um tipo de gíria que auxiliava a atividade de ladrões e pedintes. Ininteligível para as outras pessoas comuns. Era considerado uma “antilinguagem” de uma contracultura ou uma linguagem marginalizada (BURKE ; PORTER, 1997, p.8).

Os autores afirmam que, por volta do século XVI, já existiam vários sinônimos para essa linguagem do submundo. Em português era chamado de calão. Essa linguagem era inventada por grupos sociais especiais, grupos étnicos marginais, como ciganos e judeus. Nos séculos XVI e XVII, o conhecimento dessas gírias tornou-se mais visível. Na Inglaterra, por exemplo, o termo ‘*cant*’ passou a referir-se à linguagem secreta dos ladrões, e à dos filósofos escolásticos. O termo se estendeu também aos grupos religiosos. As palavras ‘*cant*’ e ‘*jargon*’ eram também empregadas para se referirem a “termos de arte” ou “termos técnicos” usados por grupos profissionais distintos (p.10).

No século XVIII, houve uma ampliação do significado da palavra jargão, que era usada para descrever os diversos tipos de *língua franca* que permitiram a interação entre diferentes grupos de línguas. A extensão de significados e seus sinônimos revelavam um conhecimento crescente da diversidade de termos técnicos e de gírias utilizadas por vários grupos sociais.

Nos séculos XVI e XVII, houve uma proliferação de glossários, aparecendo mais frequentemente em forma impressa, que tornaram linguagens privadas em públicas. Esses

dicionários são evidências importantes sobre a disseminação e continuidade de certos termos. Até o século XIX, os jargões foram estudados como curiosidades por escritores, antiquários e diletantes. Porém, com o aparecimento da Linguística como disciplina acadêmica, o estudo de gírias e jargões tornou-se mais profissional. Ainda assim, as constantes reimpressões de alguns estudos sugerem o interesse público, de 1920 até os dias atuais, pelas gírias e jargões. Essas línguas eram consideradas “parasíticas” ou “línguas parciais”, ou como uma alternativa ao vernáculo (BURKE ; PORTER, 1997, p. 13).

Outrossim, o interesse difundiu-se para outros “socioletos” ou “línguas especiais”, como passaram a ser conhecidas entre linguistas, que os chamavam de “jargões profissionais” (p.13).

Uma ampla variedade de grupos profissionais cria seus próprios jargões, apesar de nem todos o fazerem. Burke & Porter (1997, p.14) citam Albert Dauzat (1918), que verificou como os ‘*argots*’ desenvolvem-se com frequência entre grupos profissionais nômades, tais como ladrões, pedreiros, ciganos, soldados, marinheiros, atores, que inicialmente eram desprezados. Por isso, desenvolveram seus próprios termos para as pessoas que estivessem dentro de seu círculo. Segundo Goffman (1961 apud BURKE; PORTER, 1997, p.16-17), pessoas confinadas às “instituições totais”, ou seja, organizações que exercem um controle estrito de seus reclusos, a saber: prisões, mosteiros, internatos, navios e outros. Estas pessoas apresentam igual probabilidade de criarem linguagens semiparticulares.

Segundo Burke & Porter (1997), os séculos XIX e XX presenciaram o crescimento do uso de jargões, dado o aumento de ocupações pela progressiva divisão do trabalho que acompanhou o crescimento da sociedade industrial. Ainda, o mundo do lazer gera jargão da mesma forma que o mundo do trabalho, e isso têm ocorrido desde o final do século XVIII, quando muitos esportes surgem e são institucionalizados, comercializados e formalizados.

Burke & Porter (1997) afirmam, também, que a palavra jargão fora cunhada para expressar a ideia de que a linguagem alheia era tão ininteligível quanto um gargarejo. A partir do século XVI, são abundantes as críticas aos variados jargões. Algumas sugerindo xenofobia, outras enfatizando ininteligibilidade e a mistificação dessas “línguas especiais” (p.18). Além disso, outra crítica muito comum ao jargão enfatizava a afetação ou a pretensão, como o emprego das chamadas “tinteirismos” ou “palavras difíceis” (p.18).

Para os estudiosos, não se deve pressupor que as críticas ao jargão nada mais sejam do que expressões de bom senso, impermeáveis às mudanças ao longo do tempo e aleatórias à mudança no decorrer do tempo e sua relação com os conflitos e solidariedades sociais. No início da Europa Moderna, por exemplo, o aparecimento das críticas ao jargão está associado aos

movimentos autoconscientes para a reforma da língua. A boa língua deveria ser “casta”, legítima e não uma língua bastarda. Deveria ser independente e não “parasítica”. Dessa forma, as palavras estrangeiras, termos técnicos, de profissões, ofícios e atividades liberais deveriam ser excluídas, pois violavam um vernáculo visto como “puro” (BURKE; PORTER, 1997, p.21).

As palavras correntes nos dialetos provinciais também foram banidas, pois eram consideradas uma “linguagem deturpada”, do tipo “faladas nas províncias” (p.21). Foi fundada na França e Itália uma academia literária para manter padrões e produzir dicionários de uso correto. Segundo Burke & Porter, (1997, p.22), as constantes tentativas de reformar a língua, nada mais são que uma “inquietação”, um medo da perda de identidade.

Outra questão que os estudiosos postulam está relacionada aos diversos usos e funções dos jargões. Burke & Porter (1997) citam o jargão profissional, composto por termos específicos, usados por um círculo restrito de profissionais que compartilham os mesmos interesses e expectativas. Para os estudiosos, a primeira função do jargão é a conveniência prática, ou seja, exercer diferentes ocupações significa falar de modo distinto, usar termos técnicos, abreviações, alusões, em vez de explicar tudo detalhadamente. O resultado é a comunicação mais rápida e eficiente entre os iniciados. Essa teoria mistura-se com uma segunda teoria, a do segredo, em que sociedades secretas (maçons, por exemplo), necessitam de línguas secretas. As descrições do jargão do submundo (mendigos, ladrões) têm enfatizado esta função. A linguagem usada por esses grupos é diferente, particular e um “mecanismo de defesa” (p.23). Pode ser ainda, um meio de impressionar os não iniciados, um meio de exclusão ou inclusão.

O jargão profissional¹³ ou linguagem técnica não deve ser confundido com a gíria¹⁴, embora sejam às vezes usados ao mesmo tempo pelas mesmas pessoas. Elia (1987, p.72) diferencia a gíria da linguagem técnica (jargão). Para o estudioso, “as gírias opõem-se às linguagens técnicas no sentido de que, enquanto nelas predominam as formações de cunho afetivo, nas linguagens técnicas tais funções são nomenclaturas de caráter intelectual ou

¹³ Burke & Porter (1997, p.17) afirmam que o estudo do jargão de algumas profissões data de séculos passados, como é o caso da linguagem dos funcionários públicos, do jargão médico, do jargão dos burocratas e da diplomacia, dentre outros. Os autores atribuem uma recente “extraordinária proliferação” de jargões à crescente divisão do trabalho advinda da ascensão da sociedade industrial.

¹⁴ Segundo Preti (1984 apud SOUTO MAIOR, Ana Cristina *et. al.*, 2000), o vocabulário gírio está dividido em duas grandes categorias: a gíria de grupo e a comum. A primeira categoria é específica de grupos determinados e na maioria dos casos só é acessível aos iniciados naquele grupo. Já a gíria comum faz parte da linguagem usada por todas as comunidades linguísticas. Ela surge como um signo de grupo, mas ao incorporar-se à linguagem corrente perde seu caráter restrito e torna-se uma gíria comum, utilizada por todos os falantes da língua popular social. O próximo passo neste processo é a migração do registro informal para o formal, como o usado pelos meios de comunicação.

representativo”.

Algumas atividades profissionais apresentam suas formas específicas de uso da língua, como o linguajar náutico, por exemplo, que tratamos nesta pesquisa. De acordo com Alfredo Niceforo (apud BURKE ; PORTER, 1997, p.22), “exercer diferentes ocupações significa falar de maneira diferente”. Significa, de acordo com os autores, “usar termos técnicos, abreviações e alusões em vez de explicar tudo com detalhes.” (p.12).

Conforme Camara Júnior (1986, p.127), a gíria, em sentido estrito, é uma linguagem fundamentada num “vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes” (MAROUZEAU, 1943 apud CAMARA JUNIOR, 1986, p.36), o que corresponde ao que também se chama jargão. Camara Júnior (1986) afirma que os vocábulos da gíria ou jargão coexistem ao lado dos vocábulos comuns da língua: “a gíria só se torna tal porque se projeta num fundo de tela que não é gíria” (KRAPP, 1927 apud CAMARA JUNIOR, 1986 p. 64); ela abrange o vocabulário propriamente dito e a fraseologia. Há gírias em classes e profissões não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, que comumente caracteriza as primeiras; mas em todas há uma atitude estilística. Quando se trata de mero vocabulário técnico, sem essa atitude, tem-se a Língua Especial, como a dos médicos baseada em helenismos técnicos.

Camara Júnior (1986, p.128) postula que, em sentido lato, “a gíria é o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias de sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular, correspondendo aí ao papel da língua literária na linguagem poética” Segundo Andriguetto (2006), a gíria está relacionada ao conjunto de expressões de tipo popular, comuns na linguagem corrente e despreziosa e, de modo geral, sua frequência é maior nas esferas menos cultas da população. Porém, a gíria pode designar, também, a linguagem de certos meios especiais como escolas, prisões, mosteiros, navios e outros. Neste caso, o termo “calão” é definido como sendo “uma gíria com caráter mais reservado, mais secreto; ao passo que a gíria propriamente dita não passa de uma forma exagerada de linguagem familiar” (LAPA, 1979, p.68).

Nem sempre é fácil observar a distinção entre os conceitos de gíria e de jargão. Numa primeira tentativa de se estabelecer os limites semânticos entre ambos, pode-se, de modo bastante simplificado, afirmar que “o ponto principal de diferenciação consiste no fato de que jargão é, em primeira análise, terminologia utilizada em linguagens ligadas às atividades profissionais” (ANDRIGUETTO, 2006, p.11). De acordo com Preti (1984, p.26), “o jargão poderia ser considerado um signo identificador, apesar de ser fruto de uma linguagem

vulgarizada ou de uma “linguagem técnica banalizada”, em função do uso de neologismos abusivos”. Todas as atividades têm vocabulário próprio. Para o estudioso, aquelas que gozam de maior prestígio social apresentam linguagem que também possui a mesma característica. Desejando colocar numa situação social mais privilegiada, os profissionais dessas áreas abusam do uso de jargões, tirando deles seu caráter técnico e restrito e colocando-o numa posição de linguagem comum.

Para Dubois (1973), ao contrário da gíria, o jargão pode ser considerado uma língua que é usada de modo incorreto, incompreensível, que foi deformada por uma pessoa ou até por um certo grupo de modo intencional. Esses ajuntamentos podem ser os que participam da mesma profissão. Bram (1968, p.63) diferencia gíria do jargão, sustentando as duas ocorrências como fenômenos “da gíria e do jargão ligados às variedades sociais e culturais (a linguagem do submundo, da classe baixa, etc) ou às ocupações especiais (a linguagem da música de jazz, do beisebol e outros)”.

Conforme Bakhtin (2002, p.96), o jargão é uma linguagem profissional: “Mesmo a linguagem do escritor (do poeta, do romancista) pode ser percebida como um jargão profissional, ao lado de outros”. Em Silva (2009), o jargão pode ser pensado como uma variação da gíria. Está vinculado à determinadas profissões com palavras ou expressões comuns que são compartilhadas por um grupo social, como é o caso dos advogados, médicos, estudantes, veterinários, professores, etc.

Com isso, podemos perceber o processo de afetividade que a gíria estabelece entre os representantes de um grupo de uso, contrariamente ao entendimento do jargão, que se apresenta como uma linguagem voltada ao processo intelectual dos indivíduos de algumas profissões.

Essas linguagens especializadas, criadas por grupos restritos, possuem, segundo Cabello (2002, p.167), pontos convergentes e divergentes, no que respeita à caracterização. De um lado, o jargão e a gíria, no que concerne ao nascimento, estão envoltos em um caráter criptológico, quer dizer, de sigilo, segredo. Já o calão se presta à expressão de injúria, do desabafo.

Cabello (2002) afirma que a gíria e o jargão surgem atrelados a grupos restritos. A gíria a grupo restrito social e o jargão, a grupo restrito profissional. Para a autora, ambos funcionam socialmente como marca de identidade grupal, além de dar ao grupo criador força de coesão grupal. O calão, ou palavrão, por sua vez, “não se confina a determinados grupos, mas se manifesta como expressão de uso geral” (CABELLO, 2002, p. 168).

A estudiosa defende que há um limite bastante tênue entre gíria e calão, uma vez que

“a gíria também é criada e utilizada com o intuito de ofender e ridicularizar pessoas e instituições, tal qual o calão” (p.168).

Ainda, a pesquisadora sustenta que jargão e vocabulário técnico não são sinônimos. Este apresenta sentido real e é utilizado pela linguagem científica, daí seu caráter extremamente objetivo e referencial. O jargão, segundo Cabello (2002), muitas vezes se presta a uma comunicação cifrada, “afeita a um grupo restrito profissional” (p. 168). No entanto, tal qual a gíria, num momento posterior, ele pode extrapolar o grupo e passar a ser conhecido por outros grupos, até ser de uso geral.

O jargão, afirma a autora, denota *status* profissional, daí seu uso por parte dos profissionais em entrevistas e em textos acadêmicos, “para estampar domínio de conhecimento e identidade grupal” (p.168). Além do uso do vocabulário técnico, indispensável para um “maior grau de comunicabilidade” (p.168).

No capítulo seguinte trataremos do linguajar náutico e sua importância para a comunidade mercante.

1.7 O linguajar náutico

Para cada comunidade linguística existente, também existe seu modo particular de falar e de se comunicar, no qual muitas vezes por não conhecer aquela variedade falada, acontece a não compreensão do que se está querendo expressar.

(Costa & Silva, 2014)

Viajar, na vida marítima, constitui parte do trabalho do profissional do mar. Como as comunicações a bordo de navios, entre embarcações e estações costeiras deve ser inteligível, sem mal-entendidos, do contrário poderá resultar risco à navegação, fez-se necessária a padronização da língua usada nesses contextos marítimos. Essa decisão foi de extrema relevância, dado o crescimento do comércio marítimo internacional, com tripulações falando diferentes línguas e pertencendo a culturas distintas. Em muitos portos há uma variedade de pessoas e de línguas estrangeiras. Rodrigues (1999) afirma que, no século XVIII, a multiplicidade de origens étnicas e nacionais, bem como demais tipos de diversidade na navegação parecem ter sido o assunto mais importante nos portos ocidentais onde havia o trabalho escravo.

Segundo o estudioso, a linguagem tinha grande valor em um âmbito específico, que era

a navegação de longo curso¹⁵. O homem do mar, viajando a bordo de navios ou ficando em terra, sempre teve a chance de conhecer línguas distintas e esse fator possibilitava sua comunicação com pessoas de diferentes origens. No entanto, tornar-se um membro da comunidade marítima implicava aprender e ensinar o jargão náutico. E, por meio desse vocabulário particular, os marinheiros eram reconhecidos por outros grupos sociais. (RODRIGUES, 1999). É importante ressaltar que a navegação isolava os tripulantes e ao mesmo tempo possibilitava que estes homens do mar criassem, através de uma linguagem própria, novas relações que os unissem aos outros membros da comunidade mercante.

Rodrigues (1999, p.31) cita Klaus Hoop, capitão que conduziu um navio do Rio de Janeiro a Prússia e mudou sua postura ao alcançar alto mar, passando a tratar seus subordinados de modo diferente:

“Começou a falar com seus dois imediatos num dialeto o mais incompreensível e desagradável possível, o que não tínhamos ouvido antes da partida mesmo ao tratar do preço da passagem, nunca lhe percebi faltar à que se deve a estranhos e mesmo a íntimos. De repente, ele transformou-se em pessoa totalmente estranha”.

O Jargão Náutico é usado no tratamento com as pessoas, para impor disciplina e no aprendizado profissional. Muitas vezes, os eventos comunicativos a bordo demandam ação imediata, tais como salvamento em situações de naufrágio, colisão de embarcações, inundação ou explosão a bordo, embarcação a deriva, pirataria, entre outros. Nestas situações, a comunidade mercante não pode fazer uso de uma linguagem ambígua, pois isso, certamente, acarretaria a perda de vidas e da própria embarcação. Neste vocabulário, cada objeto e ação possui uma palavra ou frase curta, simples, técnica, para designá-lo.

O vocabulário náutico é um elemento cultural compartilhado pela comunidade mercante, sendo assim, mesmo havendo uma divisão social a bordo entre oficiais superiores e subalternos é, por meio dele, que se consegue estabelecer uma sintonia entre esses membros e aplicar a autoridade a bordo. Além disso, a terminologia marítima vem sofrendo alterações ao longo do tempo em função das transformações tecnológicas. O termo “pirata” (“pirataria”), por exemplo, sofreu ampliação em seu sentido e se adequou à realidade atual a bordo. Os piratas são considerados uns dos precursores dos conhecimentos de navegação

¹⁵ Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Governo Federal, Cabotagem é o “transporte de cargas realizado entre os portos ou cidades do território brasileiro, utilizando a via marítima ou vias navegáveis interiores”. O termo originou-se do nome de família do navegador venezuelano do século XVI Sebastião Caboto, que explorou a costa da América do Norte navegando da Florida à Foz do Rio São Lourenço, no atual Canadá. Já a navegação de Longo Curso, diferentemente da Cabotagem, consiste no transporte de cargas ou passageiros entre portos de diferentes países, atuando predominantemente nas exportações de produtos entre diferentes países. (Pelicano - O jornal da Efomm/ www.projeto memoria.org/2013/03/cabotagem-longo-curso-ou-offshore).

marítima. Antigamente, preferiam navios pequenos e rápidos, que pudessem lutar e fugir de acordo com ocasião, utilizava o método de ataque que consistia em embarcar e realizar o ataque corpo a corpo. Ademais, saqueavam navios de mercadores levemente armados, mas ocasionalmente, atacavam uma cidade ou um navio de guerra, caso o risco valesse a pena. Normalmente não tinham qualquer tipo de disciplina, bebiam muito e sempre terminavam mortos no mar, doentes ou enforcados, depois de uma carreira curta e transgressora (LEMOS, 2015).

Muitos filmes descrevem uma ideia romântica dos piratas clássicos, mas a pirataria moderna pode ser tudo, menos romântica. Os alvos mais comuns dos piratas modernos são navios de carga, os porta-containers e os navios-tanque. Além disso, as motivações de ataque também variam hoje em dia. Há os que roubam por necessidade, os que fazem para enriquecer e , até mesmo, os que investem na pirataria para derrubar governos bons ou maus.

De acordo com Rodrigues (1999), a transformação e o caráter sintético da linguagem marítima foram apontados por Leitão & Lopes (1990, p.33), dicionaristas portugueses do século XX, na introdução do *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*. Os autores afirmam que “Ali se nos deparam termos completamente desconhecidos, que os dicionários não registravam, e frases descuidadamente redigidas e cujo sentido se escondia em breves palavras, como é o próprio falar a bordo”. Ainda, como ressalta Rodrigues (1999), no século XIX, outros dicionaristas deixaram visível a especificidade do jargão marítimo, afirmando que qualquer pessoa que se interessasse pela “arte marítima” teria dificuldade se não fosse um membro da comunidade mercante e não andasse embarcado: “é necessário pois, que esta pessoa aprenda, e procure saber cuidadosamente os nomes de todos os cabos que servem para o aparelho dos navios, e também de todos aqueles de que se faz uso dentro deles (...)” (CAMPOS, 1823, p.1).

Outro fator que devemos considerar é que a complexidade tecnológica auxilia na especificidade do linguajar náutico. Os tripulantes precisam ter conhecimento de dimensões, peças e partes dos navios, mastreação, âncoras e amarras, termos de construção naval, comunicação, manobras, segurança do mar, entre outros. Conforme Rodrigues (1999, p.33), “penetrar em tal especificidade era aprender outra língua”. Ao assimilar o jargão marítimo, o profissional do mar estava enriquecendo seu vocabulário e também se conscientizando de sua posição na hierarquia, além de ingressar nas relações da comunidade mercante. De acordo com Rodrigues (1999, p.34), “Se a linguagem expressava o poder dos oficiais, era igualmente a expressão de integração dos tripulantes e da resistência a esse mesmo poder”. O autor enfatiza, também, que os maiores conhecedores dessa linguagem e das técnicas de

trabalho eram os Contramestres¹⁶. O modo de falar “comunitário” era a base da consciência e do sentimento de coletividade entre tripulantes”.

As experiências dos tripulantes com o contato intercultural também foi muito importante. No comércio de escravos na costa da África, a linguagem também adquiriu características próprias – as chamadas línguas ‘*pidgin*’¹⁷ criadas em um processo de reelaboração da gramática, do léxico e da entonação. Essas línguas eram usadas na comunicação entre os envolvidos no negócio de compra e venda de escravos e entre eles estavam o inglês ‘*pidgin*’ do século XVIII, bem como o português *crioulo* (BURKE ; PORTER, 1997, p.25-27). O inglês *pidgin* se desenvolveu nos contatos comerciais entre ingleses ao longo da costa do mar da China, tomando o vocabulário emprestado ao inglês e sua sintaxe ao chinês (CALVET, 2002).

Rodrigues (1999) enfatiza que se as línguas *pidgins* eram uma língua veicular¹⁸ própria às transações do tráfico de negros africanos, talvez estivesse presente também no trato entre tripulantes e africanos a bordo de navios, embora não haja evidências disso. Mesmo porque, a duração das viagens transatlânticas era insuficiente para que pudesse ocorrer uma interação mais profunda entre escravos negros e a tripulação.

Como afirma Rodrigues (1999), é possível considerar que as negociações entre oficiais e fornecedores de escravos eram, muitas vezes, demorada e, durante esse período, a equipagem ia à terra e provavelmente estes homens tinham alguma experiência com os habitantes naturais da região. Ou ao longo das travessias dos oceanos por longos dias, apesar de haver uma separação – isto é, de uns viverem no convés e outros no porão, ambos compartilhavam espaços do navio em diversas circunstâncias, incluindo revoltas a bordo, experiências das quais todos tiravam lições sobre seus oponentes. Uma outra possibilidade, conforme o autor, foi a presença de marujos africanos a bordo, o que possibilitou o contato cultural com os outros tripulantes de diferentes nacionalidades europeias e americanas que também integravam o grupo de marinheiros e o corpo de oficiais.

¹⁶ 1. Substituto do capitão no comando de um navio; 2. Suboficial encarregado dos trabalhos marinheiros a bordo (www.aulete.com.br/contramestre)

¹⁷ Sistema de comunicação linguística que não tem falantes nativos, sempre utilizado, portanto, como segunda língua e que resulta do contato entre grupos falantes de línguas diferentes; língua de comércio, língua de contato. Quando se torna língua materna de uma comunidade, o ‘*pidgin*’ passa a ser designado como ‘*crioulo*’ (CALVET, 2002, p.156).

¹⁸ Segundo Calvet (2002, p.157), língua veicular é “uma língua amplamente utilizada pelo falante, como, por exemplo, na educação e no contato com instituições oficiais, e que não é a sua língua materna”. É o caso, por exemplo, das ex-colônias portuguesas da África. Também chamada de ‘*segunda língua*’.

Por fim, em todos os portos onde havia escravidão africana era impossível controlar outras atividades que envolvessem escravos e marinheiros. O contato entre marinheiros e negros teve consequências culturais.

As canções de trabalho no mar, por exemplo, chamadas de “salomas¹⁹”, disseminadas pelo mundo por marinheiros britânicos de século XIX, são bastante parecidas com canções escravas do Caribe (RODRIGUES, 1999).

Todos esses exemplos mostram grandes possibilidades de contato entre africanos e profissionais do mar, elucidadas no linguajar marítimo, porém não limitadas a ele. Tudo isso, nos faz sobrelevar a falta de registros diretos desses contatos.

1.8 A comunicação em VHF

A comunicação náutica compreende o conjunto de sistemas e recursos visuais, sonoros, radioelétricos, eletrônicos ou combinados destinados a proporcionar informações indispensáveis para dirigir o movimento do navio ou da embarcação com segurança.

Mostraremos alguns conceitos importantes sobre o equipamento de VHF e seu funcionamento, além dos cinco tipos de procedimentos básicos existentes, envolvendo as comunicações em VHF. Descreveremos, também, os principais elementos que constituem a estrutura dessas transmissões.

De acordo com Silva (2011), o VHF é um emissor-receptor de FM que funciona em frequências altas. É também conhecido por radiotelefonia e é instalado a bordo das embarcações para a segurança destas e de tripulantes, podendo ajudar em operações de salvamento.

Bocanegra-Valle (2010, p.37) afirma que, “a comunicação em VHF (ou radiotelefonia) é o meio mais importante de comunicação transatlântica, particularmente nos casos de

¹⁹ De acordo com Rodrigues (1999, p.37), os marinheiros portugueses e brasileiros tinham por hábito trabalhar ao som de canções próprias. Essas canções eram denominadas "salomas" e, modernamente, "celeumas", definidas como "cantiga, ou gritaria, que fazem os marinheiros, quando alam algum cabo", ou: "(...) cantoria com que a gente do mar acompanhava as fainas que exigissem grandes esforços. Costumavam ser, primeiramente, entoadas só por um homem e depois em coro pelos restantes. Cerimonial, com vozeria acompanhada por toques de trombetas, pífaros, tambores etc (...)". Segundo Rodrigues (1999), pelos dicionários, temos ainda a preciosa informação de que "salomear" ou "celeumar" era proibido a bordo dos navios da armada portuguesa, pelo menos desde o final do século XVIII. Quanto aos navios mercantes, no entanto, não há referência à proibição, não havendo também nenhum motivo para supor que estes marujos deixassem de salomear, apesar da ausência de registros.

comunicação entre navios ou navios e estações costeiras. Quando comunicamos oralmente no mar, as informações não podem ser ambíguas. Elas precisam ser claras e concisas²⁰. O rádio VHF é o mais utilizado em navegação costeira e o seu alcance pode ir até 25 milhas, dependendo da potência do aparelho e das condições atmosféricas.

No mar e sempre durante a navegação, o radiotelefone ou VHF deverá estar permanentemente em escuta no canal 16, que deverá ser utilizado para transmissões de perigo, urgência e segurança. Este canal não deverá ser usado para efetuar transmissões comuns para outras estações. De acordo com Silva (2011), o usuário precisa indicar outro canal para trabalho e deixar livre aquele canal de “socorro e chamada”, ou seja, o canal 16. Além disso, não é permitida a utilização do VHF sem autorização, assim como a utilização de sinais ou códigos que não sejam os pré-definidos.

Abaixo, para maior esclarecimento do leitor, definiremos os três possíveis procedimentos em VHF e seus propósitos comunicativos.

1.8.1 “Troca” ('Exchange')

Segundo Weeks *et.al* (1988, p.28), este primeiro procedimento ocorre quando duas ou mais estações costeiras ou navios estabelecem uma comunicação direta entre eles, através do rádio VHF. Neste caso, os assuntos abordados possuem diferentes propósitos comunicativos, tais como: “atracar ou desatracar navios”, “fundear”, “levantar ferro”, “carregar e descarregar mercadorias”, dentre outros. Envolve tipos de manobras em que, necessariamente, um navio deverá auxiliar o outro, informando, fazendo solicitações, avisando, dando instruções. A interação é fundamental nesse tipo de chamada.

1.8.2 “Aviso” ('Broadcast')

Neste caso, uma estação transmite a mensagem, que pode ser um aviso

²⁰ *VHF radio communication (or radiotelephony) is the most important means of day-to-day seaborne communication, particularly in the case of ship-to-shore/shore-to-ship communication. When communicating orally at sea, information exchanges and broadcasts must be as clear, concise and precise as possible.*

meteorológico ou sobre a navegação, sem esperar um retorno (*'acknowledgement'*). Não há uma comunicação efetiva entre estações ou navios, mas um aviso importante às embarcações que estiverem próximas à área mencionada na transmissão. Este tipo de transmissão não envolve riscos à navegação ou à tripulação (WEEKS *et.al.* , 1988, p.28).

1.8.3 Comunicações de risco: “Perigo” (*'Distress'*), “Urgência” (*'Urgency'*) e “Segurança” (*'Safety'*)

Estas comunicações envolvem três eventos comunicativos distintos: 1) “Perigo”²¹, representado pela palavra '*Mayday*', repetida três vezes e pronunciada como a expressão francesa '*m'aider*'. É usada quando algum navio, com sua tripulação, encontra-se ameaçado por perigo e solicita assistência imediata; 2) Urgência²², representada pelas palavras '*Pan-Pan*', repetidas três vezes e pronunciadas cada palavra do grupo, como a expressão francesa '*panne*'.

É usada quando a estação que envia a mensagem tem um aviso importante para transmitir, que diz respeito à segurança de seu navio e seus tripulantes; e 3) Segurança²³, representada pela palavra '*Sécurité*' e é repetida três vezes e pronunciada claramente em francês. Este sinal anuncia que a estação transmitirá um aviso meteorológico ou sobre a navegação que é transmitido por uma estação de controle, com o propósito de alertar as embarcações que estejam próximas de alguma área de risco (KLUIJVEN, 2003).

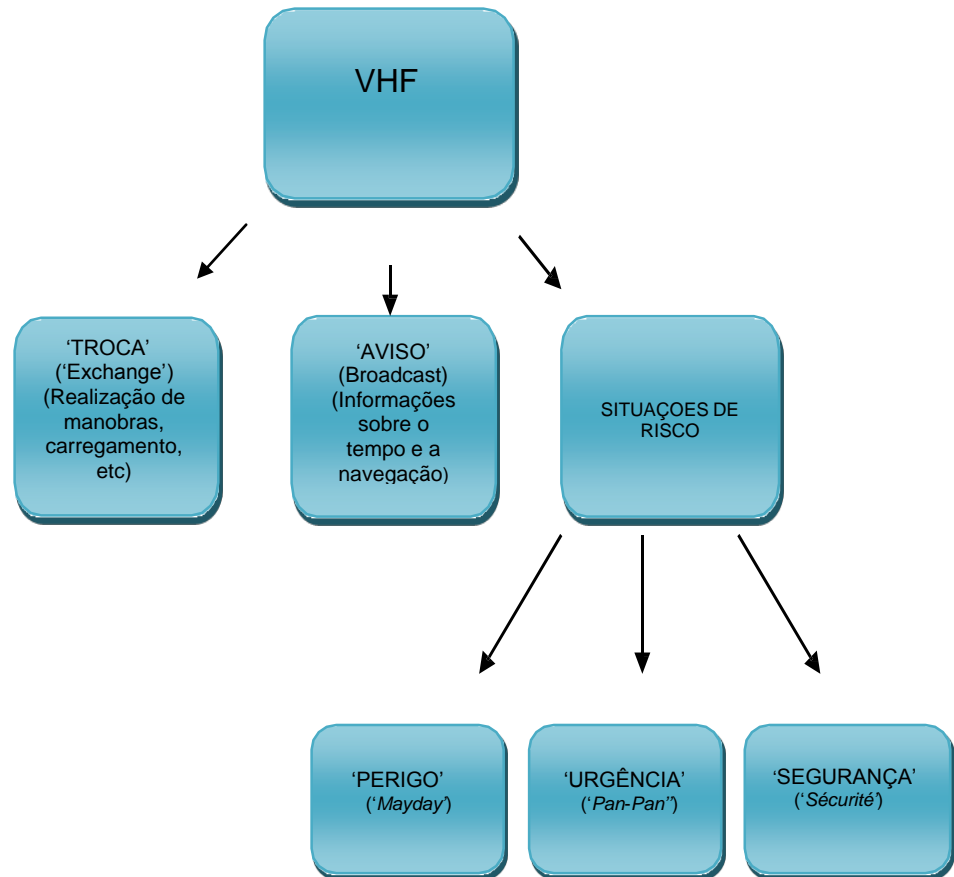
Os procedimentos podem ser resumidos de acordo com a figura 1.

²¹ Perigo: colisão encalhe de embarcações, naufrágio, navio à deriva, pirataria, navio a virar de quilha, inundação a bordo, homem ao mar, abandono de embarcação. (IMO – SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. London: IMO Publications, 2002, p.23-29).

²² Urgência: problemas técnicos, problemas com cargas e danos causados à embarcação por consequência de gelo espesso. (IMO – SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. London: IMO Publications, 2002, p.30).

²³ Segurança: Problemas com meteorologia (ventos, tempestades, maremotos, má visibilidade) e problemas com a navegação (má condição de marés, correntes, objetos à deriva, derelitos). (IMO – SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. London: IMO Publications, 2002, p.31-36).

Figura 1 - Resumo dos procedimentos de comunicação.



Fonte: o autor.

1.9 O ambiente multicultural a bordo de navios

No início deste capítulo (item 1.7), Rodrigues (1999) cita a existência do contato cultural diversificado entre escravos e fornecedores, entre a tripulação e habitantes de diferentes regiões do mundo. Esta aproximação cultural foi, sem dúvida, um fator muito importante que teve e, ainda tem influência direta na comunicação a bordo de navios.

Atualmente as tripulações multilínguas e multiculturais desafiam a indústria marítima. Se por um lado esse contato entre línguas e culturas é enriquecedor, pois possibilita a integração entre diferentes povos, por outro, pode comprometer a inteligibilidade da comunicação entre tripulações de navios e operadores de estações costeiras.

De acordo com Bentom (2014, p.3), a cultura, em seu sentido mais amplo, é “um conjunto de características materiais, intelectuais, espirituais e emocionais distintas da sociedade ou de um grupo social que abrange, além da arte e da literatura, estilos de vida,

modos de viver em grupo, sistemas de valores, tradições e crenças.” Ademais, a cultura dá às pessoas um ‘senso de quem são’, de como devem se portar e o que devem fazer²⁴.

Para Camara Junior (1986, p.87-88), cultura é “o conjunto das criações do homem que constituem um universo humano, ou superorgânico, acima do universo físico, ou inorgânico, e do universo biológico, ou orgânico.” Para o estudioso, as línguas são o produto da cultura para permitir a comunicação social. O autor afirma, também, que as modificações na cultura determinam mudanças linguísticas importantes, como por exemplo, nas categorias gramaticais ou no léxico.

Badawi *et.al.* (2015), mencionam alguns fatores ligados à cultura que podem influenciar de modo negativo a interação entre tripulantes de embarcações, a saber: culturas mais coletivas e outras mais individualistas. As primeiras vêm o(s) objetivo(s) do grupo como o(s) mais importante(s), além de serem menos diretas, extrovertidas e mais pacíficas. Por outro lado, as culturas individualistas tendem a enfatizar seu próprio sucesso, são mais comunicativas, costumam sobressair no que fazem e são mais autoritárias.

Os estudiosos mencionam, também, as culturas cujos falantes são mais diretos e outros mais prolixos ou evasivos. Citam os dialetos existentes em cada cultura, que costumam ser usados nas comunicações a bordo e geralmente causam desentendimentos. Os falantes mais rápidos e outros que falam mais pausadamente, o tom de voz, entre outros. Em algumas culturas falar alto para enfatizar certas partes da mensagem é comum, mas pode parecer agressivo, rude ou autoritário para àquelas culturas que usam um tom mais baixo, que são mais introspectivas. Todos estes fatores podem afetar a compreensão da mensagem transmitida em VHF.

Badawi *et. al.* (2015) mencionam o modo como cada falante de determinada cultura ou região organiza sua informação, ou seja, em algumas línguas os falantes apresentam primeiramente o assunto e depois exemplificam e em outras acontece o inverso. Desse modo, alguns grupos deixam claro inicialmente o que querem dizer e outros não. Em uma situação de emergência a bordo, isto, certamente, seria um problema e poderia comprometer a inteligibilidade da mensagem e causar acidentes.

Normalmente a interferência ocorre, pois, nestes casos, as pessoas tendem a interpretar usando o contexto de sua própria cultura. Porém, a bordo os falantes estão expostos a uma

²⁴ *Culture, in its broadest sense, is "the set of distinctive spiritual, material, intellectual and emotional features of society or a social group that encompasses, in addition to art and literature, lifestyles, ways of living together, value systems, traditions and beliefs" [3]. In addition, culture gives people a "sense of who they are, of belonging, of how they should behave, and of what they should be doing.*

variedade de línguas, dialetos e culturas distintas, convivendo em um contexto profissional restrito (BURKE ; PORTER, 1997).

O multiculturalismo é uma característica geral das tripulações de hoje. A língua e a cultura sempre foram uma barreira para expressar emoções e sentimentos entre pessoas de diferentes culturas. Como afirma Gupta (2004, p.87), “Claro que as culturas variam, de algum modo, em seu comportamento e essas diferenças se refletem na língua²⁵”. Com base no exposto e confirmação de especialistas em Ciências Náuticas, em entrevistas (anexo C), verificamos que, atualmente, tornou-se um desafio para a indústria marítima lidar com tripulações multiétnicas, multilinguais e multiculturais. É preciso ter consciência das diferenças existentes entre as culturas, especialmente quando lidamos com a comunicação a bordo de navios. As barreiras culturais interferem no bom andamento da comunicação, pois possibilitam mal entendidos e isto pode provocar acidentes.

As regras da estrutura hierárquica de cada povo, seus diferentes níveis de conhecimento e visão de mundo devem ser sempre considerados quando tratamos a comunicação entre tripulações de navios.

As diferenças culturais podem impedir a inteligibilidade da comunicação, já que nem todos os interlocutores sabem como cada cultura se comporta ou como lidar com as diferenças. Para atingirem resultados positivos no ambiente de trabalho, os membros da comunidade mercante devem evitar exclusões, discriminações, devem ser mais flexíveis, adaptáveis e respeitar membros de outras culturas, pois algumas delas são bastante contrastantes no seu comportamento social, no modo de responder ou perguntar, nas relações interpessoais e é preciso tempo para familiarizar-se.

Desafios em uma diversidade multicultural são inevitáveis, mas é importante que haja a consciência de que, independente da etnia ou experiência cultural, os interlocutores devem, sempre que possível, procurar respeitar essas diferenças.

No capítulo seguinte serão tratados os aspectos metodológicos que norteiam esta pesquisa.

²⁵ “Of course, cultures differ somewhat in their behavior, and these differences are reflected in language.”

2 METODOLOGIA

Um navio navega para o leste e o outro para o oeste, levados pelos mesmos ventos que sopram. É o conjunto de velas e não a tempestade que determina que caminho seguir.

(Ella Wheeler Wilcox)

Mostraremos neste capítulo o arcabouço teórico-metodológico que sustenta este estudo. Descrevemos, aqui, o contexto institucional, a entrada em campo, o *corpus*, a coleta de dados e os procedimentos de análise.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Para Lüdke & Meda (1986), um dos fatores fundamentais deste tipo de estudo é o desdobramento do papel do pesquisador, que age também como o principal instrumento de coleta de dados e vai captando informações à medida que vão surgindo. De acordo com os autores, é importante que o pesquisador domine o assunto a ser estudado para que possa, ao longo de seu estudo, garantir a avaliação e seleção de elementos a serem registrados. Ele tem a função de selecionar os dados fundamentalmente relevantes.

Este estudo possui, também, características de etnografia, pois implica a observação direta das atividades do grupo estudado (profissionais de Náutica) e conversas informais com especialistas para captar suas interpretações e explicações do que ocorre neste grupo (FIRESTONE ; DAWSON, 1981).

Por não termos manipulado os dados e nem o ambiente, mantendo todas as informações em sua forma original, este trabalho caracteriza-se por ser naturalista. Edge & Richards (1998, p.336) ressaltam o papel dos pesquisadores envolvidos em um trabalho investigativo sustentado pelo paradigma humanista e naturalista. O paradigma humanista ou naturalista considera os pesquisadores como participantes na situação que investigam. Seus valores e crenças estão envolvidos no processo de maneiras múltiplas, tais como no momento da escolha do que se deseja investigar, na escolha de como desenvolver a pesquisa e na tomada de decisão de como representar e usar as descobertas. O que as pesquisas naturalista e etnográfica buscam é oferecer entendimentos das situações reais, a fim de iluminar questões para outras pessoas (ALLRIGHT ; BAILEY, 1990) e contribuir para a base de conhecimento para outros contextos. Edge & Richards (1998, p.334-335) afirmam que a força ilocucionária dos resultados de pesquisa mudou. Não é mais “Eu explico e, por conseguinte (globalmente sugiro), e sim “Eu interpreto e, por conseguinte ofereço um entendimento

(contextualmente específico)”.

A delimitação das perguntas da pesquisa ocorreu ao longo do processo de exploração dos dados e de seu contexto. Chizzotti (1995, p.81) usa o termo delimitação do problema, em vez de perguntas de pesquisa, mas compreendemos os termos como referentes ao mesmo aspecto característico da pesquisa qualitativa. Sobre o mesmo, o autor afirma que a “delimitação do problema” pressupõe uma imersão dos pesquisadores em seus contextos de estudo. Pressupõe, também, uma partilha prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, para descobrir os fenômenos além de suas aparências imediatas. A delimitação é feita em campo onde a questão inicial é explicada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos no estudo – no caso deste trabalho, profissionais de Náutica e professores.

Ademais, a maior parte do trabalho de campo foi realizada pessoalmente. Para Walcott (1975), as pessoas que escrevem a etnografia devem ter tido elas mesmas uma experiência direta com a situação do estudo. E, para este estudo, venho trabalhando há mais de vinte anos com os profissionais envolvidos. A existência de auxiliares de pesquisa pode ser muito útil, porém jamais substituirá a riqueza do contato íntimo e pessoal com a realidade estudada. O autor menciona, inclusive, a importância do contato contínuo e prolongado com o trabalho de campo. Como afirmam Lüdke e Meda (1986, p.16), “Devido a seu grau de imersão na realidade, o observador está apto a detectar as situações que lhes fornecerão dados discordantes e as que podem corroborar com suas conjecturas”.

Quanto à coleta de dados, utilizamos trinta e sete transcrições de mensagens em VHF, retiradas de livros e manual, usados por profissionais de Náutica e traduzidas para a língua portuguesa, tomando como base o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima em português. (DPC, 1982). Além disso, utilizamos observações e anotações sobre o comportamento da comunidade mercante e quatro gravações de entrevistas com especialistas em Ciências Náuticas, após seus consentimentos por escrito. Os entrevistados responderam questões sobre a experiência a bordo, o tempo de serviço na profissão, a importância da comunicação, o uso do jargão náutico, as dificuldades dos membros iniciantes e a interferência multicultural e multilingual a bordo. Inicialmente pretendíamos gravar comunicações reais a bordo de navios mercantes, mas isto implicaria ter de viajar nesses navios por alguns meses, o que consideramos inviável em período de trabalho. Ademais, as gravações a bordo também não foram permitidas, por questões de segurança.

2.1 O contexto institucional e os profissionais de náutica

O *corpus* desta pesquisa foi coletado em uma organização militar vinculada à Marinha do Brasil, o Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (doravante CIAGA), onde funciona a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (doravante EFOMM), uma universidade do mar. A EFOMM forma Oficiais em duas opções de curso, a saber: o de Náutica e o de Máquinas.

Trabalho com profissionais de Náutica há vinte anos nesta instituição. Ministro aulas sobre o jargão marítimo para cursos de formação²⁶, adaptação²⁷ e aperfeiçoamento²⁸. Ao longo destes anos, venho ministrando aulas de inglês instrumental para oficiais que poderão trabalhar em navegação de longo curso ou navegação de cabotagem. Para fins deste estudo, analisarei as comunicações que ocorrem na costa do Brasil, utilizando como base o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima em língua portuguesa, publicado pelo Departamento de Portos e Costas (1982).

Minha experiência contribuiu positivamente para a realização deste trabalho, facilitando a compreensão de dados, determinando os melhores espaços da pesquisa, assim como decodificando certos modelos culturais do grupo estudado.

Procurei considerar a perspectiva dos envolvidos na pesquisa, a maneira como eu, junto com outros especialistas, encaramos as questões e dificuldades que foram focalizadas. Como afirmam Lüdke & Meda (1986, p.12), “ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, o estudo qualitativo permite iluminar o dinamismo interno das situações [...]”.

Desde 1971, o CIAGA vem formando oficiais, aperfeiçoando-os nas várias fases da carreira, formando técnicos graduados e subalternos e ministrando um extenso programa de cursos especiais a todos os profissionais mercantes.

²⁶ EFOMM - Destina-se a formar jovens brasileiros que concluíram o Ensino Médio ou equivalente, jovens cujo país de origem não tenha uma Escola de Marinha Mercante, ou aqueles cujo país de origem possua intercâmbio de alunos, como Peru, Panamá, Equador, República Dominicana (www.ciaga.com.mar.mil.br).

²⁷ PREPOM - Destina-se a habilitar o aluno com nível superior e graduação plena em áreas de interesse para o desempenho de atividades na Marinha Mercante, para exercer as funções inerentes ao 2º Oficial de Náutica (Programa do Ensino Profissional Marítimo / www.ciaga.com.mar.mil.br).

²⁸ ATNO - O Curso de atualização de Náutica para oficiais destina-se a atualizar os Oficiais de Náutica da Marinha Mercante e capacitar os Oficiais da Marinha do Brasil, do Corpo da Armada, após deixarem o Serviço Ativo da Marinha, a exercerem as funções de Comandante e de Imediato dos Navios Mercantes (www.ciaga.com.mar.mil.br).

Dimensionado para formar as gerações que deverão se suceder nas tripulações dos navios, este Centro recebe jovens brasileiros, entre 16 e 24 anos, que possuam o diploma de segundo grau e queiram fazer carreira no mar. Estes são submetidos a um exame de seleção, onde são avaliados seus conhecimentos de Português, Inglês, Física e Matemática. Os candidatos aprovados e classificados são matriculados na EFOMM, para optarem pelo Curso Fundamental de Náutica ou Fundamental de Máquinas. Dentre as várias disciplinas que compõem esses cursos, podem ser citadas: Português, Inglês, Matemática, Navegação, Arte Naval, Eletricidade, Eletrônica, Estabilidade, Legislação Marítima, Informática, Máquinas, Desenho Técnico e Automação.

Dentro da diretiva de procurar prover aos seus profissionais o que de mais moderno existe em instrução, em face do avanço tecnológico da Indústria Naval Mercante, o CIAGA passou a operar um moderno centro de Simuladores composto de Simulador de Manobras de Navios, Simulador de Radar e Simulador de Máquinas.

Totalmente controlados por computadores, os sistemas e equipamentos, de última geração, permitem aos profissionais mercantes em geral o contato com as modernas instalações de um navio mercante e o treinamento em condições bem próximas da realidade.

Para fins deste estudo, precisei visitar os Simuladores de Manobras e Radar a fim de familiarizar-me com o ambiente de trabalho dos oficiais, além de verificar como as comunicações em VHF normalmente acontecem e são usadas pela comunidade em exercícios de simulação.

O CIAGA hoje está preparado para ministrar vários cursos entre formação, aperfeiçoamento, atualização e cursos especiais. A EFOMM é uma Universidade do Mar. Um Centro de referência para formação de oficiais dos cursos de Náutica e de Máquinas. Neste estudo trataremos apenas do jargão usado pelos oficiais Náuticos.

Nos dois cursos de formação supracitados, os futuros oficiais estudam na Escola de Marinha Mercante em regime de internato por três anos. Os cursos de Náutica e Máquinas têm dois períodos e são desenvolvidos em oito semestres, a saber: Período Acadêmico, composto de seis semestres letivos em regime de internato; e o Período de Estágio, compreendendo dois semestres embarcados para o curso de Náutica e um semestre embarcado para o curso de Máquinas, cumprindo estágio supervisionado.

As atividades de ensino são desenvolvidas no CIAGA, Centro de Instrução Almirante Graça Aranha e no CIABA, Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar. Compreendem: a) Atividades Acadêmicas em salas de aula, em laboratórios, a bordo de embarcações, plataformas, terminais marítimos, estaleiros e simuladores; b) Atividades Militares que

compreendem disciplinas curriculares, embarques, formaturas, cerimônias, eventos cívico-militares, serviço diário, dentre outros e atividades extraclasse, tais como palestras, seminários, visitas, atividades sociais e esportivo-culturais.

Após o término do terceiro ano, o profissional realizará o Estágio de Praticante, denominado Programa de Estágio (PREST), que é obrigatório a bordo de embarcações mercantes, em empresas indicadas pelos Centros de Instrução. Ao término do curso, o aluno será declarado Bacharel em Ciências Náuticas, curso de nível superior.

2.2 A entrada em campo

Inicialmente enviei um requerimento ao Chefe de Ensino Presencial do CIAGA que o encaminhou, posteriormente, às seguintes autoridades: ao Superintendente de Ensino, ao Diretor de Pessoal Civil, ao Imediato do CIAGA, ao Comandante do CIAGA e, por fim, ao Diretor de Ensino da Marinha. Pudemos contar, também, com o consentimento dos Membros Permanentes que constituem a Comissão Permanente do Corpo Docente (CoPeCoD), que avalia assuntos concernentes à função dos docentes, conforme disposto no art. 58 do Regimento Interno, e com o apoio de outros participantes, a saber: quatro especialistas em Ciências Náuticas, dois professores e uma bibliotecária, que nos auxiliou com os contatos e a coleta do material didático explorado.

2.3 O *corpus* e a coleta de dados

Como base de dados para a realização desta pesquisa, foram compilados trinta e sete textos de comunicações em VHF, retirados de livros e manual usados por profissionais mercantes, que descrevem situações de rotina no mar e outras envolvendo risco à navegação, ocorridas a bordo de navios ao redor do Brasil e do mundo. Iniciamos a coleta deste material no primeiro semestre de 2013, no CIAGA.

As mensagens foram por mim traduzidas para a língua portuguesa, pois seguem o modelo padrão internacional em inglês. Como base para essas traduções foi utilizado o Vocabulário Padrão de Navegação Marítima, publicado, em português, pelo Departamento de

Portos e Costas (1982), para auxiliar nas comunicações entre navios realizadas na costa do Brasil. Igualmente, foram feitas quatro entrevistas semiestruturadas com especialistas na área de Ciências Náuticas. As entrevistas aconteceram no CIAGA, em dias e horários distintos, de acordo com a disponibilidade dos participantes, em uma sala particular no departamento dos professores. Os especialistas foram avisados com antecedência e autorizaram, por escrito, a gravação de seus depoimentos, no entanto decidimos não revelar seus nomes para preservá-los.

As perguntas tratam questões sobre a experiência prévia dos profissionais especialistas; a relevância da comunicação a bordo de navios; as vantagens do uso do jargão marítimo; as dificuldades encontradas, pelos membros iniciantes, em usar este vocabulário; as consequências de seu desconhecimento ou mau uso por parte da tripulação e uma questão que aborda a influência do contexto multicultural e multilingual nas comunicações. De acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos possibilitaram novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal foi colocado pelo investigador-entrevistador.

Triviños (1987, p.52) afirma que este tipo de entrevista “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...], além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações”. Outrossim, a entrevista semiestruturada permite ao entrevistado ter mais liberdade para desenvolver diferentes situações, em qualquer direção que considere adequada. Desse modo, foi possível explorar mais amplamente determinada questão e, em geral, as perguntas foram abertas e puderam ser respondidas dentro de uma conversa informal.

2.4 O tratamento dos dados

Nesta pesquisa, a identificação das regularidades textuais, nas comunicações em VHF, foi feita a partir de um estudo qualitativo alicerçado na abordagem proposta por Swales (1990) sobre movimentos retóricos e passos do gêneros, no conceito de Halliday & Hasan (1976) sobre as repetições de termos nos textos, dentre outros autores.

Inicialmente compilei trinta e sete textos de comunicações em VHF, retirados de material usado para o aprendizado do jargão náutico, tais como livros e manual técnico de

Náutica. Depois, traduzi estes textos, da língua franca do mar, o inglês, para a língua portuguesa, com base no Vocabulário Padrão de Navegação Marítima (1982), usado para a navegação de cabotagem.

Os textos retratam situações verídicas sobre a navegação, acontecidas ao redor do mundo, envolvendo ou não riscos. Usando este critério de risco, separei os textos considerando os cinco tipos de subgêneros, a saber: “Troca” (*Exchange*), “Aviso” (*Broadcast*), que não implicam risco; “Perigo” (*Mayday*), “Urgência” (*Pan-Pan*), “Segurança” (*Sécurité*), com risco eminente, além de suas respectivas funções. Estes subgêneros serão analisados no capítulo seguinte.

Foi possível identificar e nomear os movimentos e passos, pautados nas suas funções retóricas subjacentes e nos propósitos que desempenham. Procurei sempre observar o paralelismo nos rótulos. O critério adotado foi a frequência no *corpus* e o léxico simples e recorrente também auxiliou bastante na denominação dos movimentos.

A partir daí, estabeleci generalizações a cerca da organização retórica, ou seja, quais destes movimentos e passos são considerados obrigatórios e quais são opcionais (HASAN, 1989). Tais regularidades possibilitaram a configuração de padrões de organização capazes de fornecer descrições esquemáticas deste gênero oral específico.

Outrossim, através de uma contagem manual, identifiquei, ainda, os itens lexicais mais recorrentes nas mensagens e observei sua relevância para a tessitura dos textos, para a coerência. Segundo Koch (2013, p.21),

“a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e a capacidade que o receptor tem para calcular o sentido do texto”.

Beaugrande & Dressler (1981) afirmam que um enunciado bem construído apresenta a chamada textualidade (tessitura), um conjunto de características que fazem de um texto um texto, e não uma sequência aleatória de frases. Segundo Charolles (1978), a reiteração e recorrência de traços semânticos não é a mera repetição de termos, mas retoma elementos com o objetivo de conservar um dado sentido. Foi possível perceber, com esta análise, que existe um tipo de coesão obtida pela reiteração de certos itens lexicais e que estes elementos não podem ser omitidos em detrimento da inteligibilidade da comunicação.

Em seguida, verifiquei se havia semelhanças e diferenças na frequência dos movimentos e passos dentro das estruturas retóricas de cada um dos cinco subgêneros e observei que a reiteração de itens lexicais determina uma característica marcante do gênero,

além da presença de passos cíclicos nos movimentos.

Por fim, foi feita uma leitura anotada dos textos do *corpus* e, assim, obtive a identificação de padrões retóricos de organização das transmissões.

A seguir, trataremos da análise e discussão dos resultados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

(*Madre Teresa de Calcutá*)

Neste capítulo, encontram-se os resultados da análise dos movimentos retóricos, incluindo passos, presentes nos textos simulados de comunicações em VHF; os mecanismos de coesão lexical muito recorrente nos textos e os depoimentos dados nas entrevistas realizadas com profissionais do curso de Náutica da Marinha Mercante, a respeito da importância do jargão mercante (Vocabulário Padrão de Navegação Marítima) a bordo de navios, entre outras questões relevantes para a confirmação de nosso estudo.

A análise das comunicações em VHF possibilitou aplicar, nos dados coletados, alguns dos conceitos de Swales (1990,1998), tais como o propósito comunicativo e a estrutura de movimentos e passos.

Procuramos inicialmente focar a definição do propósito comunicativo de cada movimento retórico encontrado nas cinco realizações da comunicação em VHF, as quais chamamos, para fim de apresentação dos resultados, de subgêneros. São eles: “Troca” (*Exchange*), “Aviso” (*Broadcast*), “Perigo” (*Distress*) e “Urgência” (*Urgency*), “Segurança” (*Safety*) e de suas composições internas (*passos*).

Verificamos com esta análise que um gênero realiza diferentes tipos textuais com características organizacionais particulares e estas viabilizam interações dentro do escopo da comunidade. Além disso, nas comunicações analisadas, as sequências tipológicas que predominam são: 1- descrições: localização de navios, posição, horário, velocidade, visibilidade, condições meteorológicas e de navegação e 2- injunções: ordem formal para cada elemento que as constitui, há em todos os tipos de transmissões. Estas sequências são definidas por traços linguisticamente predominantes (MARCUSCHI, 2000, p. 27). Ademais, constituem instruções que são dadas pelo comando dos navios na realização de manobras, de salvamentos, de desatracação, de fundeio, de levantamento de “ferro” (âncora), entre outros.

Dentre os movimentos retóricos nomeados no *corpus* desta pesquisa, para cada realização do gênero mencionada anteriormente, destacam-se:

Quadro 2 - Movimentos Retóricos – Transmissão “Troca”

Movimento 1 – Identificando o(s) participante(s).
 Movimento 2 – Ajustando os canais.
 Movimento 3 – Discriminando o assunto.
 Movimento 4 – Finalizando a transmissão.

Fonte: o autor.

Quadro 3 - Movimentos Retóricos – Transmissão “Aviso”

Movimento 1 – Identificando o(s) participante(s).
 Movimento 2 – Discriminando o assunto.
 Movimento 3 – Ajustando os canais.
 Movimento 4 – Confirmando o(s) participante(s).
 Movimento 5 – Detalhando o assunto.
 Movimento 6 – Finalizando a transmissão.

Fonte: o autor.

Quadro 4 - Movimentos Retóricos – Transmissões “Perigo” e “Urgência”

Movimento 1 – Identificando a situação (perigo/urgência).
 Movimento 2 – Identificando o(s) participante(s).
 Movimento 3 – Informando a posição.
 Movimento 4 – Informando o problema.
 Movimento 5 – Solicitando ajuda.
 Movimento 6 – Confirmando a situação (de perigo/urgência).
 Movimento 7 – Confirmando o(s) participante(s).
 Movimento 8 – Recebendo o pedido de ajuda.
 Movimento 9 – Prestando assistência.

Fonte: o autor.

(Nestas transmissões, os movimentos 6 e 7 aparecem mais de uma vez nos textos.)

Quadro 5 - Movimentos Retóricos – Transmissão “Segurança”

Movimento 1 – Identificando a situação.
 Movimento 2 – Identificando o(s) participante(s).
 Movimento 3 – Detalhando o assunto.

Fonte: o autor.

De acordo com Swales (1990), a partir do reconhecimento de movimentos e passos, em um dado contexto discursivo, é possível definir a estrutura retórica de um determinado gênero. Todavia, é preciso mais do que uma simples análise das estruturas esquemáticas para que se possa determinar a organização genérica de um texto. É imprescindível analisar seus intentos comunicativos e as realizações linguísticas de seus movimentos e passos em um contexto específico. Procuramos organizar as comunicações com base em sua semelhança de movimentos ou em seus intentos comunicativos.

3.1 Transmissões “Troca” e “Aviso”

Decidimos analisar esses dois subgêneros de transmissões nesta mesma seção por possuírem quatro movimentos retóricos comuns, diferenciando-se apenas em dois deles. Mostraremos inicialmente um exemplo de cada comunicação em quadro, para ilustrar a análise:

Quadro 6 - Exemplo de Transmissão “Troca” (Continua)

Movimento Retórico	Exemplo 1
<p>Movimento 1 – Identificando o(s) participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se</p> <p>Passo 2 - Passagem de turno do falante</p> <p>Passo 3 - Chamada do ouvinte: endereçando e identificando-se</p> <p>Passo 4 - Passagem de turno do ouvinte</p>	<p>Rose Maru Juliet Alfa Alfa Alfa</p> <p>Aqui é Rattler (2x) Golf, X-ray X-ray</p> <p>X-ray Câmbio</p> <p>Rattler Golf X-ray X-ray X-ray</p> <p>Aqui é Rose Maru (2x) Juliet Alfa Alfa</p> <p>Alfa</p> <p>Câmbio</p>

<p>Movimento 2 – Ajustando os canais</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Solicitação de mudança de canal (pelo falante)</p> <p>Passo 3 - Passagem de turno do falante</p> <p>Passo 4 - Chamada do ouvinte: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 5 - Ajuste do canal (pelo ouvinte)</p> <p>Passo 6 - Passagem de turno do ouvinte</p>	<p>Rose Maru JAAA</p> <p>Aqui é Rattler (2X) GXXX</p> <p>Mude para o canal zero seis</p> <p>Câmbio</p> <p>Rattler GXXX</p> <p>Aqui é Rose Maru (2x) JAAA</p> <p>Mudando para o canal zero seis</p> <p>Câmbio</p>
---	---

<p>Movimento 3 – Discriminando o assunto</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Abertura do conteúdo pelo falante</p> <p>Passo 3 - Passagem do turno do falante</p> <p>Passo 4 - Chamada do ouvinte: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 5 - Resposta do ouvinte</p> <p>Passo 6 - Passagem de turno do ouvinte</p>	<p>Rose Maru</p> <p>Aqui é Rattler</p> <p>Há redes de pesca à boreste?</p> <p>Câmbio</p> <p>Rattler</p> <p>Aqui é Rose Maru</p> <p>Você está indo em direção às redes de pesca.</p> <p>Há redes com boias no local.</p> <p>Só podem ser vistas a seis milhas no seu radar</p> <p>Câmbio</p>
<p>Movimento 4 – Finalizando a transmissão</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Confirmação do assunto</p> <p>Passo 3 - Preparação para o término da transmissão (opcional)</p> <p>Passo 4 - Fechamento da transmissão</p>	<p>Rose Maru</p> <p>Aqui é Rattler</p> <p>Entendido: Redes à boreste com boias no local a seis milhas.</p> <p>Obrigado (opcional)</p> <p>Atento no uno meia (opcional)</p> <p>Câmbio Final</p>

Fonte: o autor.

Quadro 7 - Exemplo de Transmissão “Aviso”

<p>Movimento 1 – Identificando o(s) participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se</p>	<p>Todos os navios no Estreito de Malacca (2x)</p> <p>Aqui é China Star (2x) November Lima Lima Sierra</p>
<p>Movimento 2 – Discriminando o assunto</p>	<p>Previsão do tempo</p>
<p>Movimento 3 – Ajustando os canais</p> <p>Passo 1 - Solicitação de mudança de canal</p> <p>Passo 2 - Manutenção da frequência</p>	<p>Mude para o canal um três</p> <p>Câmbio</p>
<p>Movimento 4 – Confirmando o(s) participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando</p>	<p>Todos os navios no Estreito de Malacca (2x)</p> <p>Aqui é China Star (2x) November Lima Lima Sierra</p>
<p>Movimento 5 – Detalhando o assunto</p>	<p>Previsão do tempo no Estreito de Malacca,</p> <p>Hora local: um dois zero zero UTC</p> <p>Informação: Vento: Sul; Força: cinco; Mar: moderado; Visibilidade: três milhas</p>
<p>Movimento 6 – Finalizando a transmissão</p>	<p>Câmbio Final</p>

Fonte: o autor.

Ao comparar as estruturas retóricas das transmissões “Troca” e “Aviso”, verificamos que possuem quatro movimentos comuns com os mesmos propósitos comunicativos, a saber: 1- “Identificando o(s) participante(s)” - que tem o intento comunicativo de apresentar, introduzir os participantes da comunicação que está para iniciar. Estes deverão permanecer em contato ao longo de toda a transmissão; 2- “Ajustando os canais” - que objetiva sintonizar um canal específico e disponível pelos participantes, para que possam realizar a comunicação, sem interferência de outros navios, já que alguns canais podem ser acessados por qualquer navio a qualquer momento, como é o caso do canal 16. Este movimento é o segundo nas transmissões “Troca” e o terceiro nas transmissões “Aviso” (WEEKS *et.al.*, 1988).

A razão para a diferença na ordem destes movimentos, nessas transmissões, está no fato de que as comunicações “Aviso” não se destinam a uma embarcação específica e não objetivam, tampouco, a interação entre falantes (MARCUSCHI, 2006). A negociação de turnos (HERRING, 2002) não ocorre, como nas comunicações “Troca” e, por isso, nas transmissões “Aviso”, o locutor prepara o ouvinte inicialmente, discriminando o tipo de assunto e, caso seja de seu interesse, ele mudará para o canal sugerido para ouvir mais detalhes sobre a mensagem (WEEKS *et.al.*, 1988); 3- ‘Discriminando o assunto’ - tem a função de determinar o conteúdo da mensagem a ser tratada pelos participantes, no caso das comunicações “Troca”, e transmitir um aviso meteorológico ou sobre a navegação, nas comunicações “Aviso”²⁹ (este movimento corresponde ao segundo nas transmissões “Aviso” e ao terceiro nas transmissões “Troca”) e 4- ‘Finalizando a transmissão’ - que tem o propósito comunicativo de encerrar a comunicação e liberar o canal para que outros navios possam usá-lo.

Os dois movimentos que diferenciam estas comunicações e aparecem apenas na estrutura retórica das transmissões “Aviso” são: ‘Confirmando os participantes’ e ‘Detalhando o assunto’, que serão tratados nesta mesma seção posteriormente.

Vejam os passos que constituem cada um dos movimentos comuns aos dois tipos de comunicações, a começar pelo Movimento 1 - ‘Identificando o(s) participante(s)’. Nas transmissões “Troca”, esse movimento retórico é composto por quatro passos, a saber:

²⁹ Entre os assuntos tratados nas transmissões “Troca” verificamos nos textos analisados: “procura de naufrágio”, “transmissão de informação sobre operações de dragagem”, “calado”, “carga”, “trânsito”, “atracação”, “equipamento com problema”, “localização”; nas comunicações “Aviso”, os assuntos mais comuns sobre navegação e tempo foram: “condições dos ventos”, “mar encapelado”, “visibilidade”, “posição de boias” (IMO-SMCP, 2002).

Passo 1 - ‘Chamada do falante, endereçando e identificando-se’ - tem o intento comunicativo de informar quem serão os envolvidos na transmissão que está para iniciar, ou seja, o ouvinte e o falante. Nas comunicações analisadas, este passo é composto pelo nome do navio e seu prefixo, usados tanto para endereçar como para identificar os participantes. Nas comunicações, o prefixo aparece sob a forma de letras (alfabeto específico utilizado apenas pela comunidade mercante (anexo A) ou letras e números (WEEKS *et.al*, ,1988); Passo 2 - ‘Passagem de turno do falante’ - tem o objetivo de permitir que o ouvinte se pronuncie e inviabiliza a sobreposição de vozes (KOCH, 1995). Esse passo é representado, nas comunicações analisadas, pelo item lexical “câmbio”, muito recorrente nas transmissões. Este constitui um passo obrigatório e cíclico do gênero. De acordo com Miller (1984, p.159), “os gêneros são ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes”; Passo 3- ‘Chamada do ouvinte: endereçando e identificando-se’ - possui dois propósitos importantes: o primeiro, dar um retorno ao participante que fez o contato inicial e o segundo, apresentar-se ao falante através de seu nome e prefixo, exatamente como no Passo 1; Passo 4 - ‘Passagem de turno do ouvinte’ - tem o mesmo propósito comunicativo do Passo 2, mencionado anteriormente, mudando apenas os participantes, ou seja, aqui quem foi inicialmente endereçado, passa a endereçar e identificar- se. Através da passagem de turno pelo ouvinte, o falante poderá dar sequência à transmissão. Para Koch (2013, p.53), “é a coerência que dá textura ou textualidade à sequência linguística, (...) que converte uma sequência linguística em texto (...) a coerência dá origem à textualidade (...)”.

Nas comunicações “Aviso”, o movimento 1 é composto apenas por um passo, a saber: Passo 1- ‘Chamada do falante: endereçando e identificando-se’- cujo intento comunicativo é o mesmo das transmissões “Troca”, ou seja, informar os envolvidos na comunicação que está para começar. A única diferença que verificamos, ao analisar as mensagens, está relacionada ao léxico usado. Nas transmissões “Aviso”, os endereçamentos podem ser gerais, através das palavras ‘Todos os navios’, ‘Todas as Embarcações’ acompanhadas do nome de uma localidade, ou podem também ser específicos, indicando o nome de um determinado navio. Em nenhuma das comunicações “Aviso” foi verificado algum tipo de retorno por parte dos ouvintes envolvidos nas transmissões. Cabe ressaltar aqui uma particularidade do subgênero, essas transmissões, apesar de não esperarem nenhum retorno do ouvinte, não o proibem de fazê-lo, porém, caso o façam para pedir maiores esclarecimentos sobre o aviso transmitido, a comunicação passa a ter características de interação, “Troca” (*Exchange*), e deverá então seguir as regras que a norteiam, quanto aos movimentos e passos constituintes (WEEKS *et.al*, ,1988).

No movimento 2, ‘Ajustando os canais’, seis são os passos que compõem esse segundo movimento nas chamadas “Troca”: Os Passos 1 e 4, ‘Chamada do falante: mantendo-se na frequência’ e ‘Chamada do ouvinte: mantendo-se na frequência’, respectivamente. Têm o propósito de garantir o contato entre os participantes, mantendo-os conectados ao longo da comunicação, evitando uma suspensão no fluxo conversacional.

Nas transmissões analisadas, observamos que este passo é composto, também, pelo nome do navio e seu prefixo, porém não têm mais, neste momento da comunicação, a função de apresentar os participantes, pois estes já foram introduzidos inicialmente. Apenas assegura o contato dos interlocutores.

O Passo 2, ‘Solicitação de mudança de canal’, tem a função de indicar um canal disponível para que seja possível dar continuidade à transmissão entre falante e ouvinte, e garantir a privacidade na comunicação entre os participantes. Nos textos analisados, essa solicitação aparece representada pelas frases: ‘*Mude para o canal (nº)*’ ou ‘*Vá para o canal*’.

Os Passos 3 e 6, ‘Passagem de turno do falante’ e ‘Passagem de turno do ouvinte’, constituem movimentos cíclicos ao longo das estruturas retóricas. Têm os mesmos propósitos comunicativos já mencionados no movimento anterior, Passos 2 e 4, respectivamente e constituem passos obrigatórios.

O Passo 5 corresponde ao ‘Ajuste do canal (pelo ouvinte)’ e tem o propósito de dar retorno ao falante sobre o canal sugerido. Esse passo possui três possíveis variantes, como pudemos verificar. A estação ou navio poderá concordar ou discordar do canal sugerido, ou mesmo solicitar um, caso o falante não informe. Nos exemplares abaixo, mostraremos estas variações em negrito.

Quadro 8 - Exemplos de variações na mudança de canal.

Concordando com o canal	Discordando do canal	Solicitando um novo canal
Cienfuegos Delta Delta Delta Eco Aqui é Malacca (2x) Sierra Whisky Whisky Papa Câmbio	Pietras (2x) Papa Papa Bravo Bravo Aqui é Moliery (2x) X-ray Papa India Bravo Câmbio	Monte Claro Victor Victor Victor Delta Aqui é South Beach (2x) Charlie Charlie Foxtrot Alfa Câmbio
Malacca SWWP Aqui é Cienfuegos (2x) DDDE Câmbio	Moliere XPIB Aqui é Pietras (2x) PPBB Câmbio	South Beach CCFA Aqui é Monte Claro VVVD Câmbio
Cienfuego DDDE Aqui é Malacca (2x) SWWP Mude para o canal um zero Câmbio	Pietras PPBB Aqui é Moliere (2x) XPIB Mude para o canal zero cinco Câmbio	Monte Claro VVVD Aqui é South Beach CCFA Mude para o canal um sete. Câmbio
Malacca SWWP Aqui é Cienfuegos (2x) DDE De acordo com o canal um zero Câmbio...	Moliere XPIB Aqui é Pietras (2x) PPBB Canal zero cinco com problemas. Não é possível escutar Câmbio	South Beach CCFA Aqui é Monte Claro VVVD Canal um sete com problemas. Qual o canal? Câmbio
	Pietras PPBB Aqui é Moliere (2x) XPIB (Entendido). Canal dois três disponível Câmbio...	Monte Claro VVVD Aqui é South Beach CCFA Mude para o canal três cinco. Câmbio South Beach CCFA Aqui é Monte Claro VVVD Transferindo para o canal três cinco. Câmbio...

Fonte: o autor.

Nas transmissões “Aviso”, este movimento é formado por dois passos, O Passo 1, ‘Solicitação de mudança de canal’, que corresponde ao mesmo das transmissões “Troca” e tem o mesmo propósito comunicativo, variando apenas no seu léxico constituinte: ‘Mude para o canal um-dois’ por ‘Canal um-dois’ ou ‘Mudando para o canal um-dois’. O Passo 2, ‘Manutenção da frequência’, tem o intento de manter os participantes conectados e atentos à comunicação. O item lexical “câmbio” é usado nas transmissões para representar este passo. Observamos que esta mesma palavra, dependendo da transmissão em que aparece, assume propósitos comunicativos distintos, ou seja, em comunicações “Troca” tem a função de passar o turno e evitar sobreposição de vozes (KOCH, 1995), enquanto que naquelas de “Aviso”, apenas assegura a conexão da transmissão entre os participantes, já que não há interação efetiva neste tipo de comunicação (WEEKS *et.al.*, 1988). Além disso, dependendo do tipo de realização do subgênero, outros itens lexicais podem assumir a mesma função, como, por exemplo, nas comunicações “Troca”, em que, ao mencionar o nome e o prefixo do navio inicialmente nas transmissões, tem a função de apresentar os participantes. No entanto, se aparecerem ao longo da transmissão novamente, já assumem o mesmo intento que o item lexical “câmbio” nas transmissões “Aviso”, quer dizer, manter os participantes atentos, em alerta, na escuta. Esse fato nos remete ao conceito de Bhatia (1993, p.56-59) sobre a flexibilidade do gênero e sua condição de adaptar-se às situações. Ainda, segundo Marcuschi (2002), quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares³⁰. No movimento 3, ‘Discriminando o assunto’, são seis os passos que compõem este movimento nas transmissões “Troca”, contudo três deles são cíclicos e têm os mesmos intentos comunicativos já mencionados. São eles: os Passos 1 e 4, ‘Chamada do falante: mantendo-se na frequência’ e ‘Chamada do ouvinte, mantendo-se na frequência’, respectivamente. Estes são passos recorrentes nas comunicações. O primeiro aparece em todos os movimentos e, o segundo, nos três primeiros movimentos das comunicações “Troca”, com os mesmos intentos comunicativos, ou seja, manter o contato. O Passo 2 corresponde a ‘Abertura do conteúdo pelo falante’ e tem o objetivo de anunciar o assunto que será tratado ao longo da comunicação.

Tal assunto, de acordo com o que verificamos, após examinar os exemplares das comunicações, pode envolver informações para realizar manobras, alguma solicitação,

³⁰ Como afirma Bronckart (1999, p. 3), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas, o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”.

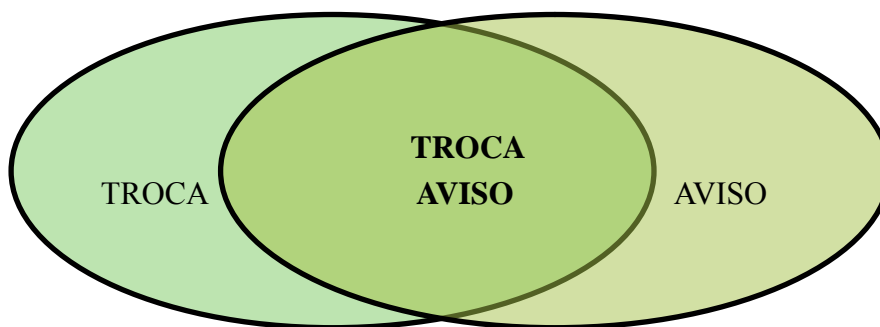
intenção do falante ou mesmo uma simples pergunta que o falante faz ao ouvinte para obter alguma informação específica, como, por exemplo: ‘Qual o seu horário estimado de chegada?’ ‘Meu horário estimado de chegada é 14h00min, hora local. Câmbio’. Os Passos 3 e 6, ‘Passagem de turno do falante’ e ‘Passagem de turno do ouvinte’, aparecem novamente no terceiro movimento indicando que um dos participantes está permitindo que o outro se pronuncie. Estes passos variam apenas em suas posições no interior das transmissões “Troca”, ou seja, correspondem, respectivamente, ao segundo e quarto passos do primeiro movimento e ao terceiro e sexto passos do segundo e terceiro movimentos retóricos nessas comunicações. O Passo 5, ‘Resposta do ouvinte’, tem o objetivo de continuar a interação, de dar um retorno ao falante. Este passo apareceu nas mensagens analisadas sob a forma de resposta a uma pergunta anterior, um complemento de informação pelo ouvinte, recebimento de solicitação, instrução ou informação. Este movimento não possui, nas transmissões “Aviso”, nenhum passo específico, pois apenas introduz o assunto a ser tratado, sem muitos detalhes. Nas transmissões “Troca” correspondem a um total de quatro passos, a saber: o Passo 1, neste movimento, ‘Chamada do falante: mantendo-se na frequência’, é um passo cíclico que mantém sua função retórica nos três últimos movimentos destas transmissões; o Passo 2, ‘Confirmação do assunto’, tem o objetivo de certificar que a mensagem ou informação foi compreendida pelo ouvinte. Este passo frequentemente aparece nas comunicações analisadas como uma repetição literal (MARCUSCHI, 1992) ou parcial, pelo ouvinte, do que foi transmitido pelo falante anteriormente. O Passo 3, ‘Preparação para o término da transmissão’, é opcional (HASAN, 1989) e aparece em algumas das comunicações analisadas. É representado, nos textos, pelas palavras: “Nada mais”, “Obrigado/a”, “Atento no canal..”; e normalmente precedem a expressão que indica o término da mensagem, ‘Câmbio final’. Tem o propósito comunicativo de preparar o ouvinte para o final da transmissão e agradecer auxílio prestado ou informações dadas. O Passo 4 corresponde ao ‘Fechamento da transmissão’ e tem a função de finalizar a comunicação nos dois tipos de mensagens. É sempre representado pelos vocábulos “Câmbio final”. É um passo obrigatório (HASAN, 1989) nos dois tipos de comunicações.

Dois outros movimentos estão presentes apenas nas estruturas retóricas das transmissões “Aviso”. O primeiro deles, ‘Confirmando o(s) Participante(s)’, tem o intento comunicativo de assegurar que os mesmos participantes do início da transmissão mantenham contato e continuem acompanhando na mesma frequência, durante toda a comunicação. Este movimento, nos exemplos analisados, é constituído de um único passo, ‘Chamada do falante, endereçando e identificando-se’, que aparece também no

primeiro movimento retórico das transmissões “Troca”, como o primeiro passo. É representado pelo nome do navio e seu prefixo. A função retórica deste passo é a de manter o contato. Já o segundo movimento, ‘Detalhando o Assunto’, corresponde a outro movimento presente apenas na estrutura retórica das transmissões “Aviso” e tem a função de informar em detalhes o conteúdo da mensagem. Dentre os assuntos mais comuns presentes nas comunicações verificamos: “horário”, “local”, “condições do vento”, “força”, “condição do mar”, “tempo”, “visibilidade”, “condições do gelo”, “tipos de marés”, “condições de boias”.

Estes dois movimentos retóricos se diferenciam nas comunicações “Aviso” e “Troca”. Sendo assim, podemos representar essas comunicações na figura a seguir.

Figura 2 - Representação das transmissões “Troca” e “Aviso”



Fonte: o autor.

Os quadros 9 e 10, a seguir, representam a estrutura retórica dos movimentos e passos na sequência em que aparecem nas transmissões “Troca” e “Aviso”, respectivamente:

Quadro 9 - Representação da estrutura retórica da transmissão “Troca”

<p>MOVIMENTO 1 – Identificando o(s) Participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se</p> <p>Passo 2 - Passagem de turno do falante</p> <p>Passo 3 - Chamada do ouvinte: endereçando e identificando-se</p> <p>Passo 4 - Passagem de turno do ouvinte</p>
--

<p>MOVIMENTO 2 – Ajustando os canais</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Solicitação de mudança de canal (pelo falante)</p> <p>Passo 3 - Passagem de turno do falante</p> <p>Passo 4 - Chamada do ouvinte: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 5 - Ajuste do canal (pelo ouvinte)</p> <p>Passo 6 - Passagem de turno do ouvinte</p>
<p>MOVIMENTO 3 – Discriminando o assunto</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Abertura do conteúdo pelo falante</p> <p>Passo 3 - Passagem do turno do falante</p> <p>Passo 4 - Chamada do ouvinte: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 5 - Resposta do ouvinte</p> <p>Passo 6 - Passagem de turno do ouvinte</p>
<p>MOVIMENTO 4 – Finalizando a transmissão</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: mantendo-se na frequência</p> <p>Passo 2 - Confirmação do assunto</p> <p>Passo 3 - Preparação para o término da transmissão (opcional)</p> <p>Passo 4 - Fechamento da transmissão</p>

Fonte: o autor.

Quadro 10 – Representação da estrutura retórica da transmissão “Aviso”

<p>MOVIMENTO 1 – Identificando o(s) participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se</p> <p>Passo 2 - Manutenção da frequência</p>
<p>MOVIMENTO 2 – Discriminando o assunto</p>
<p>MOVIMENTO 3 – Ajustando canais</p> <p>Passo 1 - Solicitação de mudança de canal</p> <p>Passo 2 - Manutenção da frequência</p>
<p>MOVIMENTO 4 – Confirmando o(s) participante(s)</p> <p>Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se</p>
<p>MOVIMENTO 5 – Detalhando o assunto</p>
<p>MOVIMENTO 6 – Finalizando a transmissão</p>

Fonte: o autor.

3.2 Transmissões “Perigo” e “Urgência”

Optamos por analisar juntos os textos de comunicações “Perigo” e “Urgência”, por possuírem organizações retóricas muito parecidas. Vejamos os exemplares de cada transmissão nos quadros a seguir.

Quadro 11 – Exemplo de transmissão “Perigo”

Movimento Retórico	Exemplo 1
Movimento 1 – Identificando a Situação	Mayday (3x)
Movimento 2 – Identificando o(s) participante(s)	Aqui é Mobile Sabine Golf Eco Eco Alfa
Movimento 3 – Informando a posição	Posição: Latitude: dois zero graus, quarto zero minutos Sul; Longitude: zero três nove graus , um zero minutos Leste.
Movimento 4 – Informando o problema	Colisão com objeto desconhecido. Navio em chamas e vazando carga inflamável
Movimento 5 – Solicitando ajuda	Preciso de assistência imediata Câmbio
Movimento 6 – Confirmando a situação	Mayday
Movimento 7 – Confirmando o(s) participante(s)	Mobile Sabine Golf Eco Eco Alfa Aqui é Saint Rose Delta Bravo India Foxtrot
Movimento 8 – Recebendo o pedido de ajuda	Mayday recebido Câmbio
Movimento 6 – Confirmando a situação	Mayday
Movimento 7 – Confirmando o(s) participante(s)	Mobile Sabine Aqui é Saint Rose Câmbio

Movimento 9 – Prestando assistência	Prosseguindo para sua assistência Minha posição: Latitude: dois zero graus, três zero minutos Sul; Longitude: zero quatro nove graus, zero cinco minutos Leste; velocidade: um seis nós Hora estimada de chegada no local do acidente: zero quarto zero zero UTC Câmbio
-------------------------------------	--

Fonte: o autor.

Quadro 12 – Exemplo de transmissão "Urgência"

Movimentos Retórico	Exemplo 1
Movimento 1 – Identificando a Situação	Pan-Pan(3x)
Movimento 2 – Identificando o(s) Participante(s)	Todos os navios (3x) Aqui é Everglades Kilo Mike Mike Lima
Movimento 3 – Informando a posição	Posição: Latitude: dois graus, três zero minutos Norte; Longitude: zero oito um graus, três zero minutos Oeste
Movimento 4 – Informando o problema	Motores com problemas
Movimento 5 – Solicitando ajuda	Precisamos de um rebocador com urgência Câmbio
Movimento 6 – Confirmando a situação	Pan-Pan
Movimento 7 – Confirmando o(s) participante(s)	Everglades Aqui é Cienfuegos
Movimento 8 – Recebendo o pedido de Ajuda	Pan-Pan recebido Câmbio
Movimento 6 – Confirmando a situação	Pan-Pan
Movimento 7 – Confirmando os participantes	Everglades Aqui é Cienfuegos
Movimento 9 – Prestando assistência	Informação: Rebocador Liberdade de Los Pueblos Horário estimado de chegada em sua posição: período: zero três horas após saída do porto. Câmbio

Fonte: o autor.

Após analisarmos as estruturas retóricas das transmissões “Perigo e Urgência” verificamos que possuem movimentos retóricos e passos em comum, diferenciando-se, contudo, nos seus macropropósitos comunicativos e em seu léxico constituinte.

As comunicações “Perigo” têm o intento comunicativo de informar que determinada embarcação encontra-se em situação grave e precisa de ajuda imediata (Anexo B, Quadro H) e as comunicações “Urgência” têm o propósito de informar que um navio encaminha-se para uma situação de risco e precisa de auxílio rápido, antes que a situação se agrave (Anexo B, Quadro I).

Estes dois tipos de procedimentos implicam permanente troca de informações entre os participantes, troca de turnos (KOCH, 1995), pois o navio que pede ajuda (falante), necessariamente, precisa de um retorno de qualquer outra embarcação (ouvinte), para ajudá-lo a livrar-se do perigo. De acordo com Kebrat-Orecchioni (2006, p.8), “(...) para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a vários procedimentos de validação interlocutória...(...) É preciso haver uma sincronização interacional (...)”

São transmissões cuja interação ativa está subjacente, o que não acontece, por exemplo, como já foi mostrado em análise anterior, nas transmissões “Aviso” e das transmissões “Segurança”, que será tratada posteriormente. Nestas comunicações, não se espera uma resposta do ouvinte, dado o caráter apenas informativo (representam apenas um aviso) destes dois subgêneros (WEEKS *et.al.*, 1988).

É importante mencionar, também, que nas transmissões em que dois navios interagem (um fala e o outro responde), como no caso das comunicações “Troca”, “Perigo” e “Urgência”, seus movimentos retóricos quase que correspondem às falas dos participantes, ficando mais visível os limites dos movimentos e passos que constituem suas estruturas. É comum o uso de “pares adjacentes” (KOCH, 1995), tais como nos exemplos (pergunta-resposta): “*Qual o seu calado máximo?*”, “*Meu calado máximo é um zero metros.*”; (Informação- informação recebida ou entendido): *Informação: “Velocidade: um dois nós.”*, “*Entendido: Velocidade um dois nós*”; (Instrução - instrução recebida ou entendido): *Instrução: “Toda força à boreste.”*, “*Instrução recebida: Toda força à boreste*”, dentre outros. Segundo Almeida (2008, p.7) “a coordenação dos posicionamentos adjacentes permite aos participantes reconhecer fracassos interacionais, bem como reorientar (...), o curso da conversação, de modo a garantir que uma base de intercompreensão necessária se estabeleça.”. Para Traverso (1999, p.33), “os pares adjacentes são as unidades interacionais mínimas da

conversação”.

Nas transmissões “Perigo” e “Urgência”, o primeiro pronunciamento do falante, que “abre” a interação (navio em perigo) é composto de vários movimentos juntos, formando um único “bloco” de informações. Este fato faz com que estas comunicações assemelhem-se às situações de “Aviso” e “Segurança”, em que vários movimentos retóricos encontram-se unidos em uma única fala, ficando menos claro os limites entre os movimentos e passos.

O primeiro movimento das transmissões “Perigo” e “Urgência”, ‘Identificando a situação’, é igual nas duas comunicações. Contudo, o léxico constituinte varia, ou seja, usa-se a palavra ‘*Mayday*³¹’, nos casos de perigo, e a palavra ‘*Pan-Pan*³²’, nos casos de urgência. Ao analisar as comunicações, verificamos que essas palavras são repetidas três vezes e cada uma delas trata de assuntos distintos. Através da repetição, é cumprida uma determinada intenção comunicativa, e é assegurada uma continuidade tópica requerida pelo texto. Ou seja, ela assume uma importante função na composição textual. (PINHEIRO, 2005).

Este movimento tem o propósito comunicativo de indicar o tipo de situação de perigo em que uma embarcação se encontra e preparar o ouvinte para o problema. Nas duas transmissões este movimento não é constituído de nenhum passo específico.

O segundo movimento nessas comunicações, ‘Identificando o(s) participante(s)’, é cíclico. Ademais, é composto de um único passo nas duas comunicações, ‘Chamada do falante’. Contudo, nas situações de perigo, o navio apenas se identifica, não endereçando ninguém em especial enquanto que, nas situações de urgência, há o endereçamento e a identificação. Este endereçamento, de acordo com o que observamos, é feito de forma geral através das palavras “Atenção todos os navios” ou “Atenção todas as embarcações”, apenas em situação de urgência. De qualquer modo, há a apresentação dos participantes, posteriormente, na transmissão e isso acontece assim que o primeiro ‘navio ouvinte’ responde ao chamado de ajuda.

Lembramos, também, que o movimento, ‘Ajustando os canais’, que corresponde ao segundo movimento nas transmissões “Troca” e ao terceiro naquelas de “Aviso”, não aparece nas estruturas retóricas dos subgêneros “Perigo”, “Urgência” e “Segurança”. São

³¹ *Mayday* é a chamada radiotelefônica de socorro, visão anglicizada do francês ‘*venez m’aider*’, que significa “venha me ajudar”. Utilizada, principalmente, nas navegações marítimas e aeronáuticas, faz parte do Código Internacional de Sinais e do Código Fonético Internacional (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mayday>).

³² *Pan-Pan* é uma transmissão para dizer que há uma emergência a bordo de uma embarcação, mas que não há um perigo imediato de vida ou para o navio. O chamado *Pan-Pan* vem da palavra francesa ‘*panne*’ que se refere a uma falha mecânica ou quebra da mesma (http://pt.wikipedia.org/wiki/Pan_Pan).

situações que envolvem risco à vida e à navegação, por isso, são sempre transmitidas em um canal fixo, normalmente no canal 16³³ no VHF (WEEKS *et.al.*, 1988).

O primeiro movimento é importante, pois implica uma atitude (salvamento, ajuda) por parte da comunidade que tem o dever de oferecer algum tipo de auxílio específico ao navio em perigo. Koch (1995, p.20) cita o ato perlocucionário, que se destina a exercer efeitos sobre o interlocutor, como, por exemplo, o de persuadir, assustar, incitar, agradar etc., efeitos que podem realizar-se ou não, haja vista que somente a entonação, expressões fisionômicas e as condições gerais em que o enunciado é produzido permitirão detectar a verdadeira força do ato produzido.

As situações que envolvem segurança, riscos à navegação e à vida, são tratadas com cuidado pela comunidade mercante, que sabe exatamente como agir e tem consciência das possíveis consequências, caso essas transmissões não sejam respondidas ou atendidas imediatamente. Apenas o pronunciamento das palavras *Mayday*, *Pan-Pan* e *Sécurité* é suficiente para que a comunidade mercante mobilize-se e prepare-se para prestar auxílio aos navios com problemas. Implica uma atitude da comunidade. Ao proferir as palavras *“Homem ao mar!”*, por exemplo, a comunidade mercante espera que a vítima seja salva imediatamente, ou seja, objetiva persuadir outros membros a ajudar a retirar a vítima da água para não se afogar, e não apenas *“prestar atenção na vítima”*.

O terceiro movimento, *‘Informando a posição’*, tem o propósito comunicativo de indicar o local exato onde o navio com problemas se encontra, de modo a possibilitar e facilitar sua localização, garantindo, assim, seu resgate.

Em todas as comunicações, de acordo com IMO-SMCP (2002), foram utilizados os métodos de localização Latitude e Longitude, acompanhados de graus, minutos e os pontos cardeais Norte/Sul (Latitude), Leste/Oeste (Longitude). Este movimento não possui nenhum passoconstituente nas transmissões.

O quarto movimento, *‘Informando o problema’*, é o movimento mais importante nestas transmissões. pois tem a função de discriminar, descrever detalhes do tipo de problema que determinada embarcação está enfrentando. Com a análise dos textos, foram verificados diferentes tipos de problemas, dependendo da situação. Este movimento também não possui passos específicos.

³³ Existe uma ordem de prioridade de chamadas no *canal 16* do VHF, determinada pela Organização Marítima Internacional. Assim, as chamadas *‘Perigo’* têm prioridade sobre as chamadas *‘ Urgência’*, que por sua vez são mais importantes que as chamadas *‘ Segurança’*. Uma cede lugar a outra quando necessário, tendo também que indicar outro canal disponível, e caso mudem a frequência (WEEKS *et.al.*, 1988).

O quinto movimento, ‘Solicitando ajuda’, tem o intento comunicativo de especificar, dependendo do problema, o tipo de auxílio que deverá ser prestado. Nos textos analisados, alguns diferentes tipos de ajuda apareceriam nas transmissões, tais como: ‘Envio de helicóptero ao local do acidente’, ‘Envio de rebocadores e botes salva-vidas’, ‘Assistência militar’, ‘Assistência contra incêndio’ e ‘Envio de embarcações para recolhimento de óleo vazado’. Este movimento é composto por dois passos, ‘Discriminando o tipo de ajuda’ e ‘Passagem de turno do falante’.

O sexto movimento retórico, ‘Confirmando a situação’, tem a função de repetir, para deixar claro, o tipo de ‘situação problema’ em andamento, além de enfatizá-la. Há uma variação apenas no item lexical usado para indicar as situações (*‘Mayday’* e *‘Pan-Pan’*) e é um dos movimentos que aparecem mais de uma vez nas estruturas desses subgêneros. Sua discriminação ao longo das comunicações é obrigatória. Este movimento também não possui passos específicos.

O sétimo movimento retórico, ‘Confirmando o(s) participante(s)’, também está presente mais de uma vez nas estruturas retóricas das transmissões ‘Perigo’ e ‘Urgência’ e tem o propósito comunicativo de garantir que os mesmos participantes continuem na frequência, serve para assegurar o contato, o canal, durante toda a transmissão, para que ninguém interfira no processo de ajuda e não haja mal-entendidos. Seu passo constituinte é ‘Chamada do ouvinte, endereçando e identificando-se’.

O oitavo movimento nestas comunicações, ‘Recebendo o pedido de ajuda’, tem o intento comunicativo de informar à estação ou navio em perigo, que pediu ajuda anteriormente, que alguém já está ciente do problema. Este movimento é representado nos textos pelas frases: ‘Perigo recebido’ ou ‘Urgência recebida’. É composto por um passo apenas, ‘Passagem de turno pelo ouvinte’.

Em relação ao nono e último movimento, ‘Prestando assistência’, tem a função comunicativa de especificar o tipo de ajuda a ser enviada pela estação ou navio que respondeu ao pedido de socorro, podendo ele mesmo fazê-lo ou indicar outro navio para ajudar, caso esteja mais próximo do local do acidente (WEEKS *et.al.*, 1988). Nos textos encontramos informações como ‘posição do navio que irá ajudar’, ‘horário estimado de partida ou de chegada ao local do acidente’, ‘a velocidade do navio-ajuda’, etc. Desse modo, a embarcação em perigo pode calcular aproximadamente quando o socorro chegará e preparar-se. Nas duas transmissões, este movimento é composto por três passos. Dois deles são comuns às comunicações, ‘Informação do horário de chegada’ e ‘Manutenção da frequência’. O único passo distinto corresponde à ‘Informação de posição e velocidade’, no

caso das transmissões de “Perigo” e ‘Informação do horário de partida’, naquelas de “Urgência”.

Ao considerarmos os passos que compõem os movimentos nas comunicações, observamos, após a análise, que as distinções acontecem apenas no segundo e nono movimentos de suas estruturas, pois as demais subfunções, termo adotado por Motta Roth (1995), são as mesmas, inclusive em relação a seus propósitos comunicativos.

Os quadros a seguir sintetizam a estrutura dos movimentos retóricos e passos constituintes, dos subgêneros “Perigo” e “Urgência”.

Quadro 13 – Representação da estrutura retórica da transmissão “Perigo”

MOVIMENTO 1 - Identificando a situação
MOVIMENTO 2 - Identificando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do falante, identificando-se
MOVIMENTO 3 - Informando a posição
MOVIMENTO 4 – Informando o problema
MOVIMENTO 5 - Solicitando ajuda
Passo 1 – Discriminando o tipo de ajuda
Passo 2 – Passando o turno para o ouvinte
MOVIMENTO 6 - Confirmando a situação
MOVIMENTO 7 - Confirmando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do ouvinte, endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 8 - Recebimento do pedido de ajuda
Passo 1 – Passando o turno para o falante
MOVIMENTO 6 - Confirmando a situação
MOVIMENTO 7 - Confirmando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do ouvinte, endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 9 - Prestando assistência
Passo 1 – Informando a posição e a velocidade
Passo 2 – Informando o horário de chegada
Passo 3 – Manutendo a frequência

Fonte: o autor.

Quadro 14 – Representação da estrutura retórica da transmissão “Urgência”

MOVIMENTO 1 - Identificando a situação
MOVIMENTO 2 - Identificando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do falante: endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 3 - Informando a posição
MOVIMENTO 4 - Informando o problema
MOVIMENTO 5 - Solicitando ajuda
Passo 1 – Discriminando o tipo de ajuda

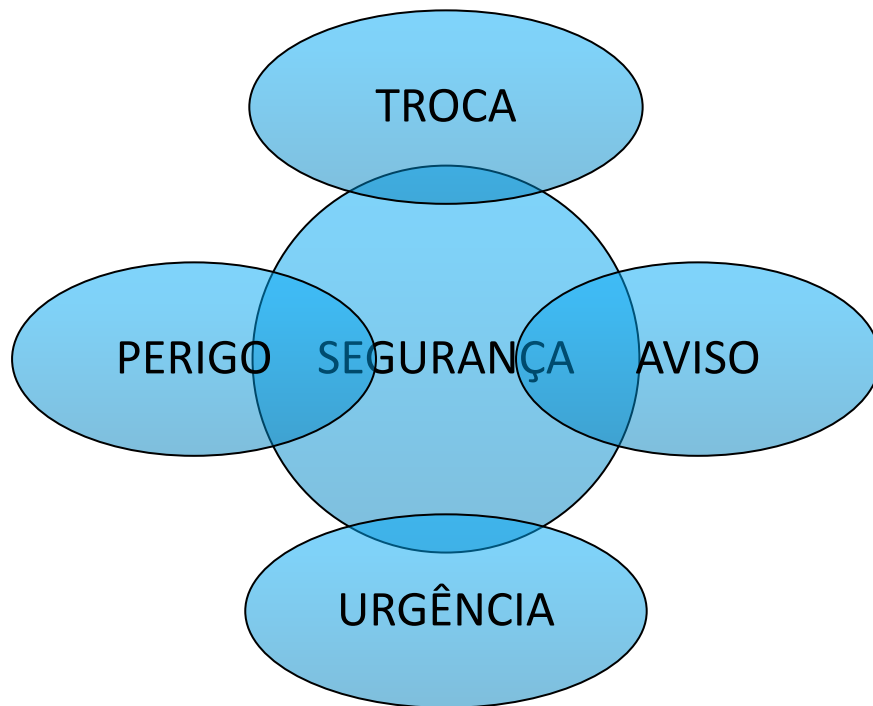
Passo 2 - Passagem do turno pelo falante
MOVIMENTO 6 - Confirmando a situação
MOVIMENTO 7 - Confirmando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do ouvinte, endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 8 - Recebendo ajuda
Passo 1 - Passagem de turno pelo ouvinte
MOVIMENTO 6 - Confirmando a situação
MOVIMENTO 7 - Confirmando o(s) participante(s)
Passo 1 - Chamada do ouvinte, endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 9 - Prestando assistência
Passo 1 – Informando o horário de partida
Passo 2 – Informando o horário de chegada
Passo 3 – Manutendo a frequência

Fonte: o autor.

3.3 Transmissão “Segurança”

Após examinarmos as transmissões de segurança, verificamos que possuem características comuns a todas as outras transmissões analisadas anteriormente, ou seja: a) assemelham-se àquelas de “Aviso” em relação ao caráter informativo (aviso meteorológico ou sobre a navegação), ao seu intento comunicativo (avisar, informar); b) podem tornar-se transmissões “Troca”, caso algum navio ou estação interfira na transmissão de aviso, pedindo informações mais detalhadas após o término da comunicação (WEEKS *et.al.*, 1988); c) envolvem risco à navegação e à vida como nas comunicações “Perigo” e “Urgência”. É possível representar as transmissões “Segurança” com a figura 3, a seguir:

Figura 3 - Representação da transmissão “Segurança”.



Fonte: o autor.

Apesar de ter características comuns às outras estruturas retóricas, seja na semelhança de um de seus movimentos ou outras particularidades, como já foi mencionado, esse tipo de comunicação possui características próprias relacionadas ao léxico e a sua função.

Procuraremos analisar os movimentos e passos que compõem essa transmissão, além de seu propósito comunicativo. Mostraremos inicialmente um exemplar dessa comunicação no quadro abaixo:

Quadro 15 - Exemplo de Transmissão “Segurança”

Movimento Retórico	Exemplo 1
Movimento 1 – Identificando a situação	Sécurité (3x)
Movimento 2 – Identificando o(s) participante(s)	Todos os navios próximos a Duck Bay (3x) Aqui é Arcadia (3x) Delta Delta Delta Delta

Movimento 3 – Detalhando o assunto	Um aviso de tempestade transmitido às 06:06 UTC. Tempestades a Sudoeste são iminentes nas áreas de Portcastle e Gull, mudando de direção para Sul e aumentando para força nove Diminuindo para força sete nas próximas 12 horas. Aviso de perigo à navegação. Câmbio
---	--

Fonte: o autor.

As transmissões que envolvem segurança têm o macrointento comunicativo de informar sobre condições meteorológicas ou sobre a navegação que envolvam risco. Ademais, verificamos que possuem um léxico próprio do mesmo modo que os tipos de conteúdo tratados, a saber: “condições do vento”, “tempestades tropicais”, “condições do mar”, “visibilidade restrita” e “força das marés”. Constituem um aviso em que não há uma troca efetiva de informações entre falante e ouvinte, ou seja, um fala e o outro responde, como nas situações “Troca”, “Perigo” e “Urgência” (WEEKS *et.al.*,1988). Aqui apenas um participante se pronuncia e temos, conseqüentemente, uma única fala em que vários movimentos retóricos aparecem em um único “bloco informativo”.

Ao analisarmos a estrutura dessas comunicações, identificamos três movimentos retóricos básicos, são eles: 1) ‘Identificando a situação’, que tem o propósito de preparar o ouvinte para o tipo de problema que será tratado, neste caso, sobre a segurança da navegação. O item lexical usado para tratar de situações que envolvam segurança é ‘*Sécurité*’, que, nas mensagens, pelo que foi possível observar, é repetido sempre três vezes para evitar mal-entendidos e enfatizar o tipo de situação. Não possui passos específicos. Este movimento também está presente nas estruturas das transmissões “Perigo” e “Urgência”.

O segundo movimento, ‘Identificando o(s) participante(s)’, constitui um movimento cíclico em todas as realizações do gênero que analisamos, inclusive nas de “Segurança”. Este tem a função de determinar os participantes da comunicação e introduzi-los. É constituído de um passo básico, ‘Chamada do falante, endereçando e identificando-se’. Em relação ao endereçamento, as formas mais comuns, nas comunicações “Segurança” foram “Todas as embarcações”, “Todos os navios”, “Todas as estações”, repetidas três vezes e acompanhadas do nome de uma localização específica, a saber: “baía”, “mar”, “estreito”,

“golfo”, “porto”, “canal”, dentre outros. No caso da identificação, o falante o faz através do nome de um navio em particular, acompanhado de seu prefixo, constituído por letras (“*Aqui é Macedônia (3x) PECD*”) ou letras e números (“*Aqui é Utopia (3x) DEAF*”).

O terceiro e último movimento nessas comunicações, ‘Detalhando o assunto’, aparece também na estrutura retórica das transmissões “Aviso” e “Troca” e tem o intento comunicativo de informar sobre o conteúdo da mensagem. Os assuntos mais recorrentes nas comunicações aqui analisadas foram informações sobre: “maremotos”, “maré baixa”, “naufrágio”, “iceberg”, “má visibilidade por ocasião de chuvas e nevoeiro” e “ventos fortes”.

O passo 1, neste movimento, corresponde à ‘Manutenção da transmissão’, representado pela palavra “câmbio” e indicando aqui que a estação ou navio que gerou a transmissão, continuará disponível, na escuta e pode voltar a transmitir, caso seja necessário, especialmente porque estes tipos de mensagens envolvem risco à navegação, à vida e porque as condições do tempo e do mar são imprevisíveis, necessitando, muitas vezes, de informações novas e complementares.

O quadro 16, a seguir, representa a estrutura retórica dos movimentos e passos na sequência em que aparecem nas comunicações.

Quadro 16 - Representação da estrutura retórica da transmissão “Segurança”

MOVIMENTO 1 – Identificando a situação
MOVIMENTO 2 – Identificando o(s) participante(s) Passo 1- Chamada do falante: endereçando e identificando-se
MOVIMENTO 3 – Detalhando o assunto Passo 1 – Manutenção da transmissão

Fonte: o autor.

3.4 Itens lexicais recorrentes no gênero

Nesta parte do estudo, analisaremos os elementos lexicais mais recorrentes nos textos de comunicação em VHF. Tomaremos como base a perspectiva teórica de Halliday e Hasan (1976) sobre a repetição, além de citar outros autores que são pertinentes ao assunto.

Faremos, mais especificamente, um estudo de três elementos muito comuns nas transmissões analisadas, a saber: o marcador conversacional (MARCUSCHI, 1986)

“câmbio”, os nomes de navios ou estações costeiras e os indicadores de mensagens (informação, instrução e aviso).

O critério de escolha destes três itens foi a sua alta frequência no *corpus*. Estes elementos possuem funções relevantes para a construção de significados e para a sequenciação³⁴ do texto. Para Halliday & Hasan (1976) o aparecimento da simples repetição de vocábulos constitui o tipo mais primário de elo lexical. Estes elementos, apesar de constituírem termos cíclicos nas comunicações, podem assumir diferentes funções³⁵, dependendo do momento em que ocorrem nas transmissões. Segundo Halliday & Hasan (1976), o uso da é uma estratégia discursiva que proporciona clareza ao texto, além de ressaltar partes importantes deste. No caso das transmissões em VHF, por exemplo, a repetição do nome do navio e seu prefixo: ‘*Utopia, Utopia. Aqui é Smith Sonia PPDA, Smith Sonia PPDA*’, para não confundi-lo com nenhuma outra embarcação; ou parte de um aviso importante: ‘*Aviso urgente: Derelito encontrado na posição: 2 milhas, 180° de South Point. Repito: 2 milhas, 180° de South Point. Câmbio*’, para evitar mal-entendidos e prevenir acidentes. Conforme Marcuschi (2002, p.31), “a repetição é o produto de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. O autor afirma, ainda, que “repetir as mesmas palavras num evento comunicativo, não equivale a dizer a mesma coisa (p.32)”. Segundo Nóbrega (2011), isto mostra que o segmento repetido poderá apresentar certa intencionalidade ou expressar algo novo para que possa ser considerado como uma repetição, em termos de textualização. Isto quer dizer, que espera-se que a repetição seja produzida para atender a uma necessidade de manutenção, sequenciação e progressão da informação desenvolvida na superfície do texto.

Após compararmos todos os textos de comunicação em VHF foi possível verificar o número de vezes que esses termos aparecem. Por constituir um *corpus* relativamente limitado, fizemos uma contagem manual dos itens mais recorrentes. Vejamos no quadro a seguir.

³⁴ De acordo com Koch (1994), a coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem entre segmentos do texto (enunciados, sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que se faz o texto progredir. Weinrich (1964) afirma que o texto é uma estrutura determinativa cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Essa interdependência é dividida, em parte, aos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua.

³⁵ McCarthy (1987) chama a atenção para o fato do significado de um item lexical poder estar sujeito à renegociação entre dois participantes em uma conversa. O falante pode escolher usar o mesmo item lexical, porém com certa mudança de significado e função.

Quadro 17 - Frequência dos itens lexicais no *corpus*

Subgênero	Nome de navios	O marcador discursivo “câmbio”	Indicadores de mensagens e suas respostas
“Troca” (<i>Exchange</i>)	194	97	51
“Aviso” (<i>Broadcast</i>)	14	14	11
“Perigo” (<i>Mayday</i>)	18	18	-
“Urgência” (<i>Pan-Pan</i>)	18	18	-
“Segurança” (<i>Sécurité</i>)	8	8	9
Total de vezes	252	155	71

Fonte: o autor

Todas as repetições indicadas anteriormente são simples e constituem um traço obrigatório do gênero. De acordo com Hoey (1991, p.53), “a forma mais simples de repetição (*simple repetition*) é, também, o tipo mais simples de relação lexical”. Para o autor, a repetição lexical simples ocorre quando um item lexical, que já ocorreu no texto, é repetido sem grande alteração, assim é inteiramente explicável em termos de um paradigma gramatical fechado.

Nas transmissões em VHF, a linguagem usada é concisa, telegráfica e econômica. Outrossim, alguns termos como conectivos, adjetivos, artigos, preposições, pronomes são omitidos e substituídos por um termo principal. Em vez de dizer, por exemplo, “*A velocidade é de seis nós.*”, diz-se apenas “*Velocidade: seis nós.*”. Ao serem suprimidos, estes elementos não trazem nenhuma consequência negativa ao discurso.

Essas repetições têm a função de enfatizar a mensagem e evitar ambiguidades ou mal-entendidos entre os participantes da comunicação, especialmente porque, muitas vezes, as transmissões podem sofrer influências externas como: ruídos, volume baixo do som, além de outros problemas técnicos no equipamento de VHF (SILVA, 2011). Ademais, caso a transmissão esteja sendo realizada através do *canal 16* (canal de chamada), a reiteração de termos como, por exemplo, o nome dos navios envolvidos na interação é mais relevante ainda, pois, segundo Silva (2011), este canal pode ser acessado por qualquer embarcação e esta interferência inesperada na comunicação pode gerar problemas.

A repetição é usada nos textos em VHF para marcar uma determinada parte da

transmissão. Serve para confirmar, por exemplo, o nome dos navios, estações costeiras ou o nome de uma localidade ou área específica, para não haver confusão e melhor identificar determinado ponto geográfico ou tornar clara a transmissão: “*Todos os navios no Estreito de Malacca, Todos os navios no Estreito de Malacca*”; “*South Point, South Point. Aqui é o quebra gelo Nutcracker DDAA, quebra gelo Nutcracker DDAA*”. Para Halliday & Hasan (1976), a reiteração é, pois, um mecanismo de coesão lexical que envolve a repetição de um mesmo lexema ou de outro a ele relacionado. Porém, para os autores, a repetição propriamente dita, refere-se a recorrência de um mesmo item lexical dentro do texto. Este é um caso de repetição lexical literal, conforme Marcuschi (2002). Beaugrande & Dressler (1981, p.98) denominam de repetição “a reiteração de um mesmo elemento em lugares distintos do texto”. Para os autores, a repetição lexical, isto é, a repetição de palavras ou expressões idênticas em um mesmo texto é o recurso mais perceptível de coesão lexical. Beaugrande & Dressler (1981) sustentam que a repetição, se for processada de forma indevida, ou seja, sem apresentar uma explicação para dizer a mesma coisa, prejudica o nível de informatividade do texto. Os estudiosos afirmam, também, que a repetição lexical é um fenômeno bastante recorrente na fala espontânea, sendo utilizada em situações onde precisamos reafirmar pontos de vista, reiterar o que dizemos quando somos interrompidos, entre outros.

O estudo de Johnstone (1994, p.9-10), sobre a comunicação na aviação tem pertinência à comunicação em VHF. O autor afirma que nas conversas de aviação, por exemplo, “a repetição tem a função de garantir a segurança da aeronave certificando que cada falante tenha um retorno, que o outro tenha realmente escutado e entendido o que foi dito ou, caso haja algum mal-entendido, que a mensagem seja repetida (*‘full readbacks’*)”. A repetição assegura clareza nessas comunicações. Dressler (1982, p.34-5) reconhece na recorrência de termos, dentre outras, as funções de ênfase, intensificação e um meio para deixar fluir o texto. Cushing (1995, p.56) cita o “círculo fechado de confirmação/correção” de quatro etapas: a) o emissor transmite a mensagem; b) o receptor ativamente ouve a mensagem; c) o receptor repete a mensagem de volta para o emissor (*‘readback’*) e d) o emissor ativamente ouve um readback correto (*‘hearback’*). Segundo Monteiro (2007), embora os termos utilizados sejam emissor e receptor e o autor afirme que a segurança do sistema depende de que os quatro elementos sejam desempenhados corretamente, sabe-se que a comunicação humana é mais uma questão de coconstrução de interpretações compartilhadas do que de transmissão /decodificação de significados. Por isso, os mal-entendidos podem

acontecer em qualquer uma das quatro etapas descritas acima.

Johnstone (1994, p.113) cita a repetição ou reduplicação imediata (*‘immediate repetition’*), que ocorre quando uma unidade é pronunciada uma vez e repetida imediatamente depois, mostrando a intensificação, a pluralidade.

Nos textos analisados isto é comum acontecer, veja no exemplo a seguir.

Quadro 18 – Exemplo do uso do item câmbio na transmissão

<i>‘Todos os navios, Todos os navios, Todos os navios</i>
<i>Aqui é Androcles, Androcles , Androcles YYWX</i>
<i>Latitude: 20°,03’ Norte; Longitude: 160° 45’ Oeste</i>
<i>Embarcação afundando, Repito: Estamos afundando</i>
<i>Preciso de assistência imediata</i>
Câmbio

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVENS, Peter. *Seaspeak training manual: essential English for international maritime use*. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

A repetição nas mensagens em VHF tem a função de enfatizar, ressaltar certa informação, especialmente porque para comunicarem-se, os participantes usam uma linguagem muito controlada. (JOHNSTONE, 1994). É uma linguagem muito objetiva, sem conectivos, reduzida, elíptica, com predomínio de substantivos, além do emprego de abreviaturas que torna essa “linguagem do mar” ainda mais econômica. Leech (1992, p.18) denomina de *‘block language’* esta variante de língua que possui uma gramática, normalmente reduzida ao substantivo, como nos exemplos a seguir: *“Qual a pressão atmosférica na sua posição?”*, *“Pressão atmosférica?”* ou *“Qual sua posição?”*, *“Posição?”*.

A seguir mostraremos os três itens lexicais mais recorrentes nas comunicações em VHF e suas respectivas funções.

3.4.1 O vocábulo “câmbio”

A palavra “câmbio” aparece, necessariamente, em todas as realizações do gênero aqui analisadas. Em algumas mais frequentemente que outras. Este lexema estabelece um elo entre os discursos dos participantes da comunicação, possibilitando a interação entre eles. Ademais, constitui um vocábulo importante, pois além de estabelecer relação entre as frases nas falas, tem o intento de ordenar os turnos (COULTHARD, 1977) dos participantes, evitando que haja sobreposição de vozes (KOCH, 1995).

Dessa forma, o texto torna-se coerente e compreensível. Em todos os subgêneros analisados, não é possível haver “assalto de turno³⁶” (KOCH, 1995) por qualquer um dos interlocutores, pois para que o receptor possa se pronunciar, é preciso que o emissor dê permissão através do pronunciamento do lexema “câmbio” e vice versa, sucessivamente.

Veja o exemplo no quadro a seguir.

Quadro 19 – Exemplo do vocábulo “câmbio”: ordenação dos turnos

Rose Maru ALPT Aqui é Fantasia (2x) MKLN No canal 16 Câmbio
Fantasia MKLN Aqui é Rose Maru (2x) ALPT Câmbio
Rose Maru ALPT Aqui é Fantasia (2x) MKLN Mude para o canal 12 Câmbio
Fantasia MKLN Aqui é Rose Maru (2x) ALPT De acordo com o canal 12 Câmbio
Rose Maru Aqui é Fantasia Instrução 1: Mantenha distância de 200 metros entre as embarcações Câmbio

³⁶ O assalto de turno, em linhas gerais, é uma violação ao princípio básico da conversação, segundo o qual “cada falante pode falar por sua vez” (MARCUSCHI, 1986, p.19), então o ouvinte irá intervir sem que o falante tenha solicitado. O ouvinte interlocutor “aproveita a hesitação do falante para intervir na conversa, utilizando marcas conversacionais de hesitação como pausas, alongamentos, repetições de palavras ou sílabas” (GALEMBECK, 2003, p.87).

<p>Fantasia Aqui é Rose Maru Instrução 1 entendida: Manter distância de 200 metros entre as embarcações Câmbio...</p>

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVENS, Peter. Seaspeak training manual: essential English for international maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Essa recorrência do termo “câmbio” assinala que a informação progride e permite perceber que as frases e falas se interligam, criando uma sequência definida e lógica. A reiteração deste item lexical é relevante, pois estabelece uma ordem entre as frases formando, assim, uma unidade semântica. Para Fávero (1993), a reiteração assinala que a informação já é conhecida (dada) e mantida. Nas palavras de Halliday (1994, p. 310), “a continuidade pode se estabelecer no texto pela escolha de palavras e esta pode ter a forma de repetição”.

O item “câmbio” tem a função de verificar se o canal funciona, de atrair a atenção do interlocutor ou de confirmar sua atenção continuada. Há uma tendência para o contato, ou na designação de Malinowski (1953), para a função *fática*, que, segundo Maldonado (2009), busca consolidar e prolongar a comunicação, tratando da própria comunicação para estabilizá-la e dar-lhe continuidade.

Conforme Silva (1999), a utilização das mesmas estruturas imprime ao discurso uma padronização rítmica que garante ao falante a manutenção do turno durante a conversa, além de lhe permitir ganhar tempo enquanto planeja nova informação.

3.4.2 Os nomes de navios

Os nomes de navios, que endereçam ou são endereçados nas transmissões em VHF, aparecem repetidas vezes na estrutura de cada uma das cinco realizações do gênero. Verificamos que seu uso é obrigatório e tem a função, inicialmente, de identificar, introduzir os participantes ou de manter o contato entre eles ao longo da transmissão, seja uma comunicação que implique a interação entre os participantes, como é o caso dos subgêneros “Troca”, “Perigo” e “Urgência” ou apenas uma informação, como nas comunicações “Aviso” e “Segurança”. Ochs (1979) sugere que a reiteração de uma estrutura, mais que

equivale a um indício de um discurso não planejado, mas funciona como uma base ou suporte que permite uma expansão discursiva.

O pronunciamento constante dos nomes dos navios, ao longo de toda interação, garante que nenhuma outra embarcação interfira na transmissão e permite assegurar que nenhum dos participantes perca o contato, o que poderia colocar em risco a segurança da embarcação e de sua tripulação, especialmente no caso de situações que envolvam perigo, em que ser rápido e claro ao transmitir as informações é indispensável.

Percebemos que, tanto o item lexical “câmbio”, quanto os nomes de navios ao serem pronunciados várias vezes, possuem o mesmo macrointento comunicativo, ou seja, garantir o contato entre os participantes. Igualmente, a repetição frequente destes termos ao longo da estrutura retórica permite a continuidade tópica. A repetição é um poderoso mecanismo de formulação textual. Sugere que as formas que aparecem repetidas no plano da materialidade de um texto, principalmente nos níveis lexical e estrutural, operam em termos de coesividade (referenciação, sequenciação, correção, expansão, parentização e enquadramento), além de exercerem funções no plano discursivo quando favorecem, então, a continuidade tópica, a compreensão, a argumentatividade e a interação (SILVA, 1999). Vejamos no exemplo abaixo.

Quadro 20 – Propósitos comunicativos dos “nomes de navios”

Apresentação dos participantes

Euphoria SSPD
Aqui é Green Island (2x) PPPX
Câmbio

Green Island PPPX
Aqui é Euphoria (2x) SSPD
Câmbio

Euphoria SSPD
Aqui é Green Island (2x) PPPX
Mude para o canal 13
Câmbio

Green Island. PPPX
Aqui é Euphoria (2x) SSPD
De acordo com o canal 13
Câmbio

Manutenção do contato

Euphoria.
Aqui é Green Island
Qual o seu calado máximo?
Câmbio

Green Island.
Aqui é Euphoria
Calado máximo :14 metros
Câmbio

Fonte: o autor

3.4.3 Os vocábulos indicadores dos tipos de mensagens

Nas comunicações em VHF verificamos, também, a repetição de alguns vocábulos que são usados antes da transmissão da mensagem. São eles: informação, instrução e aviso. Estes lexemas têm o propósito comunicativo de antecipar o tipo de assunto e preparar o ouvinte, potencializando, assim, a compreensão imediata da mensagem. Estes itens têm a função de antecipar o que será dito, prognosticar o assunto a ser tratado. Segundo Coulthard (1994, p.69-72), “a interação se manifesta através do uso de categorias preditivas” (*‘predictive categories’*). São itens lexicais importantes, pois, nestas transmissões, o risco de interferência ou perda de contato é grande e isso pode comprometer a inteligibilidade e a agilidade da mensagem. Veja no quadro abaixo um exemplo de cada um deles:

Quadro 21 – Exemplos de vocábulos indicadores de mensagens

'Informação'	'Aviso'	'Instrução'
<p>(...) Falmouth Coastguard Aqui é Atlantic Rover. Câmbio</p> <p><u>Informação 1</u> Destroços localizados na posição: Latitude: 49° 20' Norte ; Longitude: 071° 30.2' Oeste Câmbio</p> <p><u>Informação 2</u> Destroços do tipo Catamaram Catamaram Cor: Preto e Amarelo</p> <p><u>Informação 3</u> Casco coberto por algas. Repito: Casco coberto por algas. Câmbio</p>	<p>(...) Pantanal Aqui é Mike Flower. <u>Aviso</u> Derelito avistado próximo à sua posição: Latitude: 46° 32' Norte; Longitude: 056° 23' Leste</p> <p>Mike Flower Aqui é Pantanal. <u>Aviso entendido:</u> Derelito na posição: Latitude: 46° 32' Norte; Longitude: 056° 23' Leste. Câmbio</p>	<p>(...) Smith Sonia Aqui é Intruder. Câmbio</p> <p><u>Instrução 1</u> Levantar ferro. Você fundeou em local não autorizado. Está obstruindo o tráfego Câmbio</p> <p>Intruder Aqui é Smith Sônia. <u>Instrução 1 entendida</u> Levantar Ferro Câmbio</p> <p>Smith Sonia Aqui é Intruder <u>Instrução 2</u> Fundear na posição 115°, 05 milhas da posição atual Câmbio</p> <p>Intruder Aqui é Smith Sonia <u>Instrução 2 entendida</u> Fundear na posição 115°, 0.5 milhas da posição atual Câmbio</p>

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVEN, Peter. Seaspeak training manual: essential English for international maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Além de possibilitarem maior clareza à mensagem, estes três itens lexicais operam como pares adjacentes (KOCH, 1995). Toda vez que aparecem nas transmissões, implicam, necessariamente, em um retorno do interlocutor, usando o mesmo vocábulo acrescido das palavras recebido (a) ou entendido (a), seguido da repetição de toda ou parte da mensagem que foi informada, avisada ou instruída anteriormente pelo falante (WEEKS *et.al*, 1988).

Segundo Moura (2008), o par adjacente é uma forma de organização do tópico, também pode ser responsável pela continuidade, redirecionamento e mudança deste. A autora afirma, ainda, que estes pares articulam os textos encadeando-os de modo coeso. Asseguram o desenvolvimento continuado do discurso e operam na organização do texto, na medida em que funcionam para garantir a coesividade entre os tópicos que vão se apresentando

verticalmente durante a elaboração do texto falado. Outro exemplo que aparece com frequência nos textos são os pares “pergunta-resposta”: “*Qual seu calado máximo?*” “*Meu calado máximo é de 10 metros.*”; “*Qual sua velocidade atual?*” “*Velocidade 10 nós, curso 110°.*”; “*Qual o horário estimado de saída do porto?*” “*Horário local 14:00.*”.

Hutchby & Wooffitt (1988, p.39), sobre os pares adjacentes, afirmam que “as falas dos participantes são “pareadas”, ou seja, o que é dito por um turno de fala de um participante antecipa e limita as ações a serem produzidas no turno da fala seguinte do interlocutor”. Igualmente, ao serem repetidos, os três itens (informação, aviso e instrução) têm o intento de enumerar os assuntos tratados, organizando melhor a mensagem e facilitar seu entendimento, como mostram os exemplos seguintes: “*Informação 1: O embarque será possível.*”; “*Informação 2: As condições de embarque estão de acordo com o regulamento do porto.*”; “*Informação 3: Prepare a escada de porta ló combinada com a escada do práctico.*”.

Ao serem repetidos, os itens analisados permitem que a conversação seja construída de forma colaborativa. A produção do primeiro elemento do par, por um dos falantes, desencadeia a produção do segundo elemento por outro falante, como uma regra social de conversação praticamente obrigatória (SCHEGLOFF, 1972).

Os três vocábulos mencionados proporcionam fluidez e sentido aos textos. Aparecem com frequência nas situações: “Troca” e “Aviso”, pois nos eventos “Perigo”, “Urgência” e “Segurança”, por constituírem situações de risco e ser necessário rapidez na transmissão, estes lexemas normalmente não são usados. Nesses casos, o navio que transmite informa imediatamente o problema, sem anunciar se uma instrução ou uma informação será transmitida. Além disso, nas mensagens envolvendo risco, as palavras ‘*Mayday*’ (“Perigo”), ‘*Pan-Pan*’ (“Urgência”) e ‘*Sécurité*’ (“Safety”), já predizem o que está por vir e como a comunidade mercante deve agir. Estas palavras também se repetem nas transmissões e têm o objetivo de enfatizar o tipo de problema e obter, com isso, auxílio imediato, como indicado a seguir: “*Mayday, Mayday, Mayday, navio à deriva repito navio à deriva*” ou “*Sécurité, Sécurité, Sécurité, Iceberg na posição: Latitude: 34° 23’ N; Longitude: 045° 32’ L.*”

Os termos que marcam uma informação, uma instrução ou um aviso permitem uma maior organização do texto, criando uma sequência, ou seja, após uma informação, instrução ou aviso, há, necessariamente, um retorno de tudo que foi transmitido, permitindo a correção, caso haja mal-entendidos.

De acordo com Marcuschi (1992, p. 01), “a repetição é um fenômeno característico da língua falada, que se realiza de maneira ordenada e sistemática com formas e posições muito variadas, exercendo funções tanto textuais como discursivas”

A repetição destes lexemas facilita a compreensão do ouvinte, pois o falante se beneficia do espaço criado por ela e o ouvinte se beneficia do mesmo espaço para a compreensão. Outrossim, a repetição torna-se um mecanismo coesivo, unindo as partes do discurso e ajudando a criar os paralelismos. Contribui, também, para a negociação da conversa, auxilia na tomada e entrega dos turnos, revelando a atenção e interação mútuas (TANNEN, 1989).

No quadro a seguir é possível observar exemplos destes lexemas, seus propósitos subjacentes e respectivas respostas.

Quadro 22 - Vocábulos “Instrução”, “Aviso” e “Informação”

Indicadores do tipo de mensagem	Exemplos	Propósito comunicativo	Respostas dos indicadores Mensagem
‘Instrução’	‘Instrução: Não cruzar o canal.’	Indica que a mensagem seguinte implica a intenção do remetente de influenciar o(s) ouvinte(s) através de um <u>regulamento</u> .	‘Instrução-recebida’/ ‘entendido’
‘Aviso’	‘Aviso: Barcos pesqueiros na posição: Latitude: 23° 34’ N; Longitude: 032° 12’ O.’	Indica que a mensagem seguinte implica na intenção do remetente de influenciar o(s) ouvinte(s) através de uma <u>recomendação</u> .	‘Aviso-recebido’/ ‘entendido’
‘Informação’	‘Informação: O navio Nutcracker vai ultrapassar à bombordo de sua embarcação.’	Indica que a mensagem seguinte limita-se a fatos, situações relacionadas à navegação.	‘Informação-recebida’/ ‘entendido’

Fonte: o autor

3.5 As entrevistas

Nesta seção comentaremos os depoimentos de quatro oficiais de Náutica, prestados, em entrevista, para esclarecimento de algumas questões importantes relacionadas à comunicação a bordo de navios.

Entre as principais questões tratadas nas entrevistas estão a experiência profissional de cada participante, a relevância da comunicação a bordo, a dificuldade que os membros iniciantes da comunidade mercante encontram quando precisam usar o vocabulário padrão e se o contexto multicultural e multilingual pode comprometer a inteligibilidade da

comunicação entre tripulantes de navios.

O interesse em realizar as entrevistas partiu de comunicações pessoais ao longo dos vinte anos que leciono o jargão náutico para profissionais mercantes. Os entrevistados são ex alunos do CIAGA que retornam à instituição para fazer cursos de aperfeiçoamento. Eles costumam descrever suas experiências, citam dificuldades e anseios que costumam enfrentar quando precisam interagir com outros membros de sua tripulação e tripulações distintas, quando estão embarcados: “ (...) o dialeto, as gírias...isso tudo atrapalha bastante (...)” (Anexo C, p.159); “ *Interferência de língua sempre tem, da cultura, os hábitos do pessoal do nordeste, por exemplo, é diferente do sul (...)*” (Anexo C, p.160).

Entrevistamos profissionais com dois, dezoito, vinte e seis, e trinta anos de experiência, embarcados em navegação de longo curso e/ou de cabotagem. Todos informaram ter embarcado em diferentes tipos de embarcações e dentre as principais razões de ingresso na profissão estão viajar para conhecer outros países e culturas, oportunidades que a carreira oferece e o mercado promissor: “(...) o que me motivou a ser da marinha mercante foi a oportunidade de conhecer diferentes lugares e os salários que são muito bons.” (Anexo C, p.158).

Em relação à relevância da comunicação, os entrevistados informaram que é de suma importância, pois a comunicação a bordo possibilita a realização de manobras de atracação, desatracação, fundeio, episódios de segurança, abastecimento, serve de contato entre navios e terminais durante as travessias, como é possível observar nos depoimentos dos oficiais entrevistados: “*Puxa! a comunicação é fundamental a bordo. Ainda mais num ambiente fechado, isolado (...)*” (Anexo C, p.161). De acordo com os profissionais, sem uma padronização do vocabulário, o contato seria bastante complexo, dada a variação linguística existente no contexto náutico. Em relação à variação que ocorre na língua, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa afirmam:

“A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)”.

Os oficiais entrevistados informaram que dentre as maiores dificuldades dos membros iniciantes estão o pouco tempo para a assimilação do jargão, para que possam usá-lo de modo correto, nos diferentes contextos comunicativos a bordo; a falta de prática a bordo, durante o

período em que ainda estão na escola de Marinha Mercante; a dificuldade de assimilação da grande quantidade de frases, siglas e vocábulos que constituem o jargão náutico: “ *O bom uso do Vocabulário Padrão, com certeza, auxilia na compreensão das mensagens transmitidas em radiotelefonia (...)*” (Anexo C, p.162).

Outrossim, os informantes afirmaram que o vocabulário padrão é suficiente para uma comunicação eficaz, mas que não deve ser tratado isolado, que o contexto comunicativo em que ocorre também deve ser considerado, especialmente quando envolve situações de risco.

Os profissionais informaram que a linguagem técnica marítima pode minimizar dificuldades e evitar erros nas transmissões em VHF, por ser uma linguagem concisa, simples, apesar de extensa. Afirmam, também, que no contato com as diferentes culturas a bordo é primordial o uso do jargão náutico, pois o contato entre culturas distintas, com hábitos e crenças distintas, entonações diferente, gírias e dialetos próprios podem afetar muito na inteligibilidade da comunicação e comprometer a segurança no mar: “ *(...) Se os tripulantes usarem o vocabulário, como a IMO exige é muito difícil haver confusão porque é uma língua padrão simples, prática já pra facilitar mesmo (...)*” (Anexo C, p.160). Nas palavras de Lévi Strauss (1985): “A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única exigência que podemos fazer a seu respeito é que cada cultura contribua para a generosidade das outras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção faremos um resumo dos resultados verificados após análise do gênero, comunicação em VHF, considerando sua estrutura retórica de movimentos e passos (SWALES, 1990), os itens lexicais mais recorrentes nestas transmissões (HALLIDAY ; HASAN, 1976) e um resumo dos depoimentos contidos nas entrevistas realizadas.

A estrutura retórica das comunicações em VHF

Foi confirmado, pelos dados analisados, que um mesmo gênero apresenta diferentes realizações e estas estão condicionadas ao contexto situacional, às necessidades da comunidade e seus intentos comunicativos. Além disso, cada uma das cinco realizações: “Troca” (*Exchange*), “Aviso” (*Broadcast*), “Perigo” (*Distress*), “Urgência” (*Urgency*) e “Segurança” (*Safety*), possui uma estrutura interna dinâmica e maleável (MARCUSCHI, 2002, p.19), além da variação em seu léxico constituinte e sua função retórica.

Estes subgêneros possuem um movimento retórico comum, ‘Identificando o(s) Participante(s)’, além de passos obrigatórios e cíclicos. Cabe lembrar que estes passos conferem flexibilidade às estruturas, já que podem aparecer em diferentes partes da sequência do texto; outros podem não aparecer ou mesmo alternarem-se com outros. Observamos, também, um passo opcional, ‘Preparação para o término da transmissão’, representado pelos itens lexicais ‘Nada mais’ e ‘Obrigado (a), que ao serem omitidos não comprometem a comunicação.

Outrossim, em alguns eventos comunicativos o gênero cria uma expectativa no interlocutor e o prepara para uma determinada reação (MARCUSCHI, 2002, p. 33), como no caso das transmissões “Perigo”, “Urgência” e “Segurança”, em que se espera uma mudança de comportamento por parte da comunidade mercante, que, nos casos mencionados, implicará na prestação de ajuda imediata e salvamento em situações que envolvam risco à navegação e à vida.

Verificamos que as comunicações “Aviso” possuem seis movimentos retóricos, sendo que quatro deles constituem a estrutura retórica das comunicações “Troca”, são eles, ‘Identificando o(s) participante(s), ‘Ajustando canais’, ‘Discriminando o assunto’ e ‘Finalizando a transmissão’ e os dois movimentos que diferenciam das comunicações “Troca” são, ‘Detalhando o assunto’ e ‘Confirmando os participantes’.

Em relação às transmissões “Perigo” e “Urgência”, concluímos que possuem os mesmos movimentos retóricos, contudo, apresentam variações em seu léxico, tipo de conteúdo a ser tratado na transmissão e intentos comunicativos, que no caso das comunicações “Perigo” têm a função de avisar sobre o problema que já está ocorrendo e nas transmissões de “Urgência”, sobre a situação de risco que ainda poderá acontecer, caso nenhuma ajuda seja prestada.

Verificamos, além disso, que as comunicações “Troca”, “Perigo” e “Urgência” implicam a comunicação efetiva entre os participantes, ou seja, falante(s) e ouvinte(s) interagem através de pares adjacentes (KOCH, 1995), tais como perguntas e respostas, um retorno que é dado a uma solicitação, um pedido de informação que é respondido, uma instrução que pode ser acatada ou não ou um aviso importante que é transmitido e o ouvinte solicita maiores esclarecimentos.

Por outro lado, as transmissões “Aviso” e “Segurança”, que constituem avisos meteorológicos ou sobre a navegação (WEEKS *et.al.*, 1988), a primeira não envolvendo risco e a segunda envolvendo situações graves, não esperando um retorno apenas em forma de resposta falada, mas implicando tomada de atitude por parte do ouvinte. Algumas dessas atitudes nos textos analisados são, por exemplo, ter mais atenção e prestar socorro àqueles que precisam de ajuda, realizar uma manobra específica, dentre outros.

Constatamos que as transmissões “Segurança” são as únicas que possuem algum traço de todas as outras comunicações: a) constituem uma informação, como as comunicações “Aviso”; b) implicam mudança de comportamento do ouvinte, do mesmo modo que nas transmissões “Perigo” e “Urgência”; c) possuem vários movimentos dentro de um só ‘bloco de informações’. Isto mostra que as falas não correspondem, necessariamente, aos movimentos. Bhatia (1993, p.56) afirma que “os movimentos não necessariamente coincidem com os parágrafos, por isso, é possível haver dois ou mais movimentos em um único parágrafo”, o que acontece nas comunicações “Perigo” e “Urgência”, em que a primeira fala é constituída de diferentes movimentos retóricos; d) o movimento, ‘Indicando o(s) participante(s)’, está presente em todas as estruturas retóricas “Troca”, “Aviso”, “Perigo”, “Urgência” e “Segurança”; e) pode transformar-se em uma transmissão “Troca”, como as comunicações “Aviso”, caso haja contato de algum navio, após a transmissão do aviso de segurança, para maiores esclarecimentos.

Apesar das comunicações possuírem vários pontos de contato, mantêm suas características próprias e propósitos comunicativos particulares, que são elementos diferenciadores dos subgêneros, por isso, não termos considerado ser possível criar uma

única estrutura retórica para representar as comunicações em VHF.

Os itens lexicais recorrentes no gênero

Após analisarmos os itens lexicais mais comuns, nas transmissões, foi possível concluir que elementos como “câmbio”, os nomes de navios, os vocábulos que indicam os tipos de mensagem e suas respectivas respostas, entre outros lexemas que vão se repetindo ao longo das estruturas retóricas dos subgêneros, contribuem para a construção do significado nos textos. São estratégias básicas de estruturação do discurso, que proporcionam clareza à comunicação. A reiteração desses termos, nas comunicações em VHF, tem o objetivo de reforçar o que é transmitido, esclarecer informações e garantir a compreensão da mensagem (DRESSLER, 1982).

Verificamos que as repetições, nos subgêneros analisados, desempenham várias funções importantes, tais como: a de coesividade textual, de continuidade tópica, de interação entre os interlocutores do discurso, além de favorecer a identidade entre os mesmos (MARCUSCHI, 1996). A repetição faz parte do processo de formulação textual.

Segundo Marcuschi (2004), repetir é produzir a mesma expressão linguística duas ou mais vezes. Porém, é um simples ato tautológico, já que expressará sempre algo novo. Para o autor, há, pois, uma grande diferença entre repetir elementos linguísticos e repetir o mesmo conteúdo. Nas transmissões, observamos que os segmentos repetidos podem se manifestar por autorrepetições (o próprio falante produz a repetição na sua fala) ou por heterorrepetições (o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor).

Observamos, também, que o gênero, apesar de ser bastante fixo e ser constituído de um léxico recorrente, possui propósitos comunicativos variados, dependendo do contexto comunicativo em que está sendo usado e que seu macro-propósito é sempre o de salvar vidas e preservar o meio ambiente.

As entrevistas

Com a realização das entrevistas pudemos confirmar algumas hipóteses quanto ao uso do jargão náutico no contexto profissional real da comunidade mercante. Os depoimentos foram muito importantes já que, por questões de segurança, não pudemos gravar as transmissões a bordo. Os informantes costumam participar de comunicações em VHF, quando embarcados, e suas experiências são, sem dúvida, uma grande contribuição para a

veracidade deste estudo.

Foi unânime a opinião dos profissionais a respeito da relevância da comunicação a bordo e como o jargão náutico contribui para minimizar dificuldades e mal entendidos entre tripulantes nas interações em VHF.

O vocabulário padrão é uma “linguagem especial” (CABELLO, 2002, p.167) que os homens do mar utilizam para potencializar a inteligibilidade das transmissões por radiotelefonia. Cabello (2002, p.167-8) afirma que “o uso de um vocabulário técnico especializado, criado por grupos restritos, é indispensável para um maior grau de comunicabilidade”. A autora sustenta, também, que essas “linguagens especializadas” (p.167) funcionam como marca de identidade grupal e dão, ao grupo criador, força de coesão grupal (p.168).

Outrossim, segundo os informantes, os membros iniciantes necessitam de prática para poder familiarizar-se com o vocabulário marítimo; “(...) *por isso acabaram tendo que criar o Vocabulário Padrão...assim padronizou a língua e potencializou a segurança, mas é claro que tem lacunas... não adianta saber ele todo se você não tem experiência, não praticar...*” (Anexo C, p.162). Acrescentam, também, que o uso isolado ou a simples memorização das frases e termos que compreendem o linguajar náutico, não são suficientes para que uma comunicação eficaz aconteça, ou seja, é fundamental considerar os variados contextos comunicativos em que o vocabulário náutico pode ser usado. Como afirma Cabello (2002, p.169), “O contexto situacional é que elege a linguagem adequada, da mesma forma que a situação social define o vestuário”. Ao se expressar, o falante assume uma identidade grupal e deve ter domínio das variações de linguagem que ocorrem de um grupo para outro (p. 168).

Para mostrar o quanto o conhecimento do jargão a bordo é importante, um dos entrevistados cita, inclusive, o caso de um membro da comunidade discursiva que não dominava o linguajar náutico e foi discriminado pelo grupo, pois o seu desconhecimento poderia comprometer a segurança a bordo. Não lhe foi permitido sequer tocar nos equipamentos de comunicação, como cita o informante: “... *o meu ‘back’, que não sabia o vocabulário técnico, era discriminado a bordo... não podia nem colocar a mão nos equipamentos do passadiço...*” (Anexo C, p.159). Para Cabello (2002, p.168), “o jargão denota *status* profissional, daí seu uso, por parte de seus profissionais em entrevistas e textos acadêmicos, para estampar domínio de conhecimento e identidade grupal.”

Por fim, no que concerne a interculturalidade a bordo, constatamos que é um fator sério de interferência na compreensão das transmissões. Chibás Ortiz (2005, p.4) entende por barreiras culturais à comunicação “o conjunto de fatores, de ordem simbólica ou concreta, que

vão além das diferenças idiomáticas e que podem dificultar a comunicação entre pessoas ou organizações de diferentes etnias, regiões ou culturas.”

Ao serem questionados sobre este assunto, os profissionais citam exemplos de tripulantes pertencentes à culturas ou regiões distintas, que ao usarem termos característicos de suas regiões podem tornar a mensagem ininteligível: “(...) *interferência de línguas sempre tem, da cultura, os hábitos do pessoal do nordeste, por exemplo, é diferente do sul... isso influencia muito(...)*”; “(...) *‘vira e mexe’ a gente lê sobre esse problema de tripulação mista a bordo e os acidentes graves que acontecem, por causa de desentendimentos na comunicação(...)*” (Anexo C, p.160-161) . Robbins (2002, p.205) demonstra a existência de barreiras culturais à comunicação utilizando como exemplo o fato de um mesmo gesto poder ser compreendido de maneira muito diferente dependendo da cultura do receptor. Afirma que “as pessoas que falam línguas diferentes percebem o mundo diferentemente, assim como as mesmas palavras têm significados distintos em diferentes línguas e culturas e assim como existem línguas mais formais do que outras”.

Últimas reflexões

Acreditamos que os resultados encontrados neste estudo possam auxiliar tanto a comunidade mercante quanto aqueles que ensinam o jargão, pois pode trazer subsídios para uma reflexão mais profunda sobre como a comunicação em VHF estrutura-se retoricamente, além dos elementos que auxiliam na criação de sentido dentro de suas estruturas tão controladas e de linguagem tão repetitiva, econômica e telegráfica. Para mais, esperamos que este trabalho possa encorajar outros estudos sobre gêneros orais.

Por pressupor a interação e dinamicidade, seria possível argumentar que esta sugestão de descrição da estrutura retórica talvez não pudesse ser usada para caracterizar um gênero oral. Contudo, os resultados mostraram que a análise de movimentos conseguiu retratar, em detalhes, a estrutura retórica das diferentes realizações do gênero e também pode ser usada para outros estudos.

Devido ao escopo deste trabalho e outras limitações, como a dificuldade em coletar dados a bordo de navios, comunicações reais não puderam ser analisadas neste estudo. Do contrário, seria possível identificar outras variações do gênero, diferentes daquelas citadas pelos profissionais nas entrevistas. Além disso, poderiam auxiliar no desenvolvimento de teorias e atividades para o aprendizado das comunicações em VHF, a partir da prática a

bordo de navios. Isso, com certeza, nos ajudará a sanar dificuldades dos profissionais em seu ambiente de trabalho.

Entretanto, caberia ainda, em futuras investigações, completar nossos resultados, buscando analisar o discurso da comunidade mercante, suas expectativas, conflitos internos, que podem influenciar o bom desempenho das comunicações a bordo.

Por fim, esperamos ter contribuído para a continuidade de investigações no campo da análise de gênero, ao descrever e caracterizar um gênero oral específico da comunidade mercante no exercício de suas funções profissionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Roberto. *Análise da conversação como metodologia para investigação dos processos comunicativos*. Ecomig – I Encontro dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais. PUC-Minas, Belo Horizonte, Jun. 2008.
- ALLWRIGHT, Dick; BAILEY, Kathlen. M. *Focus on the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- ANDRIGUETTO, Tânia I. D. *Composição da linguagem policial: suas gírias e jargões*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2006. Disponível em: <www.calem.ct.utfpr.edu.br/monografias/TaniaAndriguetto.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.
- ASKEHAVE, Inger ; SWALES, John. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Amplie Linguistics*, v.22, n. 2, p.212, 2001.
- ATNO - Curso de Atualização de Náutica para Oficiais. Disponível em: <www.ciaga.com.mar.mil.br>. Acesso em: 12 set. 2015.
- AUSTIN, John. L. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.
- BADAWI, Essam S.A.; HALAWA, Ashraf M. *Maritime communication: the problem of cross cultural and multilingual crews* College of Maritime Transport & Technology, Maritime Safety Department – Arab Academy for Science, Technology and Maritime Transport. Alexandria, Egypt. May/2015. Disponível em:<essamb@aast.edu>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- BHATIA, Vijay. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.
- BAKHTIN, Michael. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução brasileira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981. (Original russo: 1929)
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fortoni et. al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BANGE, Pierre. Points de vue sur l'analyse conversationnelle. DRLAV 29 – Communiversation, Paris, p. 1-28, 1985.
- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981. cap.4, p. 48-112.
- _____. *Introducción a la linguistic del text*. Editorial Ariel, S.A. Córcega: Barcelona, 1997.
- BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for as science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex, 1997.

BENTON, Gary. *Multicultural crews and the culture of globalization*. The California Maritime Academy. Jul/2014. Disponível em: <iamu-edu.org/wp-content/.../2014/07/s3-benton.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2015.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Tradução brasileira: Campinas, Ed. da UNICAMP, 1989. (Original em francês: 1966).

BEZERRA, Benedito. G. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

_____. Gêneros introdutórios em ambiente virtual: uma (re) análise dos propósitos comunicativos. *Linguagem em discurso*, Palhoças, SC, v.9, n.3, p.463-487, set./dez. 2009.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. *O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões*. 2007. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/CD/PORT/28PDF>>. Acesso em: 04 maio 2014.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOCANEGRA-VALLE, Ana. The language of seafaring: standardized conventions and discursive features in speech communications. Universidad de Cádiz. *International Journal of English Studies*. mar. 2010. Disponível em: <www.um.es/ijes>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BONAFIM, Rodolfo. A escala de ventos Beaufort. *Espaço Ciência e Tecnologia. Educação Científica*. São Paulo, set. 2012 – Disponível em <www.apollo11.com>. Acesso em: 21 jul. 2015.

BONINI, Adair. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. *Trabalho de Linguística Aplicada, Campinas*, n.37, p. 7-23, jan.-jun, 2001. Unisul.

BRAM, Joseph. *Linguagem e sociedade*. Trad. Yolanda Guidicelli. Rio de Janeiro: Edição Bloch, 1968.

BRANDÃO, Helena. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: _____. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Estilos, gêneros do discurso e aplicações didáticas*. Texto apresentado no III Seminário da Análise do Discurso, Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA, out. 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 1. ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999.

BURKE, Peter ; PORTER, Roy. *Línguas e jargões*: contribuição para uma história social da linguagem. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CABELLO, Ana Rosa G. Linguagens especiais: realidade linguística operante. *UniLetras*, v. 24, n.1, 2002.

CALCUTÁ, Madre Teresa de. *Frases de Madre Teresa de Calcutá*. Disponível em: <www.frasesfamosas.com.br/frases-de/madre-teresa-de-calcuta>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CALDAS AULETE, Francisco. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

CALVET, Louis. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA JUNIOR, Joaquim M. *Dicionário de linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. 13. ed., Petrópolis, Vozes, 1986.

CAMPOS, Maurício. C. *Vocabulário marujo*: o conhecimento de todos os cabos necessários ao navio; do seu poliame, e de todos os termos marujos, e de alguns da construção naval, e artilharia; de indispensável conhecimento do oficial do mar. Rio de Janeiro: Oficina de Silva Porto e Companhia, 1823.

CHIBÁS ORTIZ, Felipe. *Barreiras culturais à comunicação e relações públicas em redes hoteleiras sediadas em São Paulo*. 2005. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1995.

CHAROLLES, Michael. *Introduction aux problèmes de la cohérence textuelle*. Paris: Langue Française. 1978.

CIAGA – Centro de Instrução Almirante Graça Aranha. Disponível em <www.ciaga.mar.mil.br/ <www.mar.mil.br/ciaga-inicio.htm>. Acesso em: 17 ago. 2015.

CONTRA-MESTRE – Disponível em: <auletedigital – www.aulete.com.br/contramestre>. Acesso em: 17 ago. 2015.

COSTA, Scheila C. A aplicabilidade das máximas conversacionais nas perguntas cotidianas. *UNIPAM: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Patos de Minas: UNIPAM, v.1, n.1(1-9), 2008.

COSTA, Raquel L. S. da. A organização retórica do gênero artigo experimental em comunidades disciplinares distintas. *Entrepalavras*, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 2, p.126-146, ago- dez, 2012.

COSTA, Arthur L. da; SILVA, Ana Cristina P. da. *Os diversos falares no ensino de língua materna: discutindo o tratamento da variação linguística no livro didático*. 2014 Disponível em: < enalic 2014.com.br/anais/anexos/2730.pdf> Acesso em : 09 nov. 2015.

COULTHARD, Malcolm. *An introduction to discourse analysis*. London: Longman, 1977.

_____. *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994.

CUSHING , Steven. Pilot-air traffic control communications: it's not (only) what you say, it's how you say it. *Flight Safety Foundation*, v. 14, n. 7, July, 1995.

DAUZAT, Albert. *L'argot de La guerre*. Paris: Colin, 1918.

DIRETORIA DE PORTOS E COSTAS/ MINISTÉRIO DA MARINHA. *Vocabulário Padrão de Navegação Marítima*. Editora Ritmo, Rio de Janeiro, 1982.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, G.; BRONCKART, Jean. P. A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de capacidades linguageiras diversas? *Estudos de Linguística Aplicada*, n. 89, p. 25-35, 1993.

DRESSLER, Wolfgang. 1982. *Einführung in die textlinguistik*. Tübingen, Max Nie meyer. Trad. ital. *Introduzione alia linguistica dei texto*, Roma, Officina, 1974.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros et. al. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. Trad. Brasileira; São Paulo: Cultrix, 1976. (Original francês: 1972).

DUDLEY-EVANS, Tony. Genre analysis: an investigation of the introduction and discussion sections of MSC dissertations. In: COULTHARD, Malcolm (Ed.). *Talking about text*. Birmingham: English Language Research, University of Birmingham, 1986. *Discourse Analysis Monograph* nº 13 (p.128-145).

EDGE, Julian ; RICHARS, Kelly. May I see your warrant, please? Justifying outcomes in qualitative research. *Applied Linguistics*. Oxford, v. 19, nº 3, p. 334-356, set., 1998.

EFOMM- *Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante*. Disponível em: <www.ciaga.com.mar.mil.br>. Acesso em: 23 maio 2015.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994.

ELIA, Silvio. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro, Niterói: Padrão – Universidade Federal Fluminense, EDUFF, Proed, 1987.

FÁVERO, Leonor L. *Coessão e coerência textuais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

FERREIRA, Aurélio. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FIRESTONE, William. A.; DAWSON, Judith. A. *To ethnograph or not to ethnograph?: Varieties of qualitative research in education*. Philadelphia, PA: Research for Better Schools, 1981.

FIORIN, José. L. (Org.) *Introdução à linguística I : objetivos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

GALEMBECK, Paulo. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH/USP, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Asylums*. New York: Doubleday, 1961.

_____. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York: Garden City, 1967.

_____. Footing. In RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. (Originalmente publicado em *Semiótica*, 25, p.1-29, 1979).

GONÇALVES, Sheila. C. P. A Importância da análise de gêneros textuais na formação docente. *Cadernos da FUCAMP*, v. 11, n. 15, p.129-146, 2012.

GRICE, Herbert P. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Ed.). *Syntax and Semantics*, v.3, *Speech Acts*. New York :Academic Press, 1975. p. 41-58.

GUMPERZ, John. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca T. ; GARCEZ Moraes P. de. (Org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

GUPTA, Pratibha. *Socio-linguistic constraints in teaching English*. Department of English. L. N. Mithila University, Darbhanga Concept Publishing Company, New Delhi, 2004.

HALLIDAY, Michael. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

_____. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, Ruqaiya. *The structure of a text, the identity of text*. In: HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social- semiotic perspective*. Oxford/Geelong: OUP /Oxford University Press. 1989 (Part B).

- HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. *A proposta sociorretórica de John Swales para o estudo de gêneros textuais*. In: MEURER, José L, BONINI, Adair; MOTTA-ROTH Desirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- HERRING, S. C. Computer-mediated communication on the internet. *Annual Review of Information Science and Technology*, n. 36, p.109-168, 2002. Disponível em: <Ella.slis.indiana.edu>. Acesso em: 20 out. 2015.
- HOEY, Michael. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HYON, Sunny. Genre in three traditions: implications for ESL. *TESOL Quarterly*, v. 30, p. 693-722, 1996.
- HUTCHBY, Ian ; WOOFFITT, Robin. *Conversation analysis*. Cambridge: Polite Press, 1988.
- IMO – SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. London: IMO Publications, 2002. Disponível em: <www.imo.org/.../StandardMarineCommunicationPhrases>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- JOHNSTONE, Barbara. *Repetition in discourse: interdisciplinary perspective*. v.1 e 2. Norwood, NJ. Ablex. 1994.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KILLINGSWORTH, Jimmy M.; GILBERTSON, Michael. K. *Signs, genres, and communities in technical communication*. Amityville, N. J.: Baywood, 1992.
- KINNEAVY, James. L. *A theory of discourse: the aims of discourse*. Englewo Cliffs, NJ: Prentice - Hall International, 1971.
- KLUIJVEN, Peter. C. van. *The international language programme*. Alkmaar: Netherlands: Alk & Heijnen Publishers, 2003.
- KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. *A coesão textual: repensando a língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. *A Interação pela linguagem: linguagem e sociedade: a construção interativa dos sentidos no texto: estratégias dos jogos de linguagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- KOCH, Ingedore. G. V. ; TRAVAGLIA, Luiz. C. *A coerência textual*. 18. ed., 2º reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

KRAPP, G. The knowledge of English. New York, 1927. In: CAMARA JUNIOR, Joaquim, M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAPA, Manuel R. *Estilística da linguagem portuguesa*. 10.ed. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1979.

LEECH, Geoffrey. *Introducing english grammar*. Series Editor: David Crystal. Penguin English, 1992.

LEITÃO, Humberto ; LOPES, José V. *Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual*. 3. ed. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1990.

LEMONS, Al. *A pirataria marítima e suas características*. *Jornal Canal 16: o canal de informação da EFOMM*. Abr/2015. Disponível em: <jornalcanal16.com.br/site/pt/pt/a-pirataria-marítima-e-suas-características>. Acesso em: 13 abr.2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *The view from afar*. New York: Basic Books, 1985.

LÜDKE, Menga. e MEDA, André. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. The problem of meaning in primitive languages. In: OGDEN, Charles. K. ; RICHARDS, Ivor. A. *The meaning of meaning*. 9. ed. New York; London, 1953. p. 296-336.

McCARTHY, Lucille P. A stranger in strange lands: a college student writing across the curriculum. *Research in the teaching of English*, v. 21, n. 3, p.233-65, 1987.

MARCUSCHI, Luiz. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática. 1986.

_____. *A repetição na língua falada: formas e funções*. 1992. Tese (Concurso de Professor Titular em Linguística) - UFPE, Recife, 1992.

_____. *A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual*. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). *Gramática do português falado*, v. 6. Campinas: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1996. p. 95-129.

_____. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela. P., MACHADO, Anna. R., BEZERRA Maria Auxiliadora. *Gênero textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *O Diálogo no contexto da aula expositiva. Continuidade, ruptura e integração*. In: PRETI, Dino (Org.). *Diálogos na fala e na escrita: projetos paralelos NURC/ SP – Núcleo USP*, 2005.

MARCUSCHI, Luiz. *Análise da conversação*. São Paulo. Editora Ática, 2006.

MALDONADO, Maurício U. *A marca corporativa como linguagem de comunicação nas organizações de serviço*. XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. ENEGEP, 2009.

MAROUZEAU, Jules. *Léxique de la terminologie linguistique*, Paris. 1943. In: CAMARA JUNIOR, Joaquim M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARTIN, James R. Process and text: two aspects of human semiosis. In: BENSON, James D. e GREAVES, William S. (Ed.). *Systematic perspectives on discourse*, v.1. Norwood, NJ: Ablex, 1985.

MARTIN, James R.; EGGINS, Suzanne. Genres and registers of discourse. In: DIJK, Teun A. *Discourse as structure and process*. London: SAGE, p. 230-256, 1997.

MATTOS, Carmem. L. G. de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. UERJ, 2001.

MAYDAY – *Wikipédia - A enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mayday>>. Acesso em: 21 set. 2014.

MILLER, Carolyn. Genre as social action. In: FREEDMAN, Aviva.; MEDWAY, Peter. *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1984.

_____. *Gênero Textual, agência e tecnologia: estudos*. Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MODESTO, Artarxerxes. T. T. Abordagens funcionalistas. *Revista Letra Magna - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. v. 3, n.4, 1. sem., 2006.

MONTEIRO, Ana Lúcia T. Comunicações transculturais: uma ameaça à segurança do tráfego aéreo. *Cadernos de Letras*, n. 23, p.123-135, jan -dez, 2007.

MONTEIRO, José. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOTTA-ROTH, Désirée. *Rhetorical features and disciplinary cultures*: a genre-based study of academic book reviews in Linguistics, Chemistry, and Economics. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOURA, Denilda. *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió, AL: Ed. UFAL, 2008.

NÓBREGA, Cristiana M. P. S. *Repetição lexical em textos de alunos de 9º ano*. In: VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais, v. 1, 2011.

NWOGU, Kevin N. *Discourse variation in medical texts: scheme, theme and cohesion in professional and journalistic account*. Monographs in systemic linguistics, Nottingham: University of Nottingham, v. 2, 1990.

OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. In: T. Givon. *Syntax and Semantics*, v. 12, New York, Academic Press, 1979.

OFICIAL DE MÁQUINAS. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficial_de_máquinas>. Acesso em: 20 jun.15.

OFICIAL NÁUTICO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficial_náutico>. Acesso em: 20 jun.2015.

ORGANIZAÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Organização_Marítima_Internacional>. Acesso em: 20 jun. 2015.

ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39, 1983. p.156-183,. Disponível em :
<ucbweb2.castelobranco.br/.../AEconomiadasTrocasLingsitcasPierreBourdieu>. Acesso em: 08 jul. 2015.

PAN-PAN – Wikipédia – A enciclopédia livre. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pan-Pan>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

PELICANO – O Jornal da EFOMM. Disponível em:
<www.projetomemoria.org/2013/03/cabotagem-longo-curso-ou-offshore>. Acesso em 10 jan. 2015.

PINHEIRO, Clemilton L. *Estratégias textuais interativas: a articulação tópica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

PORTER, James. E. *Audience and rhetoric : an archeological composition of the discourse community*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1992.

POSSAMAI, Vivian ; LEIPNITZ, Leonardo T. *Estudo de gênero aplicado à tradução*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., Tubarão. Anais do ..., 2007.

PREPOM – *Programa do Ensino Profissional Marítimo*. Disponível em:
<www.ciaga.com.mar.mil.br>. Acesso em 04 jul. 2015.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp,1984.

_____. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2003.

RENEC. *Rede Nacional de Estações Costeiras*. Disponível em:
<<http://www.mar.mil.br/dhn/09-cap08-apoio-costeiro-NE.pdf>> . Acesso em: 20 fev. 2015.

ROBBINS, Stephen P. *Comportamento organizacional*. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

RODRIGUES, Jaime. Cultura Marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII e XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 38, p.15-53, 1999. Associação Nacional de História.

SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SCHEGLOFF, Emanuel E. Sequencing in conversational openings: the ethnography of communication. In: GUMPERZ, John; HYMES, Dell (Ed.). *Directions in sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-blackwell, 1972.

SILVA, Vera. L. P. *Forma e função nos gêneros de discurso*. São Paulo: Alfa, p. 79-98, 1997.

SILVA, Denize E. G. da . O paralelismo dentro de processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista do Gelne* , Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 69-75, 1999.

SILVA, Marta C. da. A noção de gênero em Swales: revisitando conceitos. *Recorte – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. v. 2, n. 3, jul.-dez. 2005.

SILVA, Rômulo Felipe da. *Tá ligado?: uso e sentido das gírias entre estudantes do ensino médio*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Sérgio. S. B. da. *EROG – Especial de radioperador geral*. 2. ed., Rio de Janeiro: Diretoria de Portos e Costas, 2011.

SOUTO MAIOR, Ana Christina; BARROS, Antonio Claudio S; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *A gíria: do registro coloquial ao registro formal*. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, v.1, n. 3, p.37, 2000.

SWALES, John M. Research into the structure of introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. In: WILLIAMS, Ray.; SWALES, John; KIRKMAN, John. *Common Ground: shared interests in ESP and communication studies*. ELT Documents 117. Oxford: Pergamon Press, 1984.

_____. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Re-thinking genre: another look at discourse community effects*. Ottawa: Carleton University, 1992.

_____. Genre and engagement. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, v.71, p. 687-698, 1993.

_____. *Other foors, other voices: a textography of a small university building*. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. *Research genres: explorations and applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M.; FEAK, Christine. B. *Academic writing for graduate students: essential tasks and skills*. Ann Arbor, M.I.: The University of Michigan Press, 1994.

SWALES, John; NAJJAR, Hazem. *The writing of research article introductions*. *Written Communication*, v. 2, n.4, p. 175-191, 1987.

SKULSTAD, Aud S. Genre awareness in ESP teaching: issues and implications. *International Journal of Applied Linguistics*, London, v. 9, n. 2, 1999.

TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversation discourse*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

TRAVERSO, Véronique. *L'analyse des conversations*. Paris, Nathan, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN DIJK, Teun A. Context models in discourse processing. In: OOSTENDORP, Herre van; GOLDMAN, Susan. R. (Ed.). *The construction of mental representations during reading*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1999. p.123–48.

VERÍSSIMO, Luis. F. Dobrando o trubigo. *Zero Hora*, p.3, fev. 2004.

VINCI, Leonardo da. Disponível em: <pensador.uol.com.br/autores.LeonardodaVinci> . Acesso em: 20 jun. 2015.

WALCOTT, Harry. W. Criteria for an ethnographic approach to research in education. *Human Organization*, 34, p.111-128, 1975.

WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVEENS, Peter. *Sea speak training manual: essential English for international maritime use*. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

WEINRICH, Harald T. *Besprochene und Enzahlte Welt*. Stuttgart, Kohlhammer. Trad. Fr.: 1973. Les temps, les récit et le commentaire. Paris: Seul, 1964.

WILCOX, Ella. W. *Ella Wheeler Wilcox quotes (Author of Poems of Passion) – Goodreads*, Disponível em: < https://www.Goodreads.com/.../quotes/186471.Ella_.../>. Acesso em: 20 jun. 2015.

ANEXO A

CORPUS DE ANÁLISE

Quadro A – Alfabeto marítimo.

Letra	Código
A	Alfa
B	Bravo
C	Charlie
D	Delta
E	Echo
F	Foxtrot
G	Golf
H	Hotel
I	India
J	Juliet
K	Kilo
L	Lima
M	Mike
N	November
O	Oscar
P	Papa
Q	Quebec
R	Romeo
S	Sierra
T	Tango
U	Uniform
V	Victor
W	Whisky
Y	Yankee
X	X-ray
Z	Zulu

ANEXO B

EXEMPLOS DE ABREVIACÕES

Quadro B - Letras iniciais pronunciadas separadamente

ETA	<i>“Estimated Time of Arrival”</i> (Hora Estimada de Chegada)
ETD	<i>“Estimated Time of Departure”</i> (Hora Estimada de Partida)
GMT	<i>“Greenwich Mean Time”</i> (Hora em relação ao Meridiano de Greenwich)
IMO	<i>“International Maritime Organization”</i> (Organização Marítima Internacional’)
VHF	<i>“Very High Frequency”</i> (Frequncia muito alta)
UTC	<i>“Universal Time Co-ordinated”</i> (Horário Universal Coordenado)

Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*.IMO: London, 2002.

Quadro C - Letras iniciais pronunciadas como se fossem uma única palavra

LASH	<i>“Lighter aboard ship system”</i> (Navio porta-barcaa/chata)
OBO	<i>“Ore Bulk Oil ship”</i> (Navio de carga: minrio, granel e leo)
RO-RO	<i>“Roll On-Roll Off”</i> (Navio de carga: automóveis)
SATCOM	<i>“Satellite Communication”</i> (Comunicação via satélite)
SATNAV	<i>“Satellite Navigation”</i> (Navegação via satélite)

Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*.IMO: London, 2002.

Quadro D - Unidades para informar horários e as situações de uso

Palavra usada	Unidade	Quando usar?
HORA	GMT (Hora em relação ao Meridiano de Greenwich = UTC (Horário Universal Coordenado))	No mar ou antes de entrar em um porto ou cidade ou qualquer outro terminal
	LOCAL	Dentro de portos ou qualquer outro terminal

Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. IMO: London, 2002.

Quadro E - Métodos para informar posição

Tipo de Método	Evento comunicativo em que é usado
Latitude ³⁷ e Longitude ³⁸ (<i>'Latitude' and 'Longitude'</i>)	Deve ser usado quando longe da costa de uma região específica, costa desconhecida ou terminal.
Marcação e Distância (<i>'Bearing' and 'Distance'</i>)	Deve ser usado quando próximo da costa de uma região ou algum outro ponto de referência, a saber: um farol, um prédio, um morro.

Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. IMO: London, 2002.

³⁷ A latitude é a distância do Equador medida ao longo do meridiano de Greenwich. Esta distância mede-se em graus, podendo variar entre 0° e 90° para Norte ou para Sul. Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. IMO: London, 2002.

³⁸ A longitude é distância do Meridiano de Greenwich, medida ao longo do Equador. Esta distância mede-se em graus, podendo variar entre 0° e 180° para Leste ou para Oeste. Fonte: IMO- SMCP *Standard Marine Communication Phrases*. IMO: London, 2002.

Quadro F – Transmissões “Troca” (*Exchange*) - Exemplos 1-6

Transmissão 1
<p>Gammon Echo Lima Lima India Aqui é Stowbridge Port (2x) Delta Alfa X-ray Mike Câmbio</p>
<p>Stowbridge Port DAXM Aqui é Gammon (2x) ELLI Câmbio</p>
<p>Gammon ELLI Aqui é Stowbridge Port (2x) DAXM Mude para o canal 14 Câmbio</p>
<p>Stowbridge Port DAXM Aqui é Gammon (2x) ELLI Canal 14 não disponível. Vá para o canal 23. Câmbio</p>
<p>Gammon Aqui é Stowbridge Port falando no canal 23 Informação: As operações com dragas estão finalizadas no canal Sul. Câmbio</p>
<p>Stowbridge Port Aqui é Gammon Entendido: Fim de operação com dragas no canal Sul Câmbio</p>
<p>Gammon Stowbridge Nenhuma outra informação Câmbio desligo</p>

Transmissão 2

Atlantic Rover Mike Kilo Lima November
Aqui é Falmouth Coastguard (2x)
Câmbio

Falmouth Coastguard
Aqui é Atlantic Rover (2x) MKLN
Câmbio

Atlantic Rover
Aqui é Falmouth Coastguard (2x) MKLN
Mude para o canal 12
Câmbio

Falmouth Coastguard
Aqui é Atlantic Rover (2x) MKLN
De acordo com o canal 12
Câmbio

Atlantic Rover
Aqui é Falmouth Coastguard
Informação: Há um Trimaran perdido próximo à sua posição: Latitude: 49° 25' Sul;
Longitude: 009° 12' Oeste.
Câmbio

Falmouth Coastguard
Aqui é Atlantic Rover
Entendido: Trimaran perdido próximo à posição: Latitude: 49° 25' Sul; Longitude:
009° 12' Oeste.
Informação 1: que foram avistados destroços de um iate; Tipo: Catamaran; Cor: preto
e amarelo.
Câmbio

Atlantic Rover
Aqui é Falmouth Coastguard
Entendido 1: Catamaran encontrado próximo à sua posição
Há sobreviventes?
Câmbio

Falmouth Coastguard
Aqui é Atlantic Rover
Negativo. Não há sobreviventes
Informação 2: Os destroços não são recentes. Casco já coberto por algas
Câmbio

Atlantic Rover.

Aqui é Falmouth Coastguard
 Entendido 2: Sem sobreviventes. Destroços antigos
 Instrução 1: Confirmar tipo de embarcação
 Aviso 1: Um iate do tipo Trimaran está desaparecido nesta área
 Câmbio

Falmouth Coastguard
 Aqui é Atlantic Rover.
 Positivo. Confirmando destroços de um Catamaran.
 Nenhum Trimaran encontrado nesta posição.
 Câmbio

Atlantic Rover
 Aqui é Falmouth Coastguard
 Entendido.
 Enviaremos busca e salvamento
 (Obrigado)
 Câmbio desligo

Obs.: Falmouth Coastguard provavelmente transmitiria uma mensagem de segurança sobre os destroços do Catamaran encontrados, imediatamente após o término desta comunicação.

Transmissão 3

Mobil Sabine Tango Tango Alfa Sierra
 Aqui é Blue Sky falando (2x) Sierra Sierra Bravo Echo
 Canal 15
 Câmbio

Blue Sky SSBE
 Aqui é Mobil Sabine (2x) TTAS
 Mudando para o canal 15
 Câmbio

Mobil Sabine
 Aqui é Blue Sky
 Qual seu horário estimado de chegada no porto?
 Câmbio

Blue Sky
Aqui é Mobil Sabine
Horário estimado de chegada no porto 16:00, hora local.
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Informação 1: Calado no porto: 13 metros.
Qual seu calado máximo?
Câmbio

Blue Sky
Mobil Sabine
Entendido: Calado local 13 metros. Calado máximo dessa embarcação: 9 metros
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Entendido: Seu calado: 9 metros.
Instrução 1: Descrever carga de sua embarcação
Câmbio

Blue Sky
Aqui é Mobil Sabine
Entendido: Carregamento de cinquenta mil toneladas de petróleo bruto; Taxa máxima de descarga: 7.500 toneladas por hora.
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Informação entendida: Petróleo bruto: 50.000 mil toneladas; descarga máxima: 7.500 toneladas por hora.
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Qual a localização das tubulações de descarga de sua embarcação?
Câmbio

Blue Sky
Aqui é Mobil Sabine
Tubulações a bombordo
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Entendido: Tubulações a bombordo
Aviso 1: Carga excedente será descarregada em chatas.
Câmbio

Blue Sky
Aqui é Mobil Sabine
Aviso 1 entendido: Uso de chatas para carga excedente
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Aviso 2: Serão usadas duas chatas por dia. Capacidade de cada chata é de 1000 toneladas apenas. Taxa de descarga máxima nas chatas é de 500 toneladas por hora.
Câmbio

Blue Sky
Aqui é Mobil Sabine
Aviso 2 recebido: Apenas duas chatas por dia , capacidade 1000 toneladas, 500 por hora
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Instrução: A embarcação deverá estar inerte durante a descarga. Tempo estimado de chegada da primeira chata: seis horas
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Entendido: O navio ficará inerte. Primeira chata: em seis horas após chegada no porto
Câmbio

Mobil Sabine
Aqui é Blue Sky
Sem mais informações
Câmbio desligo

Transmissão 4

Chamando navio tanque, cor: preto e vermelho, posição: Próximo as boias do canal
Aqui é Rattler (2x) Golf X-ray X-ray X-ray
Câmbio

Rattler GXXX
Aqui é Rose Maru falando (2x) Juliet Alfa Alfa Alfa
Navio tanque próximo as boias do canal
Câmbio

Rose Maru JAAA
Rattler (2x) GXXX
Mude para o canal 06
Câmbio

Rattler GXXX
Rose Maru (2x) JAAA
Mudando para o canal 06
Câmbio

Rose Maru
Rattler
Informar ETA.
Você precisará de práctico a bordo?
Câmbio

Rattler
Rose Maru falando
Negativo. Certificado de isenção de praticagem.
Informo que o horário previsto de chegada no porto: 15:30, hora local
Câmbio

Rose Maru
Aqui é Rattler
Entendido: ETA: 15:30. Não precisará de práctico a bordo.
Câmbio final

Transmissão 5

Mangrove Head Romeo Romeo Tango Tango
Aqui é China Star (2x) Alfa Sierra X-ray Echo
Câmbio

China Star ASXE
Aqui é Mangrove Head (2x) RRTT
Câmbio

Mangrove Head RRTT
Aqui é China Star (2x) ASXE
Mude para o canal 18
Câmbio

China Star ASXE
Aqui é Mangrove Head RRTT
Canal 18 não disponível, canal 21 sem problemas
Câmbio

Mangrove Head
Aqui é China Star (2x) ASXE
De acordo com o canal 21
Câmbio

Mangrove Head
Aqui é China Star
Informo que estarei no canal de boias às 02:30, hora local.
Solicito óleo combustível e água potável em São Pedro e depois iremos para o Canal de Otlar
Quais são as instruções?
Câmbio

China Star
Aqui é Mangrove Head
Entendido. Hora estimada de chegada às 02:30. Pegará óleo combustível e água potável em São Pedro, passando pelo Canal de Otlar.
Instrução 1: Atracar no píer nº2. Sua atracação está disponível agora. Trânsito iniciará às 02:00, hora local.
Câmbio

Mangrove Head
Aqui é China Star
Entendido: Pier nº2 para atracação. Início de trânsito: 02:00
Câmbio final

Transmissão 6

Prince Echo Bravo Bravo Delta
Aqui é Outlar Radio
Câmbio

Outlar Radio
Aqui é Prince (2x) EBBB
Câmbio

Prince EBBB
Aqui é Outlar Radio (2x)
Vá para o canal 17
Câmbio

Outlar Radio
Aqui é Prince (2x) EBBB
Canal 17
Câmbio

Prince EBBB
Aqui é Outlar Radio
Qual seu calado aéreo máximo?
Câmbio

Outlar Radio
Aqui é Prince falando
Calado aéreo máximo: 10 metros.
Câmbio

Prince
Aqui é Outlar Radio
Solicito que notifique chegada no ponto de passagem Nobriga Buoy
Câmbio

Outlar Radio.
Aqui é Prince
Entendido. Informar chegada no ponto de passagem Nobriga Buoy
Câmbio

Prince
Aqui é Outlar Radio
Câmbio final

Transmissão 7

New Star LIMA ZULU ZULU UNIFORM
Aqui Marapendi (2X) ALFA BRAVO LIMA ALFA
Câmbio

Marapendi ABLA
Aqui é New Star (2X) LZZU
Câmbio

New Star LZZU
Aqui é Marapendi (2X) ABLA
Mude para o canal 23
Câmbio

Marapendi ABLA
Aqui é New Star (2X) LZZU
Canal 23
Câmbio

New Star
Aqui é Marapendi
Informação 1: A Navegação está interdita na área Shannon, posição:
Latitude: 29° 32' N; Longitude: 078° 13' O. Houve uma colisão.
Aviso 1: Mantenha-se afastado
Câmbio

Marapendi
Aqui é New Star
Informação 1 entendida: Navegação interdita posição: 29° 32' N; 078° 13' O. Colisão
Câmbio

New Star
Aqui é Marapendi
Informação 2: É perigoso permanecer na posição atual. Guinar para boreste.
Aviso 2: Aguarde para prestar assistência
Câmbio

Marapendi
Aqui é New Star
Aviso 2 entendido: Guinando para boreste e aguardando para prestar auxílio
Câmbio.

New Star
Aqui é Marapendi
Câmbio Final

Transmissão 8

Singapura MIKE LIMA INDIA TANGO
Aqui é Bolívar (2X) NOVEMBER VICTOR ALFA BRAVO
Câmbio

Bolívar NVAB
Aqui é Singapura (2X) MLIT
Câmbio

Singapura MLIT
Aqui é Bolívar NVAB
Vá para o canal 25
Câmbio

Bolívar NVAB
Aqui é Singapura (2X) MLIT
Informação 1 : Meu horário estimado de chegada na praticagem de Fazendinha (AP) é
13:00, hora local
Câmbio.

Singapura
Aqui é Bolívar
Entendido 1: Horário estimado de chegada 13:00, hora local
Câmbio

Bolívar
Aqui é Singapura
Instrução 1: Navio de grande porte está saindo. Afaste-se do canal. Dirija-se para o
fundeadoiro de emergência.
Câmbio.

Singapura
Aqui é Bolívar
Instrução 1 entendida: Embarcação de grande porte deixando o porto. Estou manobrando
para o fundeadouro de emergência.
Câmbio.

Bolívar
Aqui é Singapura
Câmbio final

Transmissão 9

Mikonos BRAVO CHARLIE ECHO ECHO
Aqui Fênix (2X) PAPA KILO MIKE ROMEO
Câmbio

Fênix PKMR
Aqui é Mikonos BCEE
Câmbio

Mikonos BCEE
Aqui é Fênix PKMR
Mude para o canal 06
Câmbio

Fênix PKMR
Aqui é Mikonos BCEE
Mudando para o canal 06
Câmbio

Mikonos
Aqui é Fênix
Há alguma plataforma na posição Latitude: 25° 10' N; Longitude 081° 18' O
Câmbio

Fênix
Aqui é Mikonos
Positivo. Há uma plataforma na posição Latitude: 25° 10' N; Longitude 081° 18' O
Informação 1: Plataforma Rig Alpha.
Câmbio

Mikonos
Aqui é Fênix
Entendido 1: Plataforma Rig Alpha na posição 25° 10' N; 081° 18' O
Aviso 1: Fênix em rota para aproximação e atracação na plataforma
Câmbio final.

Transmissão 10

Rover NOVEMBER UNIFORM ALFA LIMA

Aqui é Praticagem (Santos)

Câmbio

Praticagem

Aqui é Rover NUAL

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

Mude para o canal 28

Câmbio

Praticagem

Aqui é Roger NUAL

Canal 28 com problemas

Canal 31 disponível

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

No canal 31

Instrução 1: Seguir para TECON 2 (Terminal Containers) a bombordo.

Câmbio

Praticagem

Aqui é Rover

Instrução 1 entendida: TECON 2 a bombordo

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

Informação 2: Enviando rebocadores: 1 para bochecha (amura) de boreste, 1 bochecha (amura) de bombordo e um para alheta de boreste.

Câmbio

Praticagem

Aqui é Rover

Informação 2 entendida: 1 rebocador para bochecha de boreste, 1 rebocador para bochecha de bombordo e 1 rebocador para alheta de boreste.

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

Instrução 2: Preparar cabos pesados para proa e popa; Manter prancha de desembarque suspensa.

Câmbio

Praticagem

Aqui é Rover

Entendido instrução 2: Preparar cabos pesados para proa e popa; Manter prancha de desembarque suspensa.

Quais as linhas de amarração?

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

Informação 2: 3 lançantes de proa, 2 de través e 2 espringues de proa.

3 lançantes de popa, 2 de través e 2 espringues de popa.

Confirma

Câmbio

Praticagem

Aqui é Rover

Informação 2 recebida: 3 lançantes de proa, 2 través de proa e 2 espringues de proa.

3 lançantes de popa, 2 través de popa e 2 espringues de popa

Câmbio

Rover

Aqui é Praticagem

Câmbio final.

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVEN, Peter . Seaspeak training manual: essential English for International Maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Quadro G – Transmissões “Aviso” (*Broadcast*) – Exemplos 1 – 7

Transmissão 1
<p>Todos os navios no Estreito de Malacca (2x) Aqui é Pontiac (2x) November Alfa Alfa Alfa Aviso meteorológico Mude para o canal 25 Câmbio</p> <p>Todos os navios no Estreito de Malacca (2x) Pontiac November (2x) Alfa, Alfa, Alfa Informação sobre o tempo no Estreito de Malacca. Hora:12:00 UTC. Ventos: Sul; Força: três; Oceano: moderado; Tempo: Chuvas fracas; Visibilidade: uma milha náutica Câmbio desligo</p>

Transmissão 2
<p>Todos os navios no Golfo de Riga (2x) Aqui é Kotka Radio (2x) Aviso aos navegantes Mude para o canal 26 Câmbio</p> <p>Todos os navios no Golfo de Riga (2x) Aqui é Kotka Radio (2x) Aviso importante: Gelo espesso no Golfo de Riga, previsão de mudança: sem alterações; Navegação: Necessidade de assistência de navio quebra-gelo. Câmbio desligo</p>

Transmissão 3

Todos os navios na área Shannon (2x)

Aqui é Eastport Radio (2x)

Informação sobre o tempo

Vá para o canal 11

Câmbio

Todos os navios na área Shannon (2x)

Eastport Radio (2x)

Mudanças nas condições do mar dentro de três horas. A visibilidade será reduzida por neblina; Ventos Sul, Força Beaufort³⁹ : cinco

Câmbio final

Transmissão 4

Todas as embarcações em River West (2x).

Aqui é Weser Riviere Radio (2x)

Aviso aos navegantes

Canal 12

Câmbio

Todas as embarcações em River West (2x)

Weser Riviere Radio (2x)

Aviso importante: Área próximo a Robbenplatz temporariamente fechada para navegação. Operação de oleoduto no local

Câmbio final.

³⁹ **Escala de Beaufort** classifica a intensidade dos ventos, tendo em conta a sua velocidade e os efeitos resultantes das ventanias no mar e em terra. Foi concebida pelo meteorologista anglo-irlandês Francis Beaufort no início do século XIX. Em 1806, o Contra-Almirante britânico Francis Beaufort descreveu, em seu diário, a escala que leva seu nome. A escala Beaufort foi oficialmente utilizada, pela primeira vez, em 1831, a bordo da embarcação Beagle, na famosa expedição em que Charles Darwin participou, para lançar sua teoria evolucionista. Tal escala baseia-se na observação de eventos causados pela movimentação dos ventos, desde uma simples calmaria até um furacão. Para efeitos de divulgação, curiosidade, mas também e principalmente utilidade pública, pois as ventanias podem causar danos sérios às populações (BONAFIM, 2012).

Transmissão 5

Gulf Trader (2x)
Aqui é Captain Stanzoukas (2x)
Aviso aos Navegantes
Mude para o canal 24
Câmbio

Gulf Trader (2x)
Captain Stanzoukas (2x)
Aviso importante: Condição do mar na posição: Latitude: 32° 12' Norte; Longitude: 056° 32' Leste é moderado. Sem alterações nas próximas horas.
Câmbio final

Transmissão 6

Porto de Gênova (2x)
Aqui é State of Abidjan (2x)
Aviso aos navegantes
Mude para o canal 21
Câmbio

Porto de Gênova (2x)
State of Abidjan (2x)
Navegação na área próxima à Gênova só é possível com o auxílio de rebocador.
Câmbio desligo

Transmissão 7

Porto de Livorno (2x)
 Aqui é Harriet (2x)
 Aviso aos navegantes
 Mude para o canal 22
 Câmbio

Porto de Livorno (2x)
 Harriet (2x)
 O mar fora da entrada do porto está muito agitado e as ondas a Sudoeste muito altas
 Câmbio desligo

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVEN, Peter. Seaspeak training manual: essential English for international maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Quadro H - Transmissões “Perigo” (‘Distress’) – Exemplo 1 – 6

Transmissão 1

Mayday (3x)
 Aqui é Star Veja (3x) Eco Eco Sierra Delta
 Posição: Latitude: 20° 40’ Sul; Longitude: 030° 35’ Oeste
 Piratas se aproximando à boreste. Solicito auxilio militar.
 Câmbio

Mayday
 Star Veja EECD
 Aqui é Saint Rose (3x) Papa Papa Eco Sierra
 Mayday recebido
 Câmbio

Mayday
 Star Veja EECD
 Aqui é Saint Rose PPES
 (Prosseguindo em auxílio)
 Posição: Latitude: 22° 20’ Sul; Longitude: 051° 18’ Oeste
 Horário estimado de chegada no local: 15:00
 Câmbio

Transmissão 2

Mayday (3x)

Aqui é Rose Maru (3x) Charlie Charlie Alfa Alfa

Posição: Latitude: 18° 30' Norte; Longitude: 150° 30' Leste

Navio à deriva, Repito: à deriva. Solicito assistência de rebocadores.

Câmbio

Mayday

Rose Maru CCAA

Aqui é Macedonia Eco Charlie Zulu Zulu

Mayday recebido

Câmbio

Mayday

Rose Maru CCAA

Aqui é Macedonia ECZZ

(Enviando auxílio)

Posição: Latitude: 25° 35' Sul; Longitude: 099° 20' Leste

Previsão de chegada: 14:00

Câmbio

Transmissão 3

Mayday (3x)

Aqui é Sunlight (3x) Alfa Alfa Papa Papa

Posição: Latitude: 18° 20' Norte; Longitude: 040° 30' Oeste

Risco de encalhe na maré baixa. Solicito auxílio de rebocadores com urgência.

Câmbio

Mayday

Sunlight AAPP

Aqui é Sebastian Star X-ray X-ray Papa Sierra

Mayday recebido

Câmbio

Mayday

Sunlight AAPP

Aqui é Sebastian Star XXPS

(Seguindo em auxílio)

Posição: Latitude: 35° 23' Norte; Longitude: 058° 18' Oeste

Horário estimado de chegada: 13:00

Câmbio

Transmissão 4

Mayday (3x)

Aqui é Madalena (3x) Bravo Bravo Delta Oscar

Posição: Latitude: 49° 40' Sul; Longitude: 180° 50' Leste

Colisão com iceberg. Afundando, repito: afundando. Solicito auxílio de botes salva-vidas .

Três tripulantes feridos, repito: três tripulantes feridos. Solicito assistência médica imediata.

Câmbio

Mayday

Madalena BBDO

Aqui é Gumperz Papa Tango Tango X-ray

Mayday recebido

Câmbio

Mayday

Madalena BBDO

Aqui é Gumperz PPTX

(Seguindo em auxílio)

Posição: Latitude: 60° 20' Sul; Longitude: 095° 20' Oeste

Horário de chegada ao local: 10:00

Câmbio

Transmissão 5

Mayday (3x)
 Aqui é Rattler (3x) Bravo Zulu Delta X-ray
 Posição: Latitude: 75° 20' Norte; Longitude: 130° 25' Leste
 Explosão a bordo. Fogo no porão de carga. Sem vítimas até o momento.
 Solicito auxílio imediato.
 Câmbio

Mayday
 Rattler BZDX
 Aqui é Blue Bear Bravo Charlie Eco Foxtrot
 Mayday recebido
 Câmbio

Mayday
 Rattler BDZX
 Aqui é Blue Bear BCEX
 (Enviando auxílio)
 Posição: Latitude: 80° 18' Sul; Longitude: 100° 20' Leste
 Previsão de chegada ao local: 11:00
 Câmbio

Transmissão 6

Mayday (3x)
 Aqui é Concordia (3x) Foxtrot Golf India Hotel
 Posição: Latitude: 10° 20' Sul; Longitude: 035° 25' Oeste
 Inundação do porão 4. Repito: inundação. Solicito bombas d'água com urgência.
 Equipamento danificado.
 Câmbio

Mayday
 Concordia FGIH
 Aqui é Pontiac Charlie Charlie Papa Oscar
 Mayday recebido
 Câmbio

Mayday
 Concordia FGIH
 Aqui é Pontiac CCPO
 (Prosseguindo em auxílio)
 Posição: Latitude: 15° 29' Sul; Longitude: 045° 39' Oeste
 Hora de chegada prevista: 09:00
 Câmbio

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVENS, Peter. Seaspeak training manual: essential English for international maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Quadro I - Transmissões "Urgência" ('Urgency') – Exemplo 1 – 6

Transmissão 1

Pan- Pan (3x)
 Todas as estações (3x)
 Aqui é Parker Eco Eco Papa Delta
 Posição: Latitude: 44° 20' Sul; Longitude: 039° 23' Oeste
 Problemas com os motores 2 e 3. Manobrando com dificuldade.
 Câmbio

Pan-Pan (3x)
 Parker EEPD
 Aqui é Gammon Bravo X-ray Romeo Sierra
 Pan- Pan recebido
 Câmbio

Pan-Pan
 Parker EEPD
 Aqui é Gammon BXRS
 Posição: Latitude: 58° 40' Sul; Longitude: 025° 10' Leste.
 Enviando assistência imediata.
 Câmbio

Transmissão 2

Pan- Pan (3x)
 Todas as estações (3x)
 Aqui é Maldonado Victor Victor Hotel Hotel
 Posição: Latitude: 14° 18' Sul; Longitude: 075° 30' Leste
 Problemas com o hélice da embarcação.
 Câmbio

Pan-Pan (3x)
 Maldonado VVHH
 Aqui é Maranhão Delta Eco Tango Romeo
 Pan- Pan recebido
 Câmbio

Pan-Pan
 Maldonado VVHH
 Aqui é Maranhão DETG
 Posição: Latitude: 25° 30' Norte; Longitude: 094° 10' Oeste.
 Prosseguindo com auxílio.
 Câmbio

Transmissão 3

Pan- Pan (3x)

Todas as estações (3x)

Aqui é Paineiras Hotel Golf India Sierra

Posição: Latitude: 54° 30' Norte; Longitude: 05° 07' Leste

Risco de vazamento de óleo. Necessito contenção imediata

Câmbio

Pan-Pan (3x)

Paineiras HGIS

Aqui é Flor de Liz India India Alfa

Pan- Pan recebido

Câmbio

Pan-Pan

Paineiras HGIS

Aqui é Flor de Liz IIIA

Posição: Latitude: 67° 23' Norte; Longitude: 120° 18' Leste.

Enviando contenção para o vazamento.

Câmbio

Transmissão 4

Pa n- Pan (3x)
 Todas as embarcações (3x)
 Aqui é Petras Bravo Bravo Papa Charlie
 Posição: Latitude: 83° 21' Norte; Longitude: 036° 10' Leste
 Problemas de estabilidade. Gelo espesso na área.
 Câmbio

Pan-Pan (3x)
 Petras BBPC
 Aqui é Columbia Victor Victor Hotel Romeo
 Pan- Pan recebido
 Câmbio

Pan-Pan
 Petras BBPC
 Aqui é Columbia VVHR
 Posição: Latitude: 90° 40' Norte; Longitude: 085° 15' Leste.
 Seguindo em assistência.
 Câmbio

Transmissão 5

Pan- Pan (3x)
 Todas as embarcações (3x)
 Aqui é Paranaguá Juliet Juliet Kilo Kilo
 Posição: Latitude: 33° 26' Norte; Longitude: 036° 10' Leste
 Problemas com o governo do navio. Manobrando com dificuldade.
 Câmbio

Pan-Pan (3x)
 Paranaguá JKKK
 Aqui é Cascais Lima Mike Uniform Uniform
 Pan- Pan recebido
 Câmbio

Pan-Pan
 Paranaguá JKKK
 Aqui é Cascais LMUU
 Posição: Latitude: 40° 10' Norte; Longitude: 098° 21' Oeste.
 Enviando rebocador.
 Câmbio

Transmissão 6

<p>Pan- Pan (3x) Todos os navios (3x) Aqui é Guatemala Quebec Quebec Romeo Tango Posição: Latitude: 77° 30' Sul; Longitude: 089° 15' Leste Carga perigosa perdida no mar. Câmbio</p>

<p>Pan-Pan (3x) Guatemala QQR Aqui é Porto Belo Eco Victor Wisky Wisky Pan- Pan recebido Câmbio</p>

<p>Pan-Pan Guatemala QQR Aqui é Porto Belo EVWW Posição: Latitude: 85° 12' Sul; Longitude: 116° 28' Leste. Prosseguindo em assistência. Câmbio</p>

Fonte: WEEKS, Fred; GLOVER, Alan; JOHNSON, Edward; STREVENSON, Peter. Seaspeak training manual: essential English for international maritime use. Language Teaching Methodology. Oxford [Oxford shire]; New York: Pergamon Press, 1988.

Quadro J - Transmissão “Segurança” (‘Safety’) – Exemplos 1 – 8

Transmissão 1

<p>Sécurité (3x) Todos os navios na área de Peter Reef (3x) Aqui é Birte Alfa Alfa Papa Kilo Aviso de risco à navegação: Destroços de embarcação localizados na posição: 2 milhas Náuticas, Sul de Peter Reef. Câmbio</p>

Transmissão 2

Sécurité (3x)

Todos os navios na área de Duck Bay (3x)

Aqui é Arcadia Delta Delta Eco Charlie

Aviso importante: Aguarde até o nível máximo de maré cheia. Risco à navegação.

Câmbio

Transmissão 3

Sécurité (3x)

Todos os navios próximos ao Estreito de St. Nicolas (3x)

Aqui é Blue Sky Bravo Bravo Lima Eco

Aviso de risco à navegação: Há um navio na posição 280°, 4 milhas do farol Gannet Head, curso: 030° velocidade 12 nós. A embarcação não está de acordo com o regulamento de tráfego. A visibilidade em Gannet Head é de 15 milhas, visibilidade da embarcação Dolphin Back Light X-ray Victor Zulu Alfa é de 2 milhas náuticas. Destroços de boias na posição 50° 45 minutos

Câmbio

Transmissão 4

Sécurité (3x)

Todas as embarcações no Estreito de Malacca (3x)

Aqui é Utopia Delta Foxtrot Gulf Mike

Aviso de risco à navegação: Há um vazamento de gás advindo de tubulação danificada próxima à Refinaria Quay. Serviço de colocação de tubulação próximo do vazamento. Boia amarela colocada na posição 156°. Solicito evitar a área, correntes fortes esperadas no canal.

Câmbio

Transmissão 5

Sécurité (3x)

Todos os navios em Chalk Point (3x)

Aqui é Avianport Mike Eco Hotel India

Aviso urgente: Visibilidade reduzida por neblina. Posição: 43° 34' N; 098° 54' L. Há uma operação de busca e salvamento ao lado Sul do canal Fish Haven. Embarcações devem navegar com atenção.

Câmbio

Transmissão 6

Sécurité (3x)

Aqui é New Star Juliet Juliet November Oscar (3x)

Aviso de risco à navegação: maremoto de três metros é esperado a Sudoeste na área de White Sea nas próximas horas

Câmbio

Transmissão 7

Sécurité (3x)

Aqui é Personnel Alfa Charlie Delta Mike (3x)

Aviso de risco à navegação: Ventos vindos do Norte força 5 são esperados. Previsão de aumento para força 7 na área de White Sea.

Câmbio

Transmissão 8

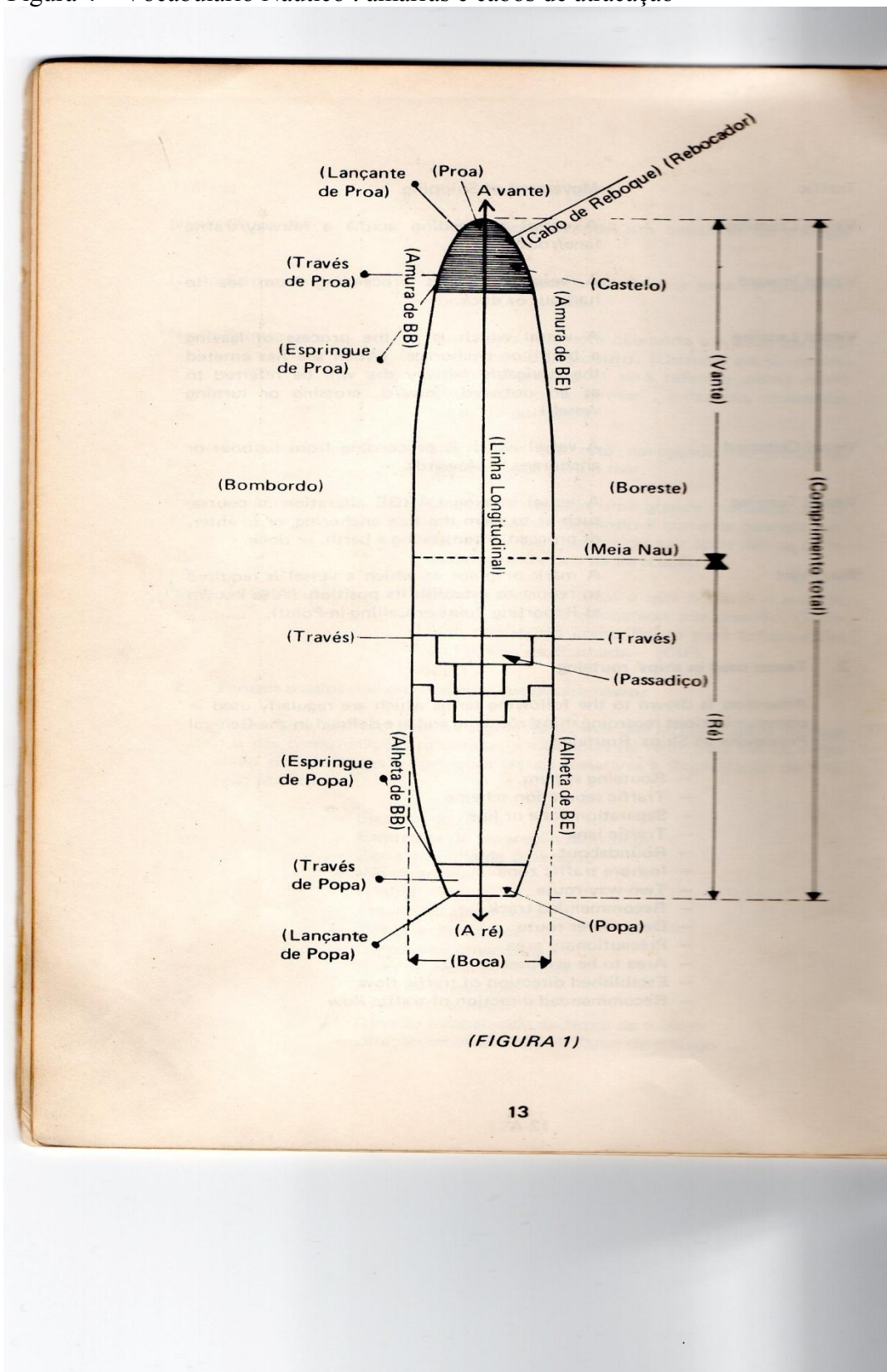
Sécurité (3x)

Aqui é Neptune Delta Zulu November Gulf (3x)

Aviso de risco á navegação: Tempestade se aproximando rápido Hora: 23:45 UTC na posição 69° 28' Norte, 042° 53' Leste.

Câmbio

Figura 4 – Vocabulário Náutico : amarras e cabos de atracação



Fonte: DIRETORIA DE PORTOS E COSTAS/ MINISTÉRIO DA MARINHA. *Vocabulário Padrão de Navegação Marítima*. Editora Ritmo, Rio de Janeiro, 1982.

Tabela 1 - Escala de Ventos Beaufort.

Escala de Beaufort						
Grau	Designação	Velocidade			Efeitos	
		m/s	km/h	nós	Terra	Mar
0	Calmaria	< 1	< 2	< 2	A fumaça sobe verticalmente.	Espelhado.
1	Bafagem	1 a 2	2 a 6	2 a 3	A direção da bafagem é indicada pela fumaça, mas a grimba ainda não reage.	Mar encrespado em pequenas rugas, com aparência de escamas.
2	Aragem	2 a 3	7 a 12	4 a 6	Sente-se o vento no rosto, movem-se as folhas das árvores e a grimba começa a funcionar.	Ligeiras ondulações de 30 cm (1 pé), com cristas, mas sem arrebenção.
3	Fraco	4 a 5	13 a 18	7 a 10	As folhas das árvores se agitam e as bandeiras se desfaldam.	Grandes ondulações de 60 cm com princípio de arrebenção. Alguns "carneiros".
4	Moderado	6 a 8	19 a 26	11 a 16	Poeira e pequenos papéis soltos são levantados. Movem-se os galhos das árvores.	Pequenas vagas, mais longas, de 1,5 m, com frequentes "carneiros".
5	Fresco	9 a 11	27 a 35	17 a 21	Movem-se as pequenas árvores.	Vagas moderadas de forma longa de uns 2,4 m. Muitos "carneiros". Possibilidade de alguns borrifos. Nos lagos a água começa a ondular.
6	Muito Fresco	11 a 14	36 a 44	22 a 27	Assobios na fiação aérea. Movem-se os maiores galhos das árvores. Guarda-Chuva usado com dificuldade.	Grandes vagas de até 3,6 m. muitas cristas brancas. Probabilidade de borrifos.
7	Forte	14 a 17	45 a 54	28 a 33	Movem-se as grandes árvores. É difícil andar contra o vento.	Mar grosso. Vagas de até 4,8 m de altura. Espuma branca de arrebenção; o vento arranca laivos de espuma.
8	Muito Forte	17 a 21	55 a 65	34 a 40	Quebram-se os galhos das árvores. É difícil andar contra o vento.	Vagalhões regulares de 6 a 7,5 m de altura, com faixas de espuma branca e franca arrebenção.
9	Duro	21 a 24	66 a 77	41 a 47	Danos nas partes salientes das árvores. Impossível andar contra o vento.	Vagalhões de 7,5 m com faixas de espuma densa. O mar rola. O borrifo começa a afetar a visibilidade.
10	Muito Duro	25 a 28	78 a 90	48 a 55	Arranca árvores e causa danos na estrutura dos prédios.	Grandes vagalhões de 9 a 12 m. O vento arranca as faixas de espuma; a superfície do mar fica toda branca. A visibilidade é afetada.
11	Tempestade	29 a 32	91 a 104	56 a 65	Muito raramente observado em terra.	Vagalhões excepcionalmente grandes, de até 13,5 m. A visibilidade é muito afetada. Navios de tamanho médio somem no cavado das vagas.
12	Furacão	> 33	> 104	> 66	Grandes estragos.	Mar todo de espuma. Espuma e respingos saturam o ar. A visibilidade é seriamente afetada.

Fonte: BONAFIM, Rodolfo. *A Escala de Ventos Beaufort*. Espaço Ciência e Tecnologia. Educação Científica. São Paulo. Set/2012.

ANEXO C**Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

“Uma Análise da Estrutura Retórica de um Gênero em Português: a Comunicação em VHF a bordo de navios”**ENTREVISTAS:**

Perguntas para os Oficiais Náuticos:

- 1- Poderia descrever sua experiência a bordo de navios mercantes? (tempo de serviço, motivo de ingresso na carreira, tipos de navios em que trabalhou, sua função...).
- 2- Qual a relevância da comunicação a bordo?
- 3 - Quais as dificuldades que os membros iniciantes da comunidade mercante encontram quando precisam usar o “Vocabulário Padrão” nas comunicações a bordo?
- 4 - O Vocabulário Padrão é suficiente para uma comunicação eficaz entre navios ou navios e estações costeiras? Qual a importância do jargão náutico usado na construção de mensagens em VHF?
- 5 – O contexto multilingual e multicultural a bordo pode interferir na inteligibilidade da comunicação? Como? Poderia descrever alguma situação que vivenciou?

ENTREVISTA 1

1) “(...) Ingressei na carreira há 2 anos. Iniciei em offshore, mas mudei para cabotagem porque um amigo indicou pra trabalhar com ele. Hoje viajo em graneleiro como primeiro Oficial. O que me motivou a ser da marinha mercante foi a oportunidade de conhecer diferentes lugares e os salários que são muito bons (...)”.

2) “Sem comunicação a bordo não há como realizar tarefa nenhuma. A comunicação é basicamente tudo.(...) Pra realizar uma manobra, um carregamento, um salvamento (...) e a gente usa uma linguagem específica para realizar as atividades, dar instrução, ordem, dar aviso, informação(...)”.

3) “O maior problema de usar o vocabulário padrão é a familiarização, porque é um vocabulário extenso com muitos detalhes (...), e pode ser usado em muitas situações (...). Tem frases que a gente pode usar em situações diferentes, mas sem experiência fica mais difícil. Mas existe sempre uma pessoa mais experiente que orienta o “pratica” (...). Não adianta, só com a prática mesmo. As vezes, até tendo experiência é difícil, mas o vocabulário padrão ajuda demais, nossa... muito mesmo (...)”.

4) “ (...) Sem dúvida desde que foi criado pela IMO, o uso do vocabulário náutico tem ajudado ‘pra caramba’ e padronizado a comunicação. Hoje é importante dominar o vocabulário. As empresas só contratam quem tem conhecimento desse vocabulário, por causa da segurança a bordo, tem muita burocracia, o mercado é super competitivo(...)” “(...)Sem o SMCP é impossível construir as mensagens no VHF. Não dá pra ficar ‘enrolando’ (...) É uma comunicação muito rápida e repete quase tudo, sempre... pra ter certeza que o colega entendeu e pra ajudar também, né? (...). principalmente na situação de perigo (...) Dá pra reduzir muita coisa, mas de qualquer modo tem que usar essa língua específica... Tem portos que são bem rigorosos com o uso desse vocabulário náutico(...)”.

5) “Praticamente hoje não existe navio sem tripulação mista. Sempre trabalhei com ‘colega’ de diferentes regiões do Brasil (...) até panamenho, colombiano... o dialeto, as gírias... isso

tudo atrapalha bastante (...) trabalhei em uma embarcação que o meu 'back', que não sabia legal o vocabulário técnico, era discriminado a bordo... o povo é cruel... 'eu me viro'... ele não podia nem colocar a mão no equipamento do passadiço (...). O pessoal tentava 'ajuda', mas não deixavam mexer, com medo de causar algum acidente... é complicado... mas... tem também 'uns cara que pegam pesado'(...) Navio estrangeiro é pior porque a língua é completamente diferente (...)"

ENTREVISTA 2

1) *"Sou Imediato de um navio conteneiro. Já trabalho há 18 anos embarcado. Decidi entrar pra marinha porque tenho outros membros da família que também eram oficiais me encorajaram... e por causa do salário. Apesar de saber que muitas vezes teria que viajar muitos meses e ficar longe da família. Não é uma profissão fácil (...)"*

2) *"Bom... a comunicação a bordo é muito importante porque se não for clara pode causar acidentes graves... A gente usa o vocabulário padrão para evitar mal-entendido. Principalmente hoje em dia que os navios operam com tripulação de várias regiões do Brasil e do mundo (...) é quase impossível hoje ter gente de um lugar só a bordo... não tem mesmo... o que acontece, às vezes, é a gente 'colar' com um colega já antigo ou da mesma cidade, que foi de turma... ou que tem mais empatia, sabe? Aí um ajuda o outro... vai dando força... porque no início 'não é mole não' rrsrs (...). Fico até com pena de alguns companheiros... rrsrs"*

3) *"Pouca experiência a bordo... O vocabulário tem muita frase solta, sigla e muitas vezes é difícil usar na situação se você não é 'veterano'. Mas o pessoal novo até que vem da escola com uma 'boa bagagem'... é mais conhecer a situação mesmo... pode acontecer de tudo a bordo... às vezes tá tudo bem... e de repente acontece um imprevisto e cada um 'tem que dar seu jeito'...mas tem muita gente que ajuda se precisar se comunicar(...)não é comum ver esses garotos terem problema não..."*

4) *“Pra se compreender a mensagem, a gente precisa usar o vocabulário de navegação(...) Esse dialeto de bordo é técnico e ajuda a realizar as funções todas a bordo... só mesmo em conversa informal que dá pra não usar(...) e no VHF só se usa ele...”*

5) *“Se os tripulantes usarem o vocabulário, como a IMO exige, é muito difícil haver confusão porque é uma língua padrão simples, prática já pra facilitar mesmo... tem vários comandos prontos(...) O problema é quando nem o básico necessário eles sabem. Interferência de língua sempre tem, da cultura, os hábitos do pessoal do nordeste, por exemplo é diferente do sul... isso influencia muito...Mas sim. ‘Existe’ alguns oficiais que, infelizmente, não tem bom domínio das frases, mesmo com experiência, e quando se deparam com uma situação de comunicação no VHF, por exemplo, costumam usar uma linguagem do dia a dia, específica da região deles. Aí confunde... por exemplo eu já comuniquei com um argentino e um ‘cara da Bahia’ que falavam português, mas era muito difícil entender por causa do sotaque... o baiano era mais as gírias..., mas quando não entendia pedia pra repetir...”Consegui fazer a manobra..... o problema é quando não tem tempo ...”*

ENTREVISTA 3

1) *“Comando um navio petroleiro, mas na carreira mesmo ‘tô’ há 26 anos. Já trabalhei como imediato em outros navios também. Tenho muita experiência no mar. Trabalhei na cabotagem e hoje faço longo curso... Já passei por muita situação, mas consegui me “safar”. É uma vida muito difícil, ingrata porque não tem tempo pra família, mas com o tempo me acostumei, acho...rsrsrs (...) Tenho veteranos que não “guentaram” quatro anos e pararam. Sempre quis ser marítimo, gosto dessa vida... do mar. Não me arrependo, mas agora mais velho a gente pensa nos filhos, na esposa... é triste... Quando a gente é mais novo nem tanto. Não tem destino é ‘bicho solto’, mas quando vai envelhecendo... É uma profissão boa também por causa dos salários... Tenho amigos que passaram para prático que estão ‘melhor’ que eu ... Mas é muito estudo... Não tenho mais paciência não... Tô velho...rsrsrs Não me vejo em outra profissão não...Hoje tá muito melhor... na minha época, quando comecei, não tinha essas facilidades de tecnologia que tem hoje não... esses ‘feras reclamam de barriga cheia’...rsrsrs”*

2) *“Puxa! a comunicação é fundamental a bordo. Ainda mais num ambiente fechado, isolado... é só céu, mar e o convés... assim tem que se comunicar senão enlouquece. Eu até me acostumei, mas já vi muito “prática” perder a cabeça. Fora que a gente precisa entrar em contato com outras embarcações por vários motivos, pedir ajuda, resolver tarefa de bordo e de navegabilidade(...)”*.

3) *“Olha... eu já viajei com “pessoal novo” e não tive problema não... pelo menos os “prática” eram esforçados, sabiam o vocabulário padrão... Que é o mais importante mesmo... Até porque agora tão exigindo mesmo... Problema em usar o ‘SMCP’ não tinham não... Era mais a situação que eles não tinham experiência ainda, medo de fazer alguma besteira e ser punido...Mas eles perguntam muito e isso é bom... Ajudam muito...eles têm sempre boa vontade... querem aprender...pra ser promovido...pegar experiência (...) Se bem que tem superior que não tem muita boa vontade não... ou ficam meio inseguros dos ‘novatos’ saberem mais, aí criam uma barreira... Tem muito isso a bordo. Alguns mercantes tem um pouco de preconceito de iniciante e de mulher a bordo...”*

4) *“Se você sabe o vocabulário não ‘pega tempo’ não. Dá para ‘safar a onça’ sim. Uma coisa ou outra que você pode não saber, mas não prejudica não. No VHF tem que usar porque as frases seguem uma ordem, tem que usar sempre o “câmbio”, se identificar certo para não confundir... Pro VHF é super necessário...e se for situação de risco mais ainda... No geral precisa sim. Pra quem não conhece parece uma língua estranha porque repete muito, mas é pra o outro entender, pra ‘reforçar’ e evitar o acidente... pra gente é tão natural que não acha estranho...só o pessoal de fora mesmo... até na escola a gente se comunica já usando o vocabulário náutico... aí vai se acostumando...”*

5) *“Não sei se dei sorte até hoje. Já viajei com gente de tudo que é lugar. Mas “graças a Deus” foi tudo bem, mas ‘vira e mexe’ a gente lê sobre esse problema de tripulação mista a bordo e os acidentes graves que acontecem, por causa de desentendimentos na comunicação... O caso do comandante do Costa Concórdia, por exemplo, foi isso. Má comunicação que agravou tudo... o Titanic... e vários outros.. ou é erro humano ou comunicação ou negligência....”*

ENTREVISTA 4

1) *“Rsrprs... Já estou quase me aposentando... rsrsrs já trabalhei em quase todo tipo de navio, trabalhei em navio graneleiro, navio de carga, petroleiro, gaseiro... não tem tempo ruim não rsrsrs... são 30 anos ‘empurrando água’, com muito prazer rsrsrs. Hoje sou comandante... O ingresso na carreira ocorreu em função das oportunidades e de conhecer outras culturas. Naquela época não tinha tanta competição não... nem mulher oficial a bordo... hoje está bom demais... rsrsrs. As mulheres embelezam o ambiente... rsrsrs... Os salários em algumas empresas ainda são interessantes, mas admito que o mercado tá um pouco saturado... tem muito colega desempregado também... Posso dizer que gosto do que faço; apesar de saber que tem períodos que passo trabalhando vários meses e fico longe da família... Acho que isso é o que ninguém consegue acostumar (...)”.*

2) *A comunicação é importante em todo lugar, não só a bordo... mas a bordo nem se fala por causa da segurança, proteção do meio ambiente... Por isso acabaram tendo que criar o vocábulo padrão... assim padronizou a língua e potencializou a segurança...mas é claro que tem lacunas... não adianta saber ele todo se você não tem experiência, não praticar..., é muita situação diferente... fora a divisão de Náutica e Máquinas que usa algumas frases iguais, comuns e outras completamente ‘diferente’(...)”.*

3) *“Pouco tempo embarcado! O vocabulário é usado na íntegra, mas às vezes adaptamos pra facilitar ainda mais e essa ‘manha’ eles ainda não têm quando chegam a bordo... Mas saber o vocabulário já é 50% do problema resolvido. Tem toda condição de se comunicar(...)”.*

4) *“O bom uso do vocabulário padrão, com certeza, auxilia na compreensão das mensagens transmitidas em radiotelefonia... da comunicação de um modo geral...Claro que hoje tem muitas maneiras de se evitar problemas por causa dos equipamentos modernos, de satélites... mas tudo isso é usado junto pra ajudar na comunicação e o vocabulário principalmente... é o ‘arroz com feijão’. Se os tripulantes usarem o SMCP, como exige a IMO, é muito difícil não se entender nas ‘fainas’ da profissão .*

5) *“Sim. Estrangeiro trabalhando com brasileiro, até dentro do Brasil... Hoje tem muita empresa de navegação que já ‘tá’ investindo em cursos, justamente porque essa questão das nacionalidades diferentes trabalhando juntas é motivo de cada vez mais acidentes no mar. Posso estar enganado , mas acho que o conhecimento prévio do oficial que embarca, a consciência dessa diferença de cultura, a boa vontade com o colega de bordo, a paciência de ensinar...contam muito pra diminuir esse problema...”.*